

Universidade Brasil
Campus de São Paulo

ADRIANO DE SOUZA FREITAS

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS
AO ENSINO MÉDIO DO CAMPUS PENEDO – IFAL: ANÁLISE DOS
LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA E A CONSTRUÇÃO
DE CARTILHA AMBIENTAL

THE ENVIRONMENTAL EDUCATION FROM THE INTEGRATED TECHNICAL
COURSES TO THE HIGH SCHOOL AT IFAL CAMPUS PENEDO: AN ANALYSES
OF PORTUGUESE LANGUAGE DIDATIC BOOKS AND THE ENVIRONMENTAL
BOOKLET BUILDING

São Paulo, SP

2018

Adriano de Souza Freitas

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO
MÉDIO DO CAMPUS PENEDO – IFAL: ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE
LÍNGUA PORTUGUESA E A CONSTRUÇÃO DE CARTILHA AMBIENTAL

Orientadora: Prof^a. Dr^a: Denise Regina da Costa Aguiar

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Brasil, como complementação dos créditos necessários para obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

São Paulo, SP

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

F936e Freitas, Adriano de Souza

A educação ambiental nos cursos técnicos integrados ao ensino médio do campus penedo – IFAL: análise dos livros didáticos de língua portuguesa e a construção de cartilha ambiental. / Adriano de Souza Freitas. –São Paulo, SP: Universidade Brasil, 2018.

204 f. il. color.

Orientadora Profa. Dra. Denise Regina da Costa Aguiar

Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Brasil.

1. Educação ambiental. 2. Livro didático 3. Material paradidático. I. Título

CDD 612.8

Termo de Autorização

Para Publicação de Dissertações e Teses no Formato Eletrônico na Página WWW do Respectivo Programa da Universidade Brasil e no Banco de Teses da CAPES

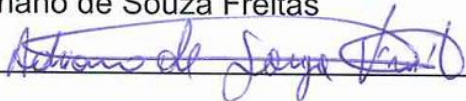
Na qualidade de titular(es) dos direitos de autor da publicação, e de acordo com a Portaria CAPES no. 13, de 15 de fevereiro de 2006, autorizo(amos) a Universidade Brasil a disponibilizar através do site <http://www.universidadebrasil.edu.br>, na página do respectivo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, bem como no Banco de Dissertações e Teses da CAPES, através do site <http://bancodeteses.capes.gov.br>, a versão digital do texto integral da Dissertação/Tese abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira.

A utilização do conteúdo deste texto, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, fica condicionada à citação da fonte.

Título do Trabalho: “A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS CURSO TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DO CAMPUS PENEDO – IFAL: análise dos livros didáticos de Língua Portuguesa e a construção de Cartilha Ambiental”

Autor(es):

Discente: Adriano de Souza Freitas

Assinatura: 

Orientadora: Denise Regina da Costa Aguiar

Assinatura: 

Data: 28/setembro/2018




TERMO DE APROVAÇÃO

ADRIANO DE SOUZA FREITAS

**“A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO
ENSINO MÉDIO DO CAMPUS PENEDO – IFAL: análise dos livros didáticos de
Língua Portuguesa e a construção de Cartilha Ambiental”**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade Brasil, pela seguinte banca examinadora:



Prof(a). Dr(a) Denise Regina da Costa Aguiar (Presidente)



Prof(a). Dr(a). Cristina Veloso de Castro (Universidade Brasil)



Prof(a). Dr(a). Antonella Bianchi Ferreira Ishii (UNIFACVEST)

São Paulo, 28 de setembro de 2018.

Presidente da Banca Prof(a). Dr(a). Denise Regina da Costa Aguiar



DEDICATÓRIA

Àqueles que me amam e torcem, de fato, por mim.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre me proporcionar forças quando achava que não teria condições de prosseguir. Sempre que a demanda era exacerbada e o tempo exíguo, Ele me fazia suportar as adversidades e, assim, de alguma maneira, concluir as tarefas.

À minha família, sobretudo, pai e mãe, porque não estive presente em muitas datas importantes, mas fui compreendido e ainda incentivado a concluir essa fase da minha vida.

Aos meus amigos, sobretudo, os tocantinenses Paulo, Sérgio Túlio, Lilissanne, Haroldo, Márcia, Marivânia, Liberta, Cleyovane Lemos, Cynthia e, a paulista, Camila. Foram determinantes para realização do sonho, pois a companhia na rotina acadêmica e social foi bem decisiva. Durante muitas atividades foram proeminentes para mim, mostrando que sozinho ninguém realiza nada.

À minha namorada, pois foi o ser humano que mais me apoiou em todos os aspectos. Na logística, no estímulo, nas estratégias de estudo. Além de tudo isso, foi uma secretária perfeita, não é exagero falar que foi uma espécie de Andrea "Andy", secretária da Miranda Priestly (Meryl Streep), do filme *The Devil Wears Prada* – no Brasil, *O Diabo Veste Prada*. Conseguia livros e artigos raros ou difíceis de ser encontrados, deixando para mim a tarefa de lê-los. Muito obrigado mesmo. No mesmo caminho seguem todos os integrantes da família dela, pois me apoiaram bastante.

Aos escritores que começaram a pesquisar e divulgar esse assunto tão pertinente à sociedade que a Educação Ambiental.

Aos professores da Universidade Brasil – noutro Unicastelo – pela discussão de conteúdos tão ricos, cuja influência foi significativa na construção desse trabalho, bem como na maneira de trabalhar com meus discentes.

A minha orientadora, não só pelo apoio, incentivo e orientação na construção desse trabalho, mas, sobretudo, por ter aceitado a construir um trabalho com uma perspectiva diferente do normalmente trabalhado.

Em vista de tudo isso, agradeço a todos pelo apoio direto ou indireto. Todos foram importantes para a construção deste texto, mas também para a superação de cada dificuldade encontrada nesse longo trajeto que foi o curso.

É preciso afirmar que ninguém pode ser humilde por puro formalismo, como se cumprisse mera obrigação burocrática. A humildade exprime, pelo contrário, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém.

Paulo Freire

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO DO CAMPUS PENEDO – IFAL: ANÁLISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA E A CONSTRUÇÃO DE CARTILHA AMBIENTAL

RESUMO

Este trabalho trata de analisar como a Educação Ambiental (EA) - que fomenta a perspectiva interdisciplinar, a crítica, a democracia, o respeito e as práticas sociais - está introduzida no livro didático de Língua Portuguesa (LP). Sabe-se que a EA deve ser desenvolvida em todos os componentes curriculares, desta forma, bem pertinente analisar como o livro didático – proeminente recurso pedagógico - traz tal temática e se cumpre o determinado no PNL D 2015. A justificativa está relacionada à importância de analisar como a EA está sendo discutida em outro componente curricular que não seja tão tradicional ao conteúdo como Biologia, Geografia, Ciência e História, além de investigar se os livros didáticos de Língua Portuguesa estão sendo construídos à luz dos documentos legais, que registram a necessidade de desenvolver a temática ambiental, sobretudo, vinculada à realidade cotidiana, fomentando a participação coletiva, desenvolvendo a ética e promovendo a cidadania, outrossim estabelecer, por meio de um material paradidático, novas estratégias para trabalhar a EA nas aulas de Língua Portuguesa. De tal maneira, priorizou-se, além da exploração dos livros didáticos, um levantamento bibliográfico: de dissertações no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; de leis, decretos e pareceres que tratassem da EA/MA e da LP; de livros cuja temática da Educação Ambiental fosse o cerne; de documentos que normatizassem a construção do livro didático de LP; de cartilhas e textos que guiassem a produção de um material paradidático. Tudo à luz dos princípios freireanos, porque são fundamentos para uma educação crítica-emancipatória. O resultado, no tocante à exploração do LD de Língua Portuguesa, foi satisfatório no aspecto quantitativo, pois nos três livros didáticos analisados percebeu-se que a EA estava presente na literatura, na produção textual e, raramente, na gramática, porém de maneira muito superficial, com vasta quantidade de textos e pouca qualidade para uma reflexão mais profunda. Portanto, a EA está presente no livro didático de LP, mas desprovido de textos profícuos e de propostas de atividades de mesma perspectiva.

Assim, a cartilha Letramento Ambiental surge como mais um recurso de promoção da Educação Ambiental, principalmente, no componente curricular de LP. Há a recomendação de estudos afins, especialmente, com enfoque nos materiais/currículos dos cursos superiores, pois se sabe a necessidade de docentes da área de Língua Portuguesa formados para trabalhar, com qualidade, a temática ambiental com os estudantes.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Língua Portuguesa, Livro Didático, Material Paradidático, Paulo Freire.

THE ENVIRONMENTAL EDUCATION FROM THE INTEGRATED TECHINICAL COURSES TO THE HIGH SCHOOL AT IFAL CAMPUS PENEDO: AN ANALYSES OF PORTUGUESE LANGUAGE DIDATIC BOOKS AND THE ENVIRONMENTAL BOOKLET BUILDING

Abstract

This work analyzes how Environmental Education (EA) - which supports interdisciplinary perspective, the criticism, democracy, respect and social practices - is introduced the Portuguese language textbook (PL). It is well known that EA should be developed in all curriculum components, in this way, as well as pertinent analyze the textbook - prominent pedagogic resource - brings this theme and meets the determined in PNLD 2015. The explanation is according important of. analyzing how the EA is being discussed in other curricular component that is not so traditional live content as Biology, Geography, Science and History, as well as investigate whether the Portuguese Language didactic books are being constructed inside of legal documents, that record needs to develop the environmental theme, mainly linked to the everyday reality, fostering collective participation, developing the ethics and promoting citizenship, in addition to establish ways to improve educational materials, new strategies for working EA in Portuguese language lessons. In addition to the exploitation of textbooks, a bibliographic survey: dissertations in thesis catalogs and dissertations from CAPES; laws, decrees and opinions that treat the EA/MA and PL; books whose themes of Environmental Education was the main subject; documents that rules the PL textbooks construction; workbooks and texts that guides educational material production. Everything according to the principles written by Paulo Freire, because they are the foundations for a critical-emancipatory education. The result, in relation to the exploitation Portuguese Language textbook, was satisfactory in a quantitative aspect, because the three textbooks analyzed, it was noticed that EA was present in the literature, In textual production and, rarely, in grammar, but in superficial way, with a vast quantity of low quality texts for a deeper reflection. Therefore, EA is present in the PL textbooks, but devoid of useful texts and proposals for activities in the same perspective. In addition, the Environmental literacy emerges as a resource by Environmental Education promotion, mainly, in LP curriculum. There is a related

research recommendation, especially with a focus on the higher education courses materials/curricula, because we know the need teachers in Portuguese Language area trained to work, with quality, environmental issues with the students.

Keywords: Environmental Education, Portuguese Language, Educational Material, Paulo Freire.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Resenha da coleção SER PROTAGONISTA.....	80
FIGURA 2: O meio ambiente como assunto complementar.....	82
FIGURA 3: Seção "Entre Textos"	136
FIGURA 4: Seção "Entre Textos"	139
FIGURA 5: Exercício acerca de uma propaganda.....	161
FIGURA 6: Prática de linguagem sobre Gênero Publicidade.....	178

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1:Dissertações que tratam da Educação Ambiental e Livro Didático.....	54
QUADRO 2:Dissertações que tratam da Educação Ambiental no livro didático de Língua Portuguesa	63
QUADRO 3:Dissertações que tratam da Educação Ambiental e Paulo Freire.....	68

LISTA DE TABELAS

TABELA 1:Análise do primeiro volume do livro didático de Língua Portuguesa da coletânea Ser Protagonista, RAMOS, 2013a.	118
TABELA 2:Análise do segundo volume do livro didático de Língua Portuguesa da coletânea Ser Protagonista, RAMOS, 2013 b.	142
TABELA 3:Análise do terceiro volume do livro didático de Língua Portuguesa da coletânea Ser Protagonista, Ramos, 2013c.	164

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas

AGAPAN - Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CETESP - Companhia Ambiental do Estado de São Paulo

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CNUMAD - Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento

COLTED – Comissão do Livro Técnico e Livro Didático

CONAMA - Conselho Nacional do Meio Ambiente

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

DCNEM – Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio

EA – Educação Ambiental

EM – Ensino Médio

FENAME – Fundação Nacional do Material Escolar

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica

IBAMA - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IFAL - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas

INL - Instituto Nacional do Livro

JBRJ - Jardim Botânico do Rio de Janeiro

LD – Livro Didático

LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LP – Língua Portuguesa

MEC – Ministério da Educação

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

ONU – Organização das Nações Unidas

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PCNEM – Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio

PLIDEF – Programa do Livro Didático para o Ensino Fundamental

PNLA – Programa de Livros para a Alfabetização de Jovens e Adultos

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

SEB – Secretaria de Educação Básica

SEMA – Secretaria do Meio Ambiente

UNB - Universidade de Brasília

Unesco - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

USAID – Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	27
1.1. Qual vertente da educação ambiental estamos falando?	27
1.2 Delineamento da pesquisa.....	31
1.3 Fundamentação Teórica	34
1.3.1 História concisa da Educação Ambiental e a importância para a pesquisa ..	34
1.3.2 Educação Ambiental no Brasil	44
1.3.3 Relevância do tema e estado da arte.....	52
1.3.3.1 Educação Ambiental no livro didático.....	53
1.3.3.2 Educação Ambiental no livro didático de Língua Portuguesa.....	62
1.3.3.3 Educação Ambiental e Paulo Freire	68
1.3.4 O livro didático de Língua Portuguesa e a relação ao PNLD	75
1.3.5 Paulo Freire: subsídio teórico-metodológico para Educação Ambiental crítico-emancipatória.....	83
2 MATERIAL E MÉTODOS	95
2.1 Levantamento Bibliográfico Dissertações	96
2.2 Levantamento Bibliográfico atinente à Educação Ambiental	98
2.3 Levantamento bibliográfico legislativo e documentos oficiais	101
2.4 Levantamento bibliográfico de Língua Portuguesa	102
2.5 Metodologia para elaboração da Cartilha Educacional	106
2.5.1 Conteúdo.....	107
2.5.2 Linguagem.....	109
2.5.3 Estruturação.....	110
2.5.4 Tipografia, diagramação e layout	111
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	114
3. 1 Análise do primeiro volume do livro didático de Língua Portuguesa.....	117
3. 2 Análise do segundo volume do livro didático de Língua Portuguesa.....	141
3. 3 Análise do terceiro volume do livro didático de Língua Portuguesa.....	163
4 CONSIDERAÇÕES	182
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	189
APÊNDICE - A	196
APÊNDICE – B.....	201
ANEXO	199

RESENHA BIOGRÁFICA DO AUTOR	204
-----------------------------------	-----

APRESENTAÇÃO

Louvemos e coloquemos entre os mais felizes aqueles que fizeram um bom emprego do tempo que lhes foi dado. Este conheceu a verdadeira luz. Ele não foi um entre tantos. Conheceu a vida e vigor.
(Sêneca)

Antes, bem antes de ingressar em uma universidade enquanto acadêmico e ser apresentado à educação ambiental, eu era uma criança que passava minhas férias no interior Sergipe, estado onde vivo. Lá, sempre ia à roça do meu avô paterno, amava estar naquele local, exceto pelas tarefas que ele passava. Estava em meio a árvores, pássaros e córregos de rios - algo indescritível. Amava a natureza e percebia cada vez mais isso, porém não conseguia explicar a relação bem próxima que havia entre mim e todo aquele meio que me cercava, bem como a importância que tinha para minha vida. Após alguns anos, iniciei, em 2006, o curso de Letras Português na Universidade Federal de Sergipe (UFS), lá tive propedêuticos contatos com a Educação Ambiental. Formei, em 2010, e resolvi estudar para concursos públicos, sonhava - e realizei o meu sonho – em ser professor.

Nessa fase de estudos para concursos, li vários documentos, dentre eles a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDBEN, nº 9394/96. Li-a detalhadamente, fiquei surpreso, pois se tratava de um documento fundamental para nortear o meu trabalho profissional. Lendo-a, aprendi que o professor não podia limitar-se à sala de aula e ao conteúdo específico da disciplina, isto é, eu não poderia apenas ensinar literaturas brasileira e portuguesa, gramática pura e produção textual com base em gêneros textuais pertencentes exclusivamente à área da linguagem. O trabalho do professor é amplo, por exemplo, no artigo art. 26, § 7º da LDBEN: os currículos do ensino fundamental e médio devem incluir os princípios da proteção e defesa civil e a Educação Ambiental de forma integrada aos conteúdos obrigatórios. À época da leitura, o inciso estava em vigor, porém foi alterado recentemente pela Lei nº 13.415, de 2017.

Naquela época, fiquei curioso por realmente saber o que era defesa civil e EA, desta forma li alguns artigos da internet e percebi que era um assunto interessante, mesmo não compreendendo todos os pontos. Após a leitura da lei em destaque e dos comentários das várias páginas encontradas na internet, fui apresentado aos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa (PCN e PCN+) e de Meio Ambiente e

Saúde. Li-os e fiquei surpreso, pois percebi que enquanto professor, deveria trabalhar os “conteúdos” da Educação Ambiental. Inicialmente não sabia como faria esse trabalho, mas tudo isso mudou quando passei em um concurso, pois tive que trabalhar a temática, todavia, ainda não tinha competência suficiente para inseri-la adequadamente nas minhas aulas, uma vez que o máximo que fazia era levar pequenos textos relacionados a catástrofes ambientais e discuti-los.

Todavia, após a releitura dos textos já mencionados e da leitura de novos textos, a citar, a Constituição Federal de 1988 (art. 225) e o livro de “Educação Ambiental”, de Reigota (2014), comecei a interessar-me com mais afinco por essa seara de estudo, porque percebi melhor a EA, sobretudo, política e suas possibilidades de trabalho no componente curricular de Língua Portuguesa. Não há menosprezo nenhum pelas outras vertentes, mas essa é mais afim a minha proposta de pesquisa e foi quando cresci consideravelmente no estudo e na percepção da Educação Ambiental/Meio Ambiente.

Outro fator fomentador para a minha aproximação com a Educação Ambiental e pesquisa na área se deu quando me tornei Coordenador de um curso superior em um Instituto Federal (ano de 2014). Houve uma polêmica relacionada ao componente curricular de Educação Ambiental, pois ele não deveria ser trabalhado de maneira isolada (forma de disciplina) - segundo alguns docentes -, mas sim de maneira transversal e interdisciplinar. Enfim, foi uma polêmica interessante, pois os mais diferentes professores não chegavam a um ponto comum, assim, tal fato levou-me a conhecer a Lei Nº 9.795, de 27 de Abril de 1999 e a Resolução nº 2, de 15 de Junho de 2012, para assim decidir sobre a situação.

Em outras palavras, uma série de fatores foram sendo agrupados de maneira gradativa e, conseqüentemente, fiquei fascinado pela Educação Ambiental/Meio Ambiente, proeminentemente, não ortodoxa. Todas essas circunstâncias, desde a infância à fase adulta, levaram-me a querer pesquisar sobre. A possibilidade de concretizar essa investigação e ainda dar continuidade na minha formação aconteceu quando descobri, por intermédio de um amigo, a Unicastelo (atualmente, Universidade Brasil) e o curso de Ciências Ambientais. A instituição oferece o curso numa vertente modular e, como não podia me afastar do trabalho, resolvi concorrer a uma vaga, pois era o que, de fato, estava precisando. Felizmente fui selecionado.

Agregado a tudo isso, percebi que mesmo amando a literatura, a gramática e a produção textual, eu poderia fazer um mestrado numa área “diferente”, a qual iria

ampliar a minha visão de mundo, de ensino, de conhecimento, de pesquisa e, de tal maneira, consegui pensar numa ideia que, particularmente e com muita humildade, creio ser bastante pertinente: analisar o livro didático de Língua Portuguesa por um viés da EA.

Essa ideia surgiu com finalidade de promover a EA na disciplina de Língua Portuguesa e a reboque seguir os preceitos dos documentos educacionais norteadores da EA como argumento de autoridade, bem como os novos estudos da área, a citar, a relação da Educação Ambiental com Paulo Freire. Este, além de ser referência na seara pedagógica está, à medida que as pesquisas em Educação Ambiental crítico-emancipatória ganham notoriedade, sendo bastante citado nos trabalhos. Segundo Loureiro e Torres:

Assim, Paulo Freire é o autor cuja frequência é a maior dentre todos os autores que constam nas referências bibliográficas das dissertações e teses examinadas, inclusive superando a frequência de autores que têm como foco privilegiado em suas respectivas obras os temas de Meio Ambiente e de EA. (LOUREIRO E TORRES, 2014, p.103)

Freire, em toda a sua obra, construiu conceitos que são pertinentes diretamente aos princípios da Educação Ambiental. Além do mais, para discussão deste trabalho e construção do material paradidático, ele foi imprescindível, pois cada texto, imagem e pergunta (tema gerador) está pautado na promoção da ação e na reflexão de cada problemática, direcionando, na medida do possível, a resolução de situações-problema. Ideias estas defendidas por Freire em vários dos seus livros, principalmente, Pedagogia da Autonomia (2016) e Pedagogia do Oprimido (1987).

Merece destaque aqui alguns excertos de Pedagogia da Autonomia (2016) que estimularam a criação da cartilha e a escolha enquanto aporte teórico para produção do texto de culminância:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária -, mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos rios e dos córregos e os

baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração os bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Essa pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É Pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia. (FREIRE, 2016a, p.32)

E ainda:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? “Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada a ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos”. (FREIRE, 2016a p.32)

Ainda em tempo, é importante destacar que antes da confecção do trabalho e produção da cartilha, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, maiormente, em livros, dissertações, textos jurídicos e artigos, e foi ratificada a hipótese de que há muito a ser realizado na perspectiva ambiental política imbricada à Língua Portuguesa.

A título de especificação da pesquisa, é importante ressaltar que não foi analisado o conhecimento que os professores têm acerca da temática ou ainda se houve formação adequada a eles, tampouco como esse conteúdo está sendo disseminado na sala de aula ou pela instituição. O objetivo é analisar o livro didático de Língua Portuguesa, em razão de que se sabe que o livro é um excelente recurso e deve subsidiar as atividades docente. Com certeza, há muitos textos tanto na seção de literatura quanto de produção textual, mas por que não são usados numa perspectiva ambiental política? Se está equivocado nesse sentido, cabe uma intervenção no livro didático ou então a confecção de um material complementar.

Deve ser destacado que a finalidade não é transformar as aulas de Língua Portuguesa numa promoção exclusiva da EA, porém sim criar possibilidades para ela ser trabalhada nesse componente curricular. Nas aulas de Língua Portuguesa, devemos sim criar estratégias fomentadoras, para tanto, devem ser usados os mais variados textos como suporte para discutir os princípios e os fundamentos que constam, por exemplo, nos artigos 4º e 5º da Lei nº 9795/99:

Art. 4º São princípios básicos da educação ambiental:

I - o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo;

II - a concepção do meio ambiente em sua totalidade, considerando a interdependência entre o meio natural, o socioeconômico e o cultural, sob o enfoque da sustentabilidade;

III - o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade;

IV - a vinculação entre a ética, a educação, o trabalho e as práticas sociais;

V - a garantia de continuidade e permanência do processo educativo;

VI - a permanente avaliação crítica do processo educativo;

VII - a abordagem articulada das questões ambientais locais, regionais, nacionais e globais;

VIII - o reconhecimento e o respeito à pluralidade e à diversidade individual e cultural.

Art. 5º São objetivos fundamentais da educação ambiental:

I - o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos;

II - a garantia de democratização das informações ambientais;

III - o estímulo e o fortalecimento de uma consciência crítica sobre a problemática ambiental e social;

IV - o incentivo à participação individual e coletiva, permanente e responsável, na preservação do equilíbrio do meio ambiente, entendendo-se a defesa da qualidade ambiental como um valor inseparável do exercício da cidadania;

V - o estímulo à cooperação entre as diversas regiões do País, em níveis micro e macrorregionais, com vistas à construção de uma sociedade ambientalmente equilibrada, fundada nos princípios da liberdade, igualdade, solidariedade, democracia, justiça social, responsabilidade e sustentabilidade;

VI - o fomento e o fortalecimento da integração com a ciência e a tecnologia;

VII - o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade.
(BRASIL, 1999, p.2)

Todos esses itens, sem exceção, podem ser discutidos nas aulas de Língua Portuguesa, sobretudo, porque servem como fonte de argumentos para produção de textos mais humanos. Pensando nisso, foi confeccionado o material paradidático, para haver leitura e produção textual, todavia com assuntos direcionados ao bem-estar, ao social, ao meio ambiente à proteção ambiental e humana. Lembrando que o enfoque é o discente do ensino médio, pois há muita músicas, imagens, leis e reportagens direcionadas a esse público, mas nada impede que possa ser adaptado a outros níveis e até modalidades de ensino diversas.

Portanto, a “Educação Ambiental” que era apenas para ser contemplada, depois tornou-se um conteúdo a ser memorizado e percebido como univocamente ecológico, tornou-se, felizmente, num assunto interessante para mim enquanto pessoa e enquanto professor crítico que fomenta a emancipação dos estudantes, tornando-os, portanto, em cidadãos melhores. O curso e esta investigação já contribuem e contribuirão ainda mais para eu melhorar minha didática e ampliar possibilidades de novos estudos para os estudantes. Não “formando” estudantes que memorizem o que é Educação Ambiental ou qualquer outro conteúdo, todavia sim que ajam de maneira política, que lutem pela floresta, pelos rios, pelos animais; que discutam sobre cidadania e relações sociais; que debatam sobre como melhorar o planeta e quais políticas devem ser fomentadas. Tudo isso pode ser percebido no livro didático, na aula de Língua Portuguesa e, claro, dentro de todas as escolas e fora delas.

Para apresentar o resultado dessa pesquisa, configurado nessa dissertação, o presente texto se estrutura da seguinte forma:

Capítulo I – Introdução: contextualização e caracterização da pesquisa (Educação Ambiental, livro didático e Língua Portuguesa), relevância do tema, justificativa, explanação do problema, fundamentação teórica, objetivos e as etapas de trabalho. Sucinta digressão histórica da Educação Ambiental como campo pedagógico e de perspectiva política. Síntese de um estudo de arte (estudo correlato), cuja análise se deu em três vieses, a citar, (1) Educação Ambiental no livro didático, (2) Educação Ambiental no livro didático de Língua Portuguesa e (3) Educação Ambiental e Paulo Freire.

Capítulo II - Referencial metodológico: os métodos, o local, bem como os procedimentos e instrumentos utilizados para coleta de dados são apresentados e discutidos. Destacando os principais textos – resenhando-os - que serviram para análise dos livros didáticos e, conseqüentemente, para construção do material paradidático.

Capítulo III - Resultados e discussão: são analisados os livros didáticos de Língua Portuguesa, os três volumes são criticados minuciosamente. Todas as seções dos volumes são investigadas a partir dos princípios da Educação Ambiental. Foram criadas subseções a fim de didatizar a análise dos livros.

Considerações finais - Síntese da pesquisa e explanação de proposta interventiva, além de suscitar propostas de trabalhos futuros. Tudo isso à luz da

Educação Ambiental crítico-emancipadora, pois é um caminho humano e progressista.

1 INTRODUÇÃO

Nesta introdução serão vistas as seguintes questões (1) o que é Educação Ambiental e qual tipo está sendo relevado, (2) os objetivos: geral e específicos dessa investigação, (3) a problemática, a justificativa e sua delimitação, bem como a (3) base teórica (fundamentação), isto é, o que se sabe desse assunto, principalmente, no tocante as últimas pesquisas relevantes sobre a temática - o que normalmente é chamado de estudo da arte ou correlato. Obras pertinentes como (4) livros e textos jurídicos serão ressaltados, ao passo que os demais serão destacados na seção Material e Método. Destaca-se também a caracterização dos livros didáticos da coleção Ser Protagonista, que serviam de objeto para essa investigação, assim como obras de Freire (1987, 2000, 2016a&b) foram fundamentos que sustentaram a ideologia da pesquisa.

1.1. Qual vertente da educação ambiental estamos falando?

Quando se fala a um leigo sobre Educação Ambiental (EA), com certeza ele já associa à mata, à floresta, à queimada, ao lixo espalhado pela cidade etc. Não está, de maneira ampla, equivocado, porém se sabe que é uma ideia superficial ou limitada da grande área que a EA. Ademais, se for perguntado sobre qual disciplina (componente curricular) deve se ater a passar, discutir, incrementar esse conhecimento educacional, provavelmente, este leigo responderá que a Biologia, Ciências, Geografia e, talvez, História. Excepcionalmente, uma pessoa refletirá sobre o que é, de fato, Educação Ambiental e perceberá que esse “conteúdo” tão importante deve ser tratado em todos os componentes e, além disso, deve ser trabalho de maneira associativa, isto é, com “o pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, na perspectiva da inter, multi e transdisciplinaridade” (BRASIL, 1999, p.1). Além disso, como diz Guimarães, “A EA apresenta uma nova dimensão a ser incorporada ao processo educacional, trazendo toda uma recente discussão sobre as questões ambientais, e as conseqüentes transformações de conhecimento, valores e atitudes diante de uma nova realidade a ser construída” (2013, p.9). Assim, a Educação Ambiental aqui investigada não está preocupada apenas com vertente ecológica – mesmo essa sendo bem pertinente -, no entanto sim mais debruçada sobre as

questões políticas, pois essa está mais estreita com a questão do livro didático, cerne desta pesquisa. Uma EA menos ortodoxa e específicas das matas, dos animais e, portanto, dos impactos diretos causados pelos homens, está-se preocupado em realmente perceber como o Homem, sobretudo, o jovem está recebendo informações acerca da EA, se ela possui essência cidadã e promotora de mudanças. Nessa mesma perspectiva Reigota (2014) afirma:

Quando afirmamos e definimos a educação ambiental como educação política, estamos afirmando que o que deve ser considerado prioritariamente na educação ambiental é a análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza e as relações entre os humanos, visando a superação dos mecanismos de controle e de dominação que impedem a participação livre, consciente e democrática de todos. A educação ambiental como educação política está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum. (REIGOTA, 2014, p.13)

Curioso e interessante a este trabalho é perceber que essa dimensão da EA já vem há muitos anos sendo garantida e fomentada por arcabouços legislativos, por exemplo, a Constituição Federal (CF/88) destaca no seu artigo 225, inciso VI, “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”; na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), nº 9394/96 -, no seu art. 26, parágrafo 7º, “Os currículos do ensino fundamental e médio devem incluir os princípios da proteção e defesa civil e a educação ambiental de forma integrada aos conteúdos obrigatórios¹”; na Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, tem-se uma norma de 21 artigos dedicados à Educação Ambiental, podendo ser destacado nesse contexto o art. 2º, “A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal” e o art. 4º, inciso I, “São princípios básicos da educação ambiental: o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo”; Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, nos artigos art. 5º e art. 6º, respectivamente,

¹ Na época da confecção do projeto de pesquisa, esse artigo ainda estava vigorando, não obstante foi alterado pela lei nº Lei nº 13.415, de 2017. O artigo desta lei é o 3º, parágrafo primeiro, trata desta questão. Deve ser destacado que a nova lei deixa a questão ambiental um pouco vaga.

“A Educação Ambiental não é atividade neutra, pois envolve valores, interesses, visões de mundo e, desse modo, deve assumir na prática educativa, de forma articulada e interdependente, as suas dimensões política e pedagógica” e “A Educação Ambiental deve adotar uma abordagem que considere a interface entre a natureza, a sociocultura, a produção, o trabalho, o consumo, superando a visão despolitizada, acrítica, ingênua e naturalista ainda muito presente na prática pedagógica das instituições de ensino”.

Necessariamente a Educação Ambiental aqui destacada é garantida por leis e defendida por teóricos, por exemplo, Torres , “(...) garantam o desenvolvimento de atributos da EA no contexto escolar, como a perspectiva interdisciplinar, crítica e problematizadora; a contextualização; a transversalidade; os processos educacionais participativos; a consideração da articulação entre as dimensões local e global” (TORRES, 2010, apud LOUREIRO; TORRES, 2014, p.14), e Reigota, “(...) a educação ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido de que ela reivindica e prepara os cidadão e as cidadãs para exigir e construir uma sociedade com justiça social, cidadanias (nacional e planetária), autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza” (REIGOTA, 2014, p.14). As ideias deles (assim como das leis supracitadas) são exemplificadoras de qual Educação Ambiental está se defendendo. Deixa-se em detrimento uma educação ambiental não convencional e fragmentada, para concentrar numa EA voltada para um processo crítico, criativo, disseminadora de conhecimento; pautada na contígua relação entre seres humanos e estes e natureza; sobretudo, conscientizadora e participativa, pois a educação aqui legitimada segue os princípios tão bem-postos por Guimarães:

Apenas a ação gera um ativismo sem profundidade, enquanto apenas a reflexão gera uma imobilidade que não cumprirá com a possibilidade transformadora, já dizia Freire. Em razão disso, dá-se grande importância ao papel participativo, atuante do educado/educador na construção do processo de EA, envolvendo-se integralmente, domínio afetivo e cognitivo, com a realidade apresentada, vivenciando-a criticamente para atuar na construção de uma nova realidade desejada. Essa posição contrapõe-se aos atuais processos educacionais que predominam nas escolas brasileiras, em que há uma concepção viciosa de colocar a ação em segundo plano, priorizando a transmissão de informações teóricas pela racionalidade sem atentar para a emoção. Limita-se assim à esfera teórica, sem agir na prática. (GUIMARÃES, 2014, p.32)

Portanto, a educação ambiental abordada nessa investigação defende todos esses princípios destacados anteriormente, pois são salutares para uma educação mais humana e, conseqüentemente, impulsionadora de uma sociedade mais harmoniosa, justa e democrática. Relevante destacar que a análise do livro didático, bem como a construção do material paradidático aconteceram à luz desses ideais. Sobre os livros, vale ressaltar que cada gênero textual (e atividades) cuja temática ambiental estava contida foi criticado conforme os princípios supracitados, a fim de notar se a EA presente nos livros didáticos está sendo trabalhada com qualidade, priorizando o enfoque humanista, a democracia, a ética, a participação e fomentando a consciência crítica ambiental e social. No que se refere à produção da cartilha, destaca-se a apreciação de todos os princípios, especialmente, o fomento a capacidade crítica.

O objetivo central da pesquisa foi analisar a temática da Educação Ambiental nos livros didáticos de Língua Portuguesa, utilizados no Ensino Técnico integrado ao Ensino Médio, no Instituto Federal de Alagoas (IFAL), bem como construir um material paradidático complementar.

A partir do objetivo central, procura-se responder a objetivos específicos:

- Entender a Educação Ambiental em uma perspectiva crítico-emancipatória e possibilidade de trabalhar pedagogicamente com a temática nas aulas de Língua Portuguesa a partir do que destacam os pesquisadores e os arcabouços legislativos.
- Compreender melhor a finalidade do livro didático e a que ele se propõe, bem como catalogar/tabular todos os gêneros que tenham como cerne a temática ambiental.
- Considerar as últimas pesquisas acerca da Educação Ambiental nas perspectivas do livro didático de Língua Portuguesa e da abordagem freireana.
- Construir uma cartilha para nortear o trabalho da Educação Ambiental em uma perspectiva crítico-emancipatória no componente curricular de Língua Portuguesa.

Levanta-se como hipótese que o livro didático aborda as questões ambientais de maneira superficial, por isso a necessidade de ser mais profícuo com a criação de um material paradidático, corroborando também a ideia de desenvolver a crítica, a criatividade e construção de conhecimentos significativos para a vida dos estudantes.

1.2 Delineamento da pesquisa

Após análise de todos esses documentos e refletindo acerca da Educação Ambiental aplicada ao componente curricular de Língua Portuguesa, foi pensado em analisar o livro didático deste importante componente curricular. A finalidade foi destacar como esse importante recurso aborda por meio dos mais variados textos (gêneros textuais) e atividades esse imprescindível conteúdo. Sabe-se que a Educação Ambiental deve ser promovida de maneira integrada aos programas, deve ser inter, multi e transdisciplinar, bem como desenvolver aspectos ecológicos, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos. Atrelando tudo isso à curiosidade de saber como o livro didático aborda essas questões e perceber o cumprimento do que prescrevem os documentos norteadores da produção do livro didático, a citar, Lei nº 9394/96 e Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)², que no processo de escolha destaca a importância de livros que preparem para cidadania, esteja presente a sustentabilidade socioambiental e relacione o meio ambiente à prática social, desta forma, foi pensada a pesquisa.

Nesta mesma perspectiva afirmam Dionísio e Bezerra (2005), o livro didático vem despertando atenção:

Quebrando uma longa prática de descompromisso com a qualidade dos livros didáticos (LD) que comprava para uso das escolas públicas, a então FAE constituiu, em 1993, uma comissão para definir critérios de avaliação do LD. A partir de 1996, o MEC passou a subordinar a compra dos LD inscritos no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) a uma aprovação prévia efetuada por uma avaliação oficial sistemática (daqui por diante, Avaliação). Desde então, muito embora não apenas por este motivo, o livro didático de Português (LDP) vem despertando uma atenção renovada de educadores e pesquisadores, suscitando debates e polêmicas de que este livro é mais uma testemunha.” (DIONISIO; BEZERRA, 2005, p.13).

O livro didático é um recurso presente, principalmente, em escolas públicas e, mesmo com o advento maciço da internet, ele é usado com muita frequência, serve como material de pesquisa e conseqüentemente aprofundamento de conhecimento. As obras didáticas são formadoras de opinião, por sua vez merece ser analisada, ainda mais quando o assunto é imprescindível. Conforme Dionísio e Bezerra (2005):

² Foi tomado como referência, necessariamente, o PNLD do ano de 2015, que está disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/guia-do-livro-didatico/item/5940-guia-pnld-2015>

O LDP, entendido como um livro composto por unidades (lições ou módulos) com conteúdos e atividades preparadas a serem seguidos por professores e alunos, principalmente na sala de aula, constitui-se, se não o único material de ensino/aprendizagem, o mais importante, em grande parte das escolas brasileiras. Essa importância é tal, que o interlocutor dos alunos não é mais o professor, mas o autor do LDP: interlocutor distante, dificultando a interação com alunos, e porta-voz presente (professor), quase sem autonomia, seguindo página a página a proposta do autor” (DIONISIO; BEZERRA, 2005, p.35).

Desta forma, foram analisados três livros didáticos³ pertencentes à coletânea Ser Protagonista. Todos os cadernos/seções foram apreciados, isto é, etapa da literatura, produção textual e gramática. O intento de identificar a EA na perspectiva ecológica, porém, maiormente política, para assim fazer não só um panorama, mas também crítica e sugestões de aperfeiçoamento.

Cabe ainda fazer algumas considerações situacionais do uso da coletânea, principalmente por se tratar do componente curricular de Língua Portuguesa, uma vez que geralmente tem a maior carga horária semanal e, conseqüentemente, anual. Portanto, há mais tempo para as discussões e, conseqüentemente, a “formação” de opinião mais cristalizada. No *campus* Penedo do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), nos dois cursos técnicos integrados ao ensino médio, “Açúcar e Álcool” e “Meio Ambiente”, as cargas horárias totais dos cursos, envolvendo todas as disciplinas, são respectivamente, 4266,55 e 3993,19, ao passo que a Língua Portuguesa tem maior carga horária total ao final de ambos os cursos, 400. Em outras palavras, trata-se de um componente que possui uma carga horária elevada e dispõe de um material didático, o qual é entregue a todos os estudantes e utilizado pelos docentes. Indaga-se se essa ferramenta pedagógica contém conteúdos/informações/orientações acerca da EA, pois é necessário saber, obviamente, fazendo um afunilamento, se o livro didático está subsidiando o professor nessa perspectiva.

A análise dos livros foi realizada de maneira exploratória, houve uma catalogação de cada gênero cuja temática estava relacionada à Educação Ambiental. A finalidade de analisar e criticar o item, sempre destacando como a EA é demonstrada (enquanto temática principal ou acessório para ornamentar a página ou

³ RAMOS, Rogério de Araújo. Ser Protagonista: Língua Portuguesa. 2. Ed. São Paulo: Edições SM, 2013a.

seção) e trabalhada (perspectivas das questões) no livro didático de Língua Portuguesa. À título de comprovação com a EA nas aulas de língua portuguesa será elaborada uma cartilha, haja vista, há um faraônico propósito em disseminá-la, pois a LP trabalha com textos (gêneros textuais diversos) e eles são o cerne para uma cristalização da Educação Ambiental na escola e posteriormente na sociedade.

Ainda como embasamento para análise e delimitação tem-se o PNLD⁴ do ano de 2015 e as legislações pertinentes, pois o livro foi construído (teoricamente) à luz dele. Na resolução nº 42, de 28 de agosto de 2012 - dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para a educação básica, há, logo na primeira consideração, “a educação um direito de todos e um dever do Estado, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”, parte-se, acertadamente, do princípio que o livro didático deve conter “conteúdos” atinentes à EA, mormente, política, haja vista está ainda mais ligada à questão cidadã. No PNLD de Língua Portuguesa também foram encontradas palavras semelhantes: “desenvolver sua proficiência, seja em usos públicos da oralidade, seja em leitura, em literatura e em produção de gêneros textuais relevantes para a formação escolar, para o ingresso no mundo do trabalho e para o pleno exercício da cidadania” (GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS, 2014a, p.7) e ainda é destacada a justificativa para que a Língua Portuguesa permaneça no ensino médio:

(...) o papel central da língua e da linguagem, tanto nas práticas sociais de diferentes esferas e níveis de atividade humana, quanto na aquisição pessoal de conhecimentos especializados. Ou seja: assim como no ensino fundamental (EF), o desenvolvimento da proficiência oral em situações públicas e, particularmente, da proficiência em escrita, é condição tanto para a formação do aluno como cidadão, como para o desenvolvimento de sua autonomia relativa nos estudos. (GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS, 2014a, p.8)

⁴ Resolução 42/2012 - Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para a educação básica.

Resolução 02/2011 - Sistematização e consolidação do modelo de verificação de qualidade e cálculo de multas por não conformidades físicas de materiais didáticos, a serem aplicados nos contratos administrativos de execução dos programas e projetos educacionais, contratados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação e dá outras providências.
Resolução 40/2011 - Dispõe sobre o Programa Nacional do Livro Didático do Campo (PNLD Campo) para as escolas do campo.
Decreto 7084/2010 - Dispõe sobre os programas de material didático e dá outras providências.

Nesse documento, há ainda outros argumentos que corroboram a necessidade de o livro didático de Língua Portuguesa trabalhar a EA. Além desses últimos citados, facilmente se encontram outras produções que afirmam que o jovem do Ensino Médio deve ser um ator social, portanto, deve protagonizar cenas significativas e relevantes para a vida social e que permita a reconstrução de valores sociais relevantes, para assim findar numa plena cidadania. Pode-se concluir necessariamente, segundo o PNLD, que tudo isso deve estar no livro didático, desta forma, torna-se imprescindível investigar como a coleção Ser Protagonista protagoniza a Educação Ambiental, haja vista são livros que estão dentro de uma instituição federal de ensino subsidiando na formação de cidadão, que trabalharão diretamente com pessoas e o meio ambiente.

1.3 Fundamentação Teórica

Nesta etapa, veremos alguns conceitos - outros já foram explicitados na primeira etapa da introdução e serão corroborados a partir das obras na etapa metodológica – que são importantes para demonstrar a pertinência da EA. Primeiro, o processo histórico da educação ambiental no mundo e no Brasil, pois este foi imprescindível para o entendimento do que é, de fato, Educação Ambiental, bem como para a construção do material paradidático; segundo, demonstrar o que já fora investigado acerca dessa temática e de áreas afins, assim foram priorizados assuntos relacionados à Educação Ambiental no livro didático, à Educação Ambiental no livro didático de Língua Portuguesa e a relação Educação Ambiental crítico-emancipatória e Paulo Freire; terceiro, evidenciar alguns conceitos que serviram de alicerces para construção do trabalho, a citar, os escritos de Freire (1987, 2000, 2016a&b), Reigota (2011 e 2014), Loureiro e Torres (2014). Além desses, outros assuntos serão destacados, por exemplo, os projetos políticos dos cursos do campus Penedo/IFAL, os PCNS, o PNLD de Língua Portuguesa do ciclo que teve início em 2015 e textos legislativos, cuja importância foi decisiva para o trabalho.

1.3.1 História concisa da Educação Ambiental e a importância para a pesquisa

Para melhor contextualização do trabalho, faz-se imprescindível traçar um conciso percurso da Educação Ambiental (EA) a fim de que fiquem destacadas as mudanças que ocorreram e como a EA se ramificou para outras áreas. Sabe-se que há duas vertentes desse percurso, uma não-oficial e outra oficial, aquela com poucos registros, esta (oficial) mais destacada pelos grandes eventos mundiais, especialmente, quando ressaltada a Conferência de Tbilisi (1977), importante evento no qual foram estabelecidos os princípios orientadores da EA, outrossim o caráter interdisciplinar, crítico, ético e transformador. Conteúdos estruturais dessa pesquisa, sobretudo, na análise dos livros didáticos e construção do material paradidático.

No tocante a esse período não-formal ou, como disserta Reigota, semioficial, afirma ser importante lembrar que “essa história semioficial é necessário lembrar que, muito antes deles, pessoas e grupos, de forma discreta, mas muito ativa, já realizavam ações educativas e pedagógicas próximas do que se convencionou chamar de educação ambiental” (REIGOTA,2014, p.21).

Assim, como em outras áreas, a EA surgiu de maneira informal e, aos poucos, foi sendo ‘formalizada’. Então, pode-se concluir que o embrião da Educação Ambiental surgiu com pessoas com pouco destaque na sociedade, mas promovendo ações que foram crescendo e, paulatinamente, ganhando notoriedade. Pode ser ressaltado já como ponto de oficialização da Educação Ambiental o evento que aconteceu em Roma, em 1968, todavia, um pouco antes, em 1962, foi publicado o livro “Primavera Silenciosa⁵”, cuja temática estava direcionada aos danos das ações humanas sobre o meio ambiente. Em outras palavras, foi uma ação de uma escritora, Rachel Carson, que começou a registrar os problemas ambientais, curiosamente, esse problema não deixou de existir e, com certeza, foi agravado, o uso de pesticidas.

Em Roma, a reunião, cuja discussão estava relacionada ao uso e estoques de recursos naturais não-renováveis, tratou também da ascensão da população mundial até o século XXI. Após quatro anos do evento (1972), foi lançado pelo Clube lá formado o relatório “Os Limites do Crescimento⁶”. Segundo Reigota, o clube de Roma foi muito importante: “um dos méritos dos debates das conclusões do Clube de Roma foi colocar o problema ambiental em nível planetário, e como consequência

⁵ O livro “Primavera Silenciosa” foi lançado em outubro de 1962. Faz referência ao silêncio dos pássaros mortos pela contaminação de agrotóxicos. O livro fez muita polêmica a favor do meio ambiente.

⁶ O relatório destaca os limites da exploração dos recursos naturais. O documento também influenciou a conferência de Estocolmo.

disso, a Organização das Nações Unidas realizou em 1972, em Estocolmo, Suécia, a Primeira Conferência Mundial de Meio Ambiente Humano” (REIGOTA, 2014, p.23).

Em 1974, na Finlândia, em Jammi, no Seminário de Educação Ambiental, esta foi reconhecida como integral e permanente, ou seja, ela não poderia ser trabalhada de maneira isolada e pontual, como ordinariamente acontece em escolas. Após o concílio na Finlândia, ocorreu em Belgrado, Sérvia, - à época, Iugoslávia -, a Conferência de Belgrado (1975), foi publicada, então na ocasião, a Carta de Belgrado, documento que estabeleceu metas e princípio da Educação Ambiental. Especialistas afirmam que a carta é considerada o marco histórico para a evolução dos movimentos em torno da questão ambiental. A carta, dependendo da formatação, possui 3 páginas de profunda reflexão, mesmo sendo tão lacônica, há uma espécie de introdução/apresentação que é intitulada de **Situação da problemática ambiental**, nessa etapa, é notória a preocupação política e não apenas ecológica, haja vista os aspectos sociais e a tecnologia colocados, de fato, como fator de degradação ambiental. Há no documento destaque por uma busca pela erradicação das causas básicas da pobreza, da fome, do analfabetismo, da contaminação, da exploração e da dominação, informações que ampliaram a visão do que é EA e permitiu, por conseguinte, um maior conhecimento dos conteúdos, assim houve mais possibilidades de análise dos gêneros textuais nos livros didáticos. Ainda sobre o escrito de Belgrado, devem ser destacados os cernes dos princípios (são oito (8)), sendo verdadeiros norteadores de documentos que surgiram posteriormente e desta pesquisa. Algumas palavras-chave são relevantes neste momento: processo contínuo; interdisciplinar; prevenção e solução; e cooperação a nível local, nacional e internacional na solução dos problemas ambientais. Enfim, o evento foi mais um precursor da concretização da Educação Ambiental, proeminentemente, pela confecção e disseminação da carta.

Em 1976 ocorreram dois protuberantes eventos. No Peru, em Chosica, e na Colômbia, em Bogotá, foram discutidas as questões ambientais, obviamente, com enfoque na América Latina. Além do que já havia sido pauta em eventos anteriores, fora deslindada a Educação Ambiental como contribuidora da transformação social. No mesmo ano, na República do Congo, em Brazzaville, foi reconhecida a pobreza como maior problema ambiental, assunto bastante analisado no livro didático, uma

vez que há vários gêneros textuais⁷ que tratam do assunto, de tal forma, percebeu-se a necessidade de crítica e de problematização diante dos discentes, por isso fora também colocado no material paradidático, porque é pertinente conscientizar os indivíduos que a pobreza é algo a ser erradicado. Desta forma, na cartilha foram inseridas algumas músicas e sugestão de vídeos para ampla discussão em busca de crítica e reflexão.

Em 1977, de 14 a 26 de outubro, a Organização da Nações Unidas (ONU), por intermédio da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), organizou a Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental para o Ambiente. O evento aconteceu na cidade de Tbilisi, Geórgia (ex-URSS), por isso, correntemente, o evento é intitulado de Conferência de Tbilisi. O destaque está relacionado aos princípios orientadores da Educação Ambiental - da mesma maneira que corrobora com os princípios de interdisciplinaridade, crítica, ética e transformação anteriormente frisados -, pois são colocados como imprescindíveis para uma educação global orientada para resolução dos problemas por intermédio da participação ativa dos educandos na educação formal e não-formal. O produto – além de outros, obviamente – foi a Declaração da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental. No preâmbulo do documento foi destacada a situação de desequilíbrio da natureza provocado pelo homem, da necessidade de uma nova ordem internacional e a imprescindibilidade da Educação Ambiental:

A Educação Ambiental deve ser orientada para a comunidade. Deverá envolver o indivíduo num processo ativo de resolução de problemas que permita resolvê-los no contexto de realidades específicas, estimulando a iniciativa, o sentido da responsabilidade e o empenho de construir um futuro melhor. Por sua própria natureza, a Educação Ambiental pode contribuir significativamente para a renovação do processo educativo. (UNESCO, 1977, p.1)

Após a parte introdutória do texto, há as recomendações para uma EA contínua e de permanente renovação, ao total, são 41 recomendações, as quais são subdivididas em outras recomendações, em objetivos e em princípios. O texto é rico, pois mostra a expressividade da Educação Ambiental, alguns termos-chave ou palavras-chave merecem ser destacadas, sobretudo, para esta pesquisa, bem como

⁷ Segundo Bakhtin, tipos relativamente estáveis de enunciados, por exemplo, música, cardápio, jornal.

para confecção do material paradidático, verifiquemos: considerar o ambiente em sua totalidade; empregar um enfoque interdisciplinar, aproveitando o conteúdo específico de cada disciplina; fazer com que os alunos participem na organização de suas experiências de aprendizagem; que as situações socioeconômicas determinam diferentes aspectos educativos; que seria preferível que a Educação Ambiental se dedicasse de imediato à busca de solução dos problemas e em função das oportunidades de ação; a necessidade de que os docentes compreendam a importância de incluir em seus cursos o ensino da questão ambiental; e docentes e educandos participem diretamente da preparação e adaptação dos materiais didáticos para a Educação Ambiental. Sabe-se que muitas recomendações estão direcionadas aos Estados Membros, porém, pode-se utilizá-las para reflexão, crítica e adaptação ao ensino, pesquisa e confecção de material. Para finalizar as informações sobre essa década, não poderia deixar de ser citado o que ocorreu em São José, Costa Rica, no ano de 1979: o Encontro Regional de Educação Ambiental para América Latina. Pode-se considerar que o evento foi uma continuação – por isso tão importante - do que ocorrera em Tbilisi, não obstante com menor expressividade, mas sendo destacada, por exemplo, a interdisciplinaridade, algo reforçado pois se sabe a importância holística da EA. Portanto, a década de 70, do século XX, foi muito rica para a EA e para o que viria a ser discutido sobre ela. Salutar considerar que muitos princípios foram relevantes para a análise dos livros e construção do material, justamente pela ênfase dada a assunto muitas vezes não lembrados em livros que tratam da EA, a citar, pobreza, fome e analfabetismo.

A década de 80, do século XX, iniciou com três (3) grandes eventos, sendo contempladas várias regiões do globo: (1) Seminário Regional Europeu sobre Educação Ambiental, para Europa e América do Norte⁸; (2) Seminário Regional sobre Educação Ambiental nos Estados Árabes (Manama, Bahrein); (3) Primeira Conferência Asiática sobre Educação Ambiental Nova Delhi, Índia. Importante

⁸ Essen, Alemanha, Essen é uma cidade da Alemanha localizada na Renânia do Norte-Vestfália. É a oitava maior cidade da Alemanha, com uma população de 586.382 habitantes e uma área de 210.37 km², antigo centro de mineração de carvão, no coração do Vale do Ruhr. Essen foi reconhecida por superar o desafio da sua história industrial e reinventar-se de maneira ambientalmente sustentável. Depois, tornou-se exemplo para outras cidades, A cidade de Essen, no oeste da Alemanha, foi escolhida a "capital verde" da Europa para o ano de 2017 – um prêmio dado anualmente pela Comissão Europeia para exemplos de ações ambientalmente importantes, incluindo esforços locais para melhorar o meio ambiente no perímetro urbano e promover o crescimento sustentável. <http://www.ccba.org.br/noticias/noticia/id/278/cidade-alema-de-essen-escolhida-%C2%A8capital-verde%C2%A8-da-europa.html>

destacar que o primeiro evento teve publicação importante, porque assinalou a importância do intercâmbio de informações e experiência, destacando realmente que aquelas devem ser compartilhadas, para que assim, mesmo à distância, haja a compreensão de algo que pode ser contextualizado, por exemplo, uma ação ambiental que ocorra na Inglaterra, possa ser usada em Recife, pensando, de fato, na comunidade. Um ano após esses grandes eventos, em 1981, em Monte Carlo, Mônaco, aconteceu o Seminário sobre Energia e Educação Ambiental na Europa. Em 1984 ocorreu a Conferência sobre Meio Ambiente da Câmara de Comércio Internacional, cujo objetivo era estabelecer formas de colocar em prática o conceito de desenvolvimento sustentável. Em 1987, Congresso Internacional sobre Educação e Formação Relativa ao Meio Ambiente (UNESCO - PNUMA), assim foi realizada a avaliação dos avanços desde Tbilisi, reafirma os princípios de Educação Ambiental e assinala a importância e necessidade da pesquisa e da formação em Educação Ambiental:

Estratégia Internacional de ação em matéria de educação e formação ambiental para o decênio de 90 - documento final do Congresso Internacional sobre Educação e Formação Relativas ao Meio-ambiente, realizado em 1987 em Moscou, Rússia, promovido pela UNESCO. Ressalta a importância da formação de recursos humanos nas áreas formais e não formais da EA e na inclusão da dimensão ambiental nos currículos de todos os níveis. Plenário do Conselho Federal de Educação aprovou por unanimidade, a conclusão da Câmara de Ensino a respeito do parecer 226/87 que considerava necessária a inclusão da Educação Ambiental dentre os conteúdos a serem explorados nas propostas curriculares das escolas de 1º e 2º graus, bem como sugeria a criação de Centros de Educação Ambiental. A UNESCO/PNUMA realizou em Moscou o Congresso Nacional sobre Educação e Formação Ambientais - UNESCO/PNUMA onde foram analisadas as conquistas e dificuldades na área de EA desde a conferência de Tbilisi e discutido uma estratégia internacional de ação em educação e formação ambientais para a década de 90 (BRASIL, 2000a, p.2)

Ainda no mesmo ano, foi divulgado o Relatório da Comissão Brundtland⁹, Nosso Futuro Comum. Sobre esse documento, pode-se, de maneira lacônica,

⁹ Em 1983, o Secretário-Geral da ONU convidou a médica Gro Harlem Brundtland, mestre em saúde pública e ex-Primeira Ministra da Noruega, para estabelecer e presidir a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento. Brundtland foi uma escolha natural para este papel, à medida que sua visão da saúde ultrapassa as barreiras do mundo médico para os assuntos ambientais e de desenvolvimento humano. Em abril de 1987, a Comissão Brundtland, como ficou conhecida, publicou um relatório inovador, "Nosso Futuro Comum" – que traz o conceito de desenvolvimento sustentável para o discurso público.

destacar a preocupação com o desenvolvimento sustentável e a preocupação em reduzir a pobreza. Em 1988 foi divulgada a Declaração de Caracas, nota-se que a problematização está direcionada ao modelo de desenvolvimento, haja vista que foi percebida a necessidade de mudança. No ano de 1989, há dois marcos importantes, Seminário sobre materiais para a Educação Ambiental, em Santiago, Chile; e a Declaração de Haia, a qual servira de preparativo para a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (RIO 92).

No início dos anos 90 do século XX, ocorreu a Conferência Mundial sobre Ensino para Todos, o local do evento foi Jomtien, Tailândia, período de 5 a 9 de março de 1990, sendo destaque Satisfação das Necessidades Básicas de Aprendizagem. O preâmbulo da Declaração Mundial sobre Educação para Todos é bastante enfática, nele há números alarmantes, por exemplo, 100 milhões de crianças que não tiveram acesso ao ensino primário e mais de um terço dos adultos do mundo não têm acesso ao conhecimento impresso. Ademais, há no preâmbulo algumas considerações importantes e provocadoras:

Entendendo que a educação pode contribuir para conquistar um mundo mais seguro, mais sadio, mais próspero e ambientalmente mais puro, que, ao mesmo tempo, favoreça o progresso social, econômico e cultural, a tolerância e a cooperação internacional; sabendo que a educação, embora não seja condição suficiente, é de importância fundamental para o progresso pessoal e social (UNESCO, 1990, p.1)

Além disso, deve ser destacado que a declaração é construída de dez (10) artigos apinhados de temáticas consideráveis, a citar, satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, universalizar o acesso à educação e promover a equidade, propiciar um ambiente adequado à aprendizagem e fortalecer a solidariedade internacional. Esses exemplos, na verdade, são os títulos dos artigos, bem coerente com os textos referentes a eles. Desta forma, percebe-se que, com efeito, a declaração propõe uma educação para todos.

Em 1992, entre os dias 3 e 14 de junho, na cidade do Rio de Janeiro, aconteceu a maior reunião de chefes de Estado da história da humanidade: A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento – CNUMAD. Para demonstrar a grandeza do evento, é importante destacar alguns números: 179 países e cerca de 20 mil pessoas, as quais pertenciam a quase 10 mil

ONGs. A conferência também é conhecida como Rio 92 ou ECO/92, obviamente, pelo evento ter acontecido na cidade do Rio de Janeiro. Nesse evento, foi assinada a Agenda 21 Global¹⁰, qualificada por ser um modelo de desenvolvimento para o século XXI, no seu cerne há informações norteadoras para construção de sociedades sustentáveis. Nessa perspectiva, Mauro Guimarães (2014) destaca:

Durante esse Fórum aconteceu a Jornada Internacional de Educação Ambiental e, ao final desse encontro, produziu-se o “Tratado de educação ambiental para sociedades sustentáveis e responsabilidade global”. Neste tratado, reafirmaram-se princípios, planos de ação e diretrizes, confirmando as tendências apresentadas até aqui para EA. (GUIMARÃES, 2014, p.27)

Na Rio 92, além da construção da Agenda 21, foram firmados protocolos e acordos, por exemplo, Convenção sobre Combate à Desertificação, Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, Convenção sobre Diversidade Biológica, Convenção Quadro sobre Alterações Climáticas e Declaração de Princípios sobre Florestas. Sobre estes documentos é importante elucidar algumas observações, por exemplo, a convenção Quadro sobre Alterações Climáticas é considerada precursora do tão famoso Protocolo de Kyoto (1997) e os outros documentos fortaleceram ainda mais a ideia de desenvolvimento sustentável. Paralelamente outro evento acontecia, o Workshop sobre Educação Ambiental, organizado pelo Ministério da Educação (MEC), no período de 1 a 12 de julho de 1992, em Jacarepaguá, Rio de Janeiro, a partir dele surgiu Carta Brasileira para Educação Ambiental.

No ano de 1993, aconteceu o Congresso Sul-americano - continuidade ECO/92 -, na Argentina, e a Conferência dos Direitos Humanos, em Viena, Áustria. Neste último evento, foi reafirmado o compromisso de todos os Estados fomentarem o respeito universal e a observância e proteção de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais de todos. Em 1994, aconteceu a Conferência Mundial da População, no Cairo, Egito, fora dado destaque a relação entre população e crescimento econômico e a relação com o desenvolvimento sustentável, também é dado destaque as alterações da população rural e urbana e a relação econômica,

¹⁰ Um programa de ação baseado num documento de 40 capítulos, que constitui a mais abrangente tentativa já realizada de promover, em escala planetária, um novo padrão de desenvolvimento, denominado “desenvolvimento sustentável.

além destes os princípios de liberdade, equidade dos sexos, emancipação da mulher, erradicação da pobreza, importância da família, a educação relacionada ao desenvolvimento humano¹¹ etc. A título de informação, no mesmo ano, em Guadalajara, México, aconteceu o Congresso Ibero-Americano de Educação Ambiental.

No ano de 1995, 6 a 12 de março, foi realizada a Conferência para o Desenvolvimento Social, em Copenhague, Dinamarca. Foi um evento colossal:

Ao todo, a Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Social congregou no Bella Centre de Copenhague 14.200 pessoas, das quais 5.000 delegados oficiais, mais de 2.800 jornalistas e funcionários de agências de comunicação, 2.300 representantes de organizações não-governamentais (ONGs), 2.700 funcionários locais e agentes de segurança e 400 membros do Secretariado das Nações Unidas e de suas agências. (LINDGREN, 1997, p.5)

No referido evento, houve acordos comuns entre os Estados, a título de exemplo, têm-se aqueles já destacados em eventos pretéritos como criar um ambiente econômico, político, social, cultural e jurídico que permita o desenvolvimento social das pessoas, erradicar a pobreza, dignidade humana; no entanto, houve uma devida importância a situações como desenvolvimento social e humano da África e de países subdesenvolvidos.

Ainda em 1995, realizou-se Conferência Mundial da Mulher (IV Conferência Mundial sobre a Mulher), na capital Chinesa, Pequim. O tema central foi “Ação para a Igualdade, o Desenvolvimento e a Paz”. O evento ratificou os direitos humanos na perspectiva das mulheres, colocando uniformidade entre os gêneros como algo de interesse universal. Foram pactuadas doze (12) áreas de preocupação sobre os direitos de mulheres e meninas: 1. Mulheres e pobreza; 2. Educação e Capacitação de Mulheres; 3. Mulheres e Saúde; 4. Violência contra a Mulher; 5. Mulheres e Conflitos armados; 6. Mulheres e Economia; 7. Mulheres no Poder e na liderança; 8. Mecanismos institucionais para o Avanço das Mulheres; 9. Direitos Humanos das Mulheres; 10. Mulheres e a mídia; 11. Mulheres e Meio ambiente; 12. Direitos das Meninas. Temáticas que norteiam a conquista de direito e a luta feminina diante de vários problemas sociais que as deixam em desvantagem.

11 Todos esses assuntos são imprescindíveis e foram abordados no material paradidático confeccionado, pois se percebe mais uma vez que a educação ambiental – fomentada por vários eventos – não está apenas relacionada às questões ecológicas, ela é bem mais ampla.

Em 1995, em Berlim, foi realizada a Conferência Mundial do Clima, isso ocorreu devido a Conferência das Partes (COP) reunir-se pela primeira. Foram feitas observações sobre a cooperação entre os países para o enfrentamento as mudanças climáticas, os problemas da elevação do nível do mar, a eficiência energética etc. Em 1996, de 3 a 14 de junho, em Istambul, aconteceu a Conferência Habitat II, entre os pontos debatidos, podem ser destacados a falta de infraestrutura, moradia e desemprego.

Em 1997, ocorreram três (3) importantes eventos: II Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental, Guadalajara, México; Conferência sobre Educação Ambiental, em Nova Delhi, Índia; Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade: Educação e Conscientização Pública para a Sustentabilidade, Thessaloniki, Grécia.

Para arrematar a década de 90 do século XX, não poderia deixar de ser destacado o lançamento da revista “Tópicos en Educación Ambiental”, em 1999, no México. Na primeira edição, há uma passagem que chama a atenção sobre a situação da educação ambiental que permanece bastante latente: a EA é com frequência demasiada abstrata e desligada da realidade local, traz também a importância da educação ambiental para uma sociedade mais justa:

Aqui se evidencia el papel protagónico de la acción educativa orientada hacia lo ambiental. Es en este punto agónico y dilemático que se delinea el espacio privilegiado de una educación ambiental ciudadana, entendida como una intervención político-pedagógica, que tiene como ideario la afirmación de una sociedad de derechos, ambientalmente justa. (CARVALHO, 1999, p.30)

E ainda:

En el contexto actual de una cultura política ambientalista, ideológicamente multifacética, el ecologismo basado en la defensa de los valores emancipatorios, pese a estar en la génesis histórica del hecho ambiental, hoy es una fuerza más entre otras. Entre los efectos que resultan del impacto de una orientación anti-utópica o “realista” sobre el mundo ambiental, destaca un adelgazamiento del ecologismo emancipatorio. (CARVALHO, 1999, p.31)

No início do século XXI, ano de 2002, no mês de dezembro, foi realizada a Assembleia Geral das Nações Unidas. Foi estabelecida a resolução nº 254, na qual foi declarado o ano de 2005 como o início da Década da Educação para o

Desenvolvimento Sustentável, sendo a incumbência de implementação direcionada à Unesco.

No ano de 2002, aconteceu a VIII Conferência Mundial do Clima, adoção da Declaração de Délhi sobre Mudanças Climáticas e Desenvolvimento Sustentável (Nova Délhi, Índia), e em 2003, o Programa Latino-americano e Caribenho de Educação Ambiental (PLACEA) é oficializado, isso ocorreu durante a XIV Reunião do Foro de Ministros de Meio Ambiente da América Latina e Caribe, no Panamá.

Portanto, é importante afirmar que a Educação Ambiental, que conhecemos atualmente, surgiu de um processo longo e gradativo, não abruptamente. Trata-se de um percurso que começou informalmente e, depois, com muitas reuniões, debate e produção de documentos foi sendo formalizada. Os eventos eram contínuos e, em muitas situações, complementares, sempre com muita discussão e perspectivas de envolver a comunidade de maneira ampla e engajada. Mostra-se com isso que a EA não pode se restringir as questões ecológicas, pois ela na própria essência está relacionada à democracia, à conscientização e à ação, por isso é, sobretudo, política. A Educação Ambiental, assim como a democracia, foi algo local que se expandiu e, atualmente, é amplamente discutida, envolvendo vários segmentos de pauta como pobreza, fome, sustentabilidade, direitos de igualdade e processo de urbanização.

1.3.2 Educação Ambiental no Brasil

Após rápida incursão sobre a história da Educação Ambiental no mundo, relevando os principais marcos históricos e algumas das contribuições para o fortalecimento desta investigação, será, agora, realizado um procedimento afim, mas já, neste momento, deve-se destacar que no Brasil, no que se refere a eventos, é bem neófito. Mesmo assim, o Brasil após Rio-92 vem contribuindo de maneira significativa no fortalecimento da EA, principalmente para formação dos cidadãos. Sabe-se que ela (formação) ainda não é a ideal, porém seria bem menos presente se não fossem os eventos e documentos criados acerca da EA.

A fim de tornar essa abordagem mais didática, dividiremos em duas seções, fatos importantes que contribuíram para a Educação Ambiental do Brasil preteritamente e posteriormente à RIO-92.

A criação do Jardim Botânico no Rio de Janeiro (JBRJ) é considerada o prelúdio político da Educação Ambiental brasileira, fato ocorreu no ano de 1808, mês

de julho. O jardim, mesmo sendo “construído” para instalar uma fábrica de pólvora, foi importante para a pesquisa, pois já havia estudos sobre como transportar mudas e sementes que vinham de outros continentes, em especial, Europa.

Em 18 de setembro de 1850 (século XIX¹²), D Pedro II publica a Lei 601¹³, *grosso modo*, proíbe o abuso florestal, haja vista na época a cultura do café estava sendo implantada. A lei possui vinte e três (23) artigos, obviamente, a terra é o assunto cerne, no entanto há outros assuntos que a transpassam, por exemplo, a relação com os estrangeiros, compra de terras e naturalização (artigo 17) e do interesse público prevalecer sobre o particular (artigo 10). Vejamos o artigo 18:

Art. 18. O Governo fica autorizado a mandar vir annualmente à custa do Thesouro certo numero de colonos livres para serem empregados, pelo tempo que for marcado, em estabelecimentos agricolas, ou nos trabalhos dirigidos pela Administração publica, ou na formação de colonias nos logares em que estas mais convierem; tomando antecipadamente as medidas necessárias para que tais colonos achem emprego logo que desembarcarem. (BRASIL, 1850, p.2)

Pode-se perceber a partir de uma leitura atenta que há não só preocupação com as terras, mas também com as pessoas e a mitigação social, mesmo que teoricamente, uma vez que se pretende alocar as pessoas imigrantes em postos de trabalho. De tal forma, há registro em documento legal sobre empregabilidade, algo tão defendido na perspectiva atual da EA. Em outras palavras, já havia em meados do século XIX princípios tão salutares para EA. Infelizmente, a Lei 601, assim como tantas leis brasileiras, não foram colocadas em prática. Prova disso é que em 1920, após cerca de 400 anos de extração, o pau-brasil foi considerado extinto e muitas pessoas foram/são colocadas em condições subumanas de emprego.

A primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza é realizada no Museu Nacional, Rio de Janeiro, entre 8 e 15 de abril de 1934. Nesse mesmo período, foi aprovado o Código Florestal por meio do Decreto nº 23.793, de janeiro de 1934, pelo Presidente Getúlio Vargas. Há no texto 110 artigos, sendo eles analisados e levando em consideração o momento histórico, infere-se que, mesmo com alguns vícios, há, de fato, uma preocupação com a flora e fauna (artigo 9º), o progresso deve

¹² Ainda no século XIX, André Rebouças sugere a criação de parques nacionais na Ilha do Bananal e em Sete Lagoas e o Decreto 8.843 cria reserva florestal no Acre.

¹³ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L0601-1850.htm

permanecer, mas com medidas mitigadoras (artigo 21) e preocupação com o policiamento ambiental (artigo 25). O decreto está totalmente invalidado.

Em 1937 foi criado o Parque Nacional de Itatiaia e, após dois anos, o Parque Nacional do Iguaçu. Com relação àquele, pode ser destacado que o responsável pela chancela foi o Presidente Getúlio Vargas, no tocante ao documento em si, é composto de seis (6) artigos, sendo destaque a subordinação ao Código Florestal. Ao parque do Iguaçu, criado pelo Decreto-lei Nº 1.035, de 10 de janeiro, destaca-se também a sujeição ao Código Florestal.

O presidente Jânio Quadros, em 1961, único ano de seu governo, declarou o pau-brasil como árvore (símbolo) nacional e o ipê como Flor Nacional, porém somente com a Lei 6.607, de dezembro de 1978¹⁴, no governo de Ernesto Geisel, foi declarado o Pau-Brasil árvore nacional e instituído o Dia do Pau-Brasil, todavia, na lei não há destaque para o dia específico.

Em 1971 foi criada a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN), ao passo que em 1972, na Universidade Federal de Pernambuco foi iniciada uma campanha de replantação do pau-brasil. Em 1973, a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA) foi criada no governo Médici pelo Decreto nº 73.030, de 30 de outubro, o qual destaca que SEMA está atrelada ao Ministério do Interior. Entre todos os artigos, incisos e alíneas, um item merece destaque, trata-se da alínea “i” do quarto (4º) artigo, na íntegra: “promover, intensamente, através de programas em escala nacional, o esclarecimento e a educação do povo brasileiro para o uso adequado dos recursos naturais, tendo em vista a conservação do meio ambiente” (BRASIL, 1973, p.1). Essa é uma das competências da SEMA, assim, percebe-se que já havia uma preocupação em disseminar o que realmente é EA, mesmo antes de grandes influências como a RIO-92, Tbilisi (1977) e CF/88. Em 1973, a SEMA, a Fundação Educacional do Distrito Federal e a Universidade de Brasília (UNB) realizam o primeiro Curso de Extensão para professores do 1º Grau em Ecologia.

Em 1977, há quatro (4) momentos a serem destacados: (1) Implantação do Projeto de Educação Ambiental em Ceilândia; (2) a SEMA participa de um grupo para confecção de documento a fim de definir o próprio papel no contexto brasileiro no tocante à Educação Ambiental; (3) seminários, encontros e debates preparatórios

¹⁴ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6607.htm

para a Conferência de Tbilisi; e a (4) disciplina de Ciências Ambientais tornou-se obrigatória nos cursos de engenharia. No ano seguinte, cursos relacionados as questões ambientais são criados e as disciplinas de Saneamento Básico e Saneamento Ambiental são inseridas nos cursos de Engenharia Sanitária. Em 1979, o Ministério da Educação (MEC) e A Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (CATESB) publicaram o documento “Ecologia uma Proposta para o Ensino de 1º e 2º Graus”. Esse ano foi bastante promissor para o MA/ (a) EA, possivelmente por influência do Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental em Tbilisi, destaca-se ainda, mesmo se tratando de um evento internacional, houve muita repercussão no Brasil. Anteriormente houve dois grandes eventos, a lembrar, Conferência das Nações sobre o Ambiente Humano, em Estocolmo, e Encontro Internacional em Educação Ambiental, onde foi criado o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA), em Belgrado (Iugoslávia), respectivamente, 1972 e 1975.

No início da década de 80, foi sancionada a Lei nº 6.938, de 31 de agosto de 1981, que dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA). A lei, nos últimos anos, sofreu inúmeras alterações, mas há um bom direcionamento para uma política do meio ambiente, sobretudo, quando reforça o “ensino” da EA. Em outras palavras, a EA, enquanto ferramenta para defesa do meio ambiente, vem sendo construída há anos, sendo que na Lei em destaque há um direcionamento mais explícito, mostrando também que ela não deve acontecer apenas na escola (BRASIL, 1981, p.1). Em 1984, o Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA) expõe uma resolução estabelecendo diretrizes para a Educação Ambiental. Em 1986, A SEMA e a UNB organizaram o primeiro curso de especialização em Educação Ambiental, ainda no mesmo ano aconteceu o “I Seminário Nacional sobre Universidade e Meio Ambiente”.

No ano de 1987 houve outro grande avanço na perspectiva da EA, pois foi aprovado o Parecer 226/87¹⁵. Logo no cabeçalho mostra por que o documento é um marco para EA, há o seguinte enunciado: “Indicação nº 10/96 – Considera necessária a inclusão da Educação Ambiental nos currículos de 1º e 2º Graus dos Sistemas de Ensino” (BRASIL, 1987, p.1). Um documento que possibilitou para as crianças e adolescentes acesso a esse conhecimento que interfere diretamente na vida de todos.

Analisemos as contribuições que foram destacadas no documento:

¹⁵ No sítio do domínio público pode-se encontrar o texto na íntegra: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cd007088.pdf>

Mas, paradoxalmente, alguma coisa precisa ser feita de imediato para minimizar essa ação devastadora do homem contra a natureza. Seriam, medidas tomadas em paralelo, paliativas, já que as corretivas só dariam resultados a médio e longo prazos, pois implicam, acima de tudo, em mudanças de atitudes e mentalidade. Daí a contribuição que nesse sentido este Conselho poderá prestar, ao acolher esta indicação e fazendo com que as sugestões nela contidas sejam levadas aos Sistemas Estaduais de Ensino e às escolas de formação de professores. (BRASIL, 1987, p.5)

Há no documento, claramente, uma preocupação com o Meio Ambiente, sendo destacada a Educação Ambiental como um meio para mitigar os problemas. Nota-se a abrangência da EA, não estando restrita a parte ecológica, assim como destaca Guimarães, “É permitir que o educando construa o conhecimento e critique valores com base em sua realidade (...)” (2014, p.31). Na III seção, Voto do Relator, podemos sintetizar algumas ideias que explicitam a abrangência da Educação Ambiental: equipe interdisciplinar; integração escola-comunidade; incorporação de diagnósticos locais para definição de abordagem relativa às práticas ambientalistas; conteúdos e atividades que possibilitam de imediato incorporar o enfoque ambiental; verificar a possibilidade de introduzir atividades inovadoras relacionadas com a solução de problemas concretos da comunidade; introduzir atividades e experiências para preservação e desenvolvimento do patrimônio cultural, bem como novas formas de comunicação e maneiras de ver e interpretar o mundo, utilizando-se, inclusive, a expressão artística; delírio nutricional, abuso de conservantes, corantes (...) e carência ou deficiências nutricionais, vitaminas, minerais; saneamento; poluição sonora; formação inadequada dos profissionais que trabalham em meio ambiente; e catástrofes naturais¹⁶.

Todas essas temáticas estão inseridas no Parecer 226, de 11 de março de 1987, o enfoque é a formação de professores, para que eles possam disseminar essas informações/conteúdos com os estudantes dos antigos 1º e 2º graus. Pode-se concluir sobre o Parecer que a Educação Ambiental é ampla - a vertente política é notória -, histórica.

¹⁶ Mesmo o parecer sendo bem primitivo, há muitas informações que se perpetuaram em outros documentos, sendo também bem influenciador na análise dos livros didáticos e da construção do material paradidático, principalmente, quando relacionado à comunidade e à expressão artística e crítica.

Ainda em 1987, houve dois acontecimentos, Paulo Nogueira Neto¹⁷ representou o Brasil na Comissão de Brundtland e, em Belém/PA, fora realizado o II Seminário Universidade e Meio Ambiente. Em 1988, tivemos um episódio sem igual, foi promulgada, em 5 de outubro, o documento que marcou o processo de redemocratização do nosso país: a Constituição Federal - sétima na história da nossa nação. Nela, no capítulo VI, título VIII, artigo 225, foi destacado Meio Ambiente, sendo frisada a Educação Ambiental no inciso sexto (VI). Está registrado que ela deve ser – assim como foi destacado no Parecer 226/97 - fomentada “em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente”. A CF/88 traz um tópico sobre meio ambiente que já estava sendo destacado em outros documentos, bem como em vários eventos, trata-se, portanto, de uma ratificação da importância do meio ambiente e da Educação Ambiental. Em 22 de fevereiro de 1989, foi criado o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, Lei nº 7735, sendo extintas a SEMA E SUDEPE. No mesmo íterim, foi criado o Fundo Nacional de Meio Ambiente e foi realizado o III Seminário Nacional Sobre Universidade e Meio Ambiente.

A década de 90 do século XX foi um período de grandes acontecimentos, foi realizado o I curso Latino-Americano de Especialização em Educação Ambiental, IV seminário Nacional Sobre Universidade e Meio Ambiente, ademais o MEC publica a Portaria nº 678/91, alguns excertos merecem ser explicitados:

1 - Os sistemas de ensino em todas, as instâncias, níveis e modalidades, nos seus respectivos currículos, entre outros, os seguintes temas/conteúdos referentes à:

- a) Prevenção do uso indevido de substâncias psicoativas;
- b) Educação ambiental;
- c) Educação no trânsito;
- d) Educação do consumidor;
- e) Prevenção das DST/AIDS;
- f) Prevenção de acidente do trabalho;
- g) Defesa civil;
- h) Relação contribuinte/Estado; e
- i) Educação em saúde.

2 - O aprofundamento e a exploração desses temas/conteúdos não significam a inclusão de materiais ou disciplinas específicas, mas permearão todo o currículo nos diferentes níveis e modalidades de ensino, ajustando-se, por isso, à idade do estudante e ao nível de aprendizado;

¹⁷ Naturalista, professor universitário e político brasileiro. Foi secretário especial do Meio Ambiente, órgão vinculado ao Ministério do Interior, com prerrogativas de ministro, de 1973 a 1985, nos governos Ernesto Geisel e João Figueiredo. Este cargo equivale atualmente ao de ministro do Meio Ambiente.

2.1 - Os conteúdos não devem ser simplesmente adicionados aos já existentes ou substituir outros temas considerados defasados, mas analisados e selecionados em função da realidade, buscando atender as exigências do cotidiano em consonância com o objetivo maior da educação. (BRASIL, 1991, p.2)

Percebe-se a ênfase no ensino da Educação Ambiental no sistema de ensino em todas as instâncias, níveis e modalidades. Enfatizado ainda que o aprofundamento e a exploração dos temas/contéudos não significam a inclusão de materiais ou disciplinas específicas, em outras palavras, o assunto deve estar inserido em todas as disciplinas. Outro ponto importante é a inserção de novos conteúdos, pois não podem ser apenas colocados sem uma grande análise, posto que a adição deve ser pensada à luz da realidade onde serão inseridos.

Em 1991 houve o Encontro Nacional de Políticas e Metodologias para Educação Ambiental, bem como reuniões preparatórias para a Conferência Rio 92. Em 1992, houve a Criação de Núcleos Estaduais de Educação Ambiental do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e Workshop sobre Educação Ambiental. Em 1992 sucedeu-se a Rio 92, nome mais popular, porém o nome oficial é Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Esse evento aconteceu 20 anos após a primeira conferência do modelo realizada na Suécia. Já é sabido que uma das pautas era o conceito de desenvolvimento sustentável, para tanto, deve haver uma preocupação ampla em três perspectivas: Econômica, Ambiental e Social. Um ano após a Eco-92 (Cúpula da Terra) foram criados Centros de Educação Ambiental do MEC a fim de disseminar Metodologias em EA. Em 1994, foi aprovado o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA) e publicada a Agenda 21, bem como foi realizado o 3º Fórum de Educação Ambiental.

Em 1997 mais um documento indispensável para EA foi divulgado: Os Parâmetros Curriculares Nacionais, entre os temas transversais de grande valor social surgiram saúde, ética, orientação sexual, pluralidade cultural e **meio ambiente**. Logo na sua apresentação já fica bem claro que há preocupação com a educação que não deve ser apenas conteudística, pois os estudantes podem obter bons resultados nas provas, porém com ações deturpadas, por exemplo, “jogar lixo na rua, pescar peixes-fêmeas prontas para reproduzir, atear fogo no mato indiscriminadamente, ou realizar

outro tipo de ação danosa, seja por não perceberem a extensão dessas ações ou por não se sentirem responsáveis pelo mundo em que vivem” (BRASIL, 1998, p.3).

Entre os pontos importantes do documento:

Além disso, o rádio, a TV e a imprensa constituem uma fonte de informações sobre o Meio Ambiente para a maioria das pessoas, sendo, portanto, inegável sua importância no desencadeamento dos debates que podem gerar transformações e soluções efetivas dos problemas locais. No entanto, muitas vezes, as questões ambientais são abordadas de forma superficial ou equivocada pelos diferentes meios de comunicação. Notícias de TV e de rádio, de jornais e revistas, programas especiais tratando de questões relacionadas ao meio ambiente têm sido cada vez mais frequentes. (BRASIL, 1998, p.187)

E ainda:

Desenvolver essa postura crítica é muito importante para os alunos, pois isso lhes permite reavaliar essas mesmas informações, percebendo os vários determinantes da leitura, os valores a elas associados e aqueles trazidos de casa. Isso os ajuda a agir com visão mais ampla e, portanto, mais segura ante a realidade que vivem. Para tanto, os professores precisam conhecer o assunto e buscar com os alunos mais informações, enquanto desenvolvem suas atividades: pesquisando em livros e levantando dados, conversando com os colegas das outras disciplinas, ou convidando pessoas da comunidade (professores especializados, técnicos de governo, lideranças, médicos, agrônomos, moradores tradicionais que conhecem a história do lugar etc.) para fornecer informações, dar pequenas entrevistas ou participar das aulas na escola. (BRASIL, 1998, p.188)

O ano de 1997 foi bastante intenso, entre os eventos ocorridos, podem ser destacados quatro (4): I conferência Nacional de Educação Ambiental, IV Fórum de Educação Ambiental, I Encontro da Rede de Educadores Ambientais e I Teleconferência Nacional de Educação Ambiental. Em 1999 há institucionalização da Diretoria de Educação Ambiental e aprovação da Lei 9597/99 - instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental -, são 21 artigos profícuos sobre a EA, mesmo não sendo perfeitos, todavia, quando relacionados a outros documentos formam um conjunto pertinente para nortear a política educacional ambiental. O décimo artigo deve ser destacado por sua importância na área ambiental, “A educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal” e “§ 1º A educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino” (BRASIL, 1999, p.3). Este artigo e seu parágrafo especificador mostram que a Educação

Ambiental não deve ser algo visto em módulo, num momento único e sem relação com a realidade. Nesta mesma perspectiva, percebe-se que todas as disciplinas são “responsáveis” por desenvolvê-la, assim como introdutoriamente outros documentos já haviam apresentado.

O século XXI também iniciou com muitas ações atinentes à Educação Ambiental, foi realizado o Seminário de Educação Ambiental e publicado o Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002, cuja importância está relacionada à regulamentação da Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999.

O processo de construção da EA, no mundo e no Brasil, foi praticamente incessante após, principalmente, o início do século XIX. Muitas reuniões, criação de parques e publicações de leis/decretos/regulamentos/cartas, tudo muito relacionado e com uma progressão gradativa. Claro que nem tudo foi perfeito, pois se sabe que a realidade difere do que é prescrito nos documentos, mas se pode dizer que é bastante satisfatório, prova disso será visto na próxima etapa, porque muitas pesquisas estão sendo desenvolvidas acerca do meio ambiente/Educação Ambiental e as várias áreas convergem. Os PCNs e a Lei nº 9.795/99 são documentos importantes e carregados de informações que podem nortear a prática dentro e fora da sala de aula, mas não surgiram de maneira abrupta, foram singelas portarias e pareceres carregados de significação que provocaram a criação de grandes documentos. Ainda assim segue a EA, com muitas discussões e mudanças, mas ainda longe do ideal. Primordial destacar que analisando esses percursos históricos da EA no mundo e no Brasil, percebeu-se que, mesmo com histórias diferentes, elas se encontram, sendo destaque, sobretudo, a RIO-92. Notório também o processo gradativo e alicerçado em textos jurídicos, para assim institucionalizar a importância da Educação Ambiental.

1.3.3 Relevância do tema e estado da arte¹⁸

Para construção dos fundamentos teóricos, foi realizado um mapeamento de referências acerca das últimas pesquisas ou das pesquisas mais importantes que foram desenvolvidas a respeito da Educação Ambiental e dos conteúdos inerentes à pesquisa. Assim, foi realizada uma pesquisa exploratória-descritiva¹⁹ no banco de

¹⁸ Enquanto didática de pesquisa e demonstração da importância da pesquisa foi criado esse tópico. Destaca-se que há outra nomenclatura para estado da arte: estudo correlato.

¹⁹ Entende-se como exploratória-descritiva a busca de referências e a descrição de alguns pontos pertinentes.

dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foram inseridas palavras-chave a fim de filtrar as informações, pois é sabido que o catálogo da CAPES possui uma variedade quase infinita de textos. Desta forma, de 10 a 18 de novembro de 2017 foram inseridas as combinações: (1) Educação Ambiental no livro didático, (2) Educação Ambiental no livro didático de Língua Portuguesa e (3) Educação Ambiental e Paulo Freire.

Para a primeira busca, o resultado foi de 834.672, ao passo que na segunda busca foram encontrados 986.992 e na última foram encontrados 985.284 resultados, portanto, notório o número elevado de trabalhos concluídos nas áreas afins aqui investigada. Todavia se sabe que os resultados não trazem precisamente o que se busca, mas também dissertações e teses que tangenciam os termos inseridos no buscador. De tal forma, houve um afunilamento para a pesquisa, por exemplo, as teses foram preteridas, porque o interesse maior era nos textos de mestrados, por isso os textos de cunho dissertativo foram selecionados. Ainda enquanto triagem, foram selecionadas, **sobretudo**, dissertações dos anos de 2016 e 2017, sendo analisadas entre 10 e 50 páginas do catálogo, sabendo que em cada página há 20 resultados, foram lidos entre 200 e 1000 títulos de cada combinação, sendo que os mais pertinentes à pesquisa fomentaram a busca do texto na íntegra, assim foram lidos os resumos e capítulos oportunos à investigação com o objetivo de analisar cerca de 20 trabalhos. Todavia, muitos textos não foram encontrados na plataforma Sucupira nem nos portais das universidades, assim, serão vistos aqueles que foram encontrados na íntegra, por isso não foram analisados 20 resultados de cada segmento.

1.3.3.1 Educação Ambiental no livro didático

Com base na **primeira** etapa - Educação Ambiental no livro didático-, houve mais proficuidade, uma vez que além de serem analisados os títulos mais importantes, foram lidos alguns resumos, para assim saber se era pertinente a análise do texto e o aproveitamento enquanto fonte teórica para a confecção do texto final. Para didatizar essa seção, fora pensada na sucinta estrutura: número sequencial, ano de publicação, título, autor, orientador e instituição, logo em seguida, serão explanados comentários acerca da contribuição dos textos para a pesquisa.

QUADRO 1: Dissertações que tratam da Educação Ambiental e Livro Didático

	ANO	TÍTULO	AUTOR	ORIENTADOR	INSTITUIÇÃO
1	2015	O LIVRO DIDÁTICO DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO: POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE	BRUNO CESAR DE RESENDE,	MARIA DE FATIMA ALMEIDA MARTINS	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
2	2016a	A METACOGNIÇÃO NO LIVRO DIDÁTICO DE CIÊNCIAS: UM OLHAR SOBRE A ABORDAGEM AMBIENTAL DO CONTEÚDO ÁGUA	LIDIANNE MARIA DA SILVA	LUCIA DE FATIMA ARAUJO	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
3	2015a	IDEOLOGIA DO TRABALHO NOS LIVROS DIDÁTICOS NA REPÚBLICA VELHA (1910-1930).	JULIANA BARRETO FARIA DE OLIVEIRA	DECIO AZEVEDO MARQUES DE SAES	UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
4	2016	A EDUCAÇÃO PARA A FORMAÇÃO CIDADÃ NO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO DE GEOGRAFIA: OCULTOS, SILENCIADOS E VISÍVEIS	ALANA RIGO DEON	HELENA COPETTI CALLAI	UNIV. REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
5	2016	A ÁFRICA E OS AFRICANOS EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: ENTRE PRESCRIÇÕES E REALIZAÇÕES	ALICE ROSA DE SENA FERRARI	MARIA DE FATIMA SALUM MOREIRA	UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA
6	2015	EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO	ARMANDO MORAIS CORREIA DE MELO FILHO	JACIARA JOSEFA GOMES	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
7	2015	O SABER AMBIENTAL E EPISTEMOLÓGICO NO ENSINO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS NO LIVRO DIDÁTICO DE BIOLOGIA	MARIA BEATRIZ DIAS COUTINHO	GERSON ALBUQUERQUE DE ARAUJO NETO	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
8	2015	NATUREZA, LINGUAGEM E RACIONALIDADE: CONTRIBUIÇÃO PARA UMA HERMENÊUTICA AMBIENTAL	JACQUELINE ROGERIO CARRILHO EICHENBERGER	VILMAR ALVES PEREIRA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

9	2015	O PAPEL DOS LIVROS DIDÁTICOS NA CONSTRUÇÃO DO ENSINO RELIGIOSO	CLAUDIA REGINA CONDELLO CANDIDO DE OLIVEIRA KLUCK	SERGIO ROGERIO AZEVEDO JUNQUEIRA	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
10	2015	SEXUALIDADE, PARENTALIDADE E DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS/AIDS: ANÁLISES EM LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS NATURAIS	CLEMILSON CAVALCANTI DA SILVA	JOSE ANTONIO NOVAES DA SILVA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
11	2015b	A PARTICIPAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA NA HISTÓRIA BRASILEIRA DO SEU PERÍODO DE FORMAÇÃO A 1945, NOS CONTEÚDOS DOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO	MARCELO TONIOLO DE OLIVEIRA	IEDA VIANA	UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ
12	2015	QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO DE FILOSOFIA: ANÁLISE DE LIVRO DIDÁTICO	ADELCIDES FRUTUOSO	MARIA CRISTINA GIORGI	CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECN. CELSO SUCKOW DA FONSECA
13	2016b	DO PAPEL PARA O DIGITAL – NOVAS POSSIBILIDADES DO DESIGN DO LIVRO DIDÁTICO DIGITAL INTERATIVO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	JULIANA CRISTINA DA SILVA.	EDSON JOSE CARPINTERO REZENDE	UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS
14	2016c	ARRANJOS FAMILIARES E EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DOS LIVROS DE SOCIOLOGIA DO PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO DE 2015	ANGELICA GOMES DA SILVA	JOSE JAIRO VIEIRA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
15	2016	EDUCAÇÃO AMBIENTAL E EDUCAÇÃO	MARCIA CAROLINA DE ARAUJO MADEIRA	MARIA AUXILIADORA BUENO	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

		MATEMÁTICA: UMA BUSCA PELA INTERAÇÃO E INTERAÇÃO		ANDRADE MEGID	
16	2016	O DIALOGISMO ENTRE O CURRÍCULO E OS LIVROS DIDÁTICOS: POR UM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA MENOS EMPAREDADOR DAS IDENTIDADES ÉTNICO-RACIAIS	ISABELA BASTOS DE CARVALHO	ALEXANDRE DE CARVALHO CASTRO	CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECN. CELSO SUCKOW DA FONSECA
17	2016	POLÍTICAS PÚBLICAS E EDUCACIONAIS EM FOCO: UM OLHAR SOBRE O PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO, A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA	FABRICIA VIEIRA DE ARAUJO	LEANDRO GARCIA PINHO	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO
18	2016	O ÍNDIO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA E A (DES)CONSTRUÇÃO DE REPRESENTAÇÕES PELO PROFESSOR INDÍGENA PATAXÓ	ALDRIN DA COSTA CRUZ	GLAUCIA MARIA COSTA TRINCHAO SOUSA	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
19	2015	ENSINO DE GEOGRAFIA E CRISE AMBIENTAL: REPRESENTAÇÕES DAS ÁGUAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL (PNLD - 2014)	MARIANA RECCO CANCELLIER	CARLOS RENATO CAROLA	UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
20	2015c	CONCEITOS DE NATUREZA, MEIO AMBIENTE E AMBIENTE EM LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA APROVADOS NO PNLD DE 2012	NAZIEL DE OLIVEIRA	CARLOS ROBERTO VIANNA	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Portal da CAPES (2016; 2017)

Para ser mais conciso, vamos destacar aquelas que geraram mais fomento à pesquisa e trouxeram, assim, mais proficuidade acerca da temática da EA/MA. Por exemplo, segundo (2º) trabalho, A METACOGNIÇÃO NO LIVRO DIDÁTICO DE

CIÊNCIAS: UM OLHAR SOBRE A ABORDAGEM AMBIENTAL DO CONTEÚDO ÁGUA, o livro didático é colocado como a principal ferramenta de apoio utilizada pelo professor, e, portanto, fundamental para o processo de ensino-aprendizagem. Nas palavras da pesquisadora, convém, pois, que o mesmo aborde os conteúdos de aprendizagem promovendo a construção de conhecimentos de forma reflexiva, metacognitiva. O trabalho converge muito com esta pesquisa, haja vista o objetivo da pesquisadora foi analisar se o livro didático de Ciências pode favorecer o desenvolvimento de estratégias metacognitivas nos estudantes, situação também analisada no livro didático de Língua Portuguesa por esta pesquisa. O enfoque do trabalho era água, mas se percebe na proposta que não se pode analisar o livro didático por uma perspectiva mecânica, mas sim que perceba as nuances que fomentem o raciocínio e a crítica, traz a ideia de aprender a aprender, em especial, na esfera educacional, econômica, da saúde e social. (SILVA, 2016 a)

O quinto (5) texto selecionado, A ÁFRICA E OS AFRICANOS EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA: ENTRE PRESCRIÇÕES E REALIZAÇÕES, há relevância na maneira como África e os africanos são representados nos conteúdos (textos escritos e imagens). O sexto (6) texto selecionado foi EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: uma Análise de Livros Didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio, há uma discussão sobre direitos humanos de gênero e direitos sociais, tomando como referência os livros didáticos de Língua Portuguesa utilizado nas escolas de Caruaru. Algumas ideias convergem ideologicamente a esta pesquisa sobre Educação Ambiental política: “Aqui, pôde-se ter contato com a noção de ser humano como sujeito histórico em formação e (trans) formador da realidade, pessoa que, pela educação, constrói sua identidade individual e social” (FILHO, 2015, p.16)

O nono (9) texto intitulado O PAPEL DOS LIVROS DIDÁTICOS NA CONSTRUÇÃO DO ENSINO RELIGIOSO, de Claudia Regina Condello Candido de Oliveira Kluck, contribuiu, mesmo com um assunto tão específico que é a religião, na explanação sobre o livro didático como influenciador significativo na formação humana, destacando que realmente é pertinente analisar o livro didático e problematizá-lo:

Os livros de religião, produzidos com esse intuito tiveram outras funções na formação do povo brasileiro, e sofreram mudanças até chegar aqueles produzidos para a disciplina escolar do Ensino Religioso. Diferentes usos foram observados ao longo da história brasileira, pois a partir do livro para evangelização e conversão,

também servia à alfabetização, depois a serviço da catequização e conformação social, por meio dos ditames da fé, seguido de um formato que procurou manter o status da religião hegemônica brasileira articulado com um modelo de sociedade que corroborasse com o cenário político, até chegar ao formato de material da cultura escolar, se comportando como documento-monumento (Le Goff) dando condições de através da composição de seus elementos que funcionam como “inconsciente cultural” demonstrar condições de análise historiográfica, ainda que de forma conjectural. (KLUCK, 2015, p.72)

Na décima (10) dissertação, percebeu-se uma análise muito rica, porque trata da saúde humana, não obstante os argumentos no espaço das considerações chamam a atenção. Há destaque para aspectos tradicionais e reducionistas, algo que também foi percebido no que se refere à EA no livro didático.

As categorias analisadas foram: sexualidade, parentalidade e DST/Aids. A análise foi balizada a partir do referencial foucaultiano, dentre os quais destacamos: Foucault (2005, 2012, 2013); Castro, Abramovay e Silva (2004); Heilborn (1999, 2002, 2006); Altmann (2001, 2002, 2013); Cesar (2004, 2009). Louro, (2000, 2003, 2008); Taquette (2011, 2013); entre outros/as. A partir da análise das categorias nas coleções didáticas, chegamos a algumas considerações, destas, destacamos: a coleção mais adquirida pelos/as professores/as das escolas públicas brasileiras, tem, segundo os avaliadores do MEC, e, conforme as nossas inferências, um viés tradicional, reducionista, e, em alguns momentos, com particularidades que podem levar a impressões preconceituosas, principalmente, no que se refere a orientação sexual. (SILVA, 2015, p.7)

E ainda:

Em suma, não percebemos elementos novos nos exercícios propostos nesta coleção. Ao mesmo tempo, a partir da análise realizada, inferimos que as atividades indicadas são incipientes, haja vista que ao longo do capítulo encontramos vários temas que poderiam possibilitar pesquisas que favorecessem o processo de ensino-aprendizagem dos/as alunos/as. (SILVA, 2015, p.103)

Adelcides Frutuoso, em sua dissertação, traz palavras cuja semântica favorece a reflexão, há análise de imagens da representação do negro no livro didático, vejamos o resumo:

No Brasil, a prática dessa educação não pode olvidar os séculos de escravização negra que resultaram na construção de uma sociedade racialmente desigual, na qual o racismo perpetua as práticas de exclusão e opressão introduzidas pelo sistema escravocrata. No passado, a exclusão do negro foi produzida e reproduzida, também, por meio de políticas educacionais, contudo, atualmente, o país vem passando por processos de reconstrução e reafirmação da democracia, leis foram implementadas para desconstruir, também por meio de políticas educacionais, os mecanismos de opressão e promoção da desigualdade racial, sendo a Lei 10.639/03 um dos marcos desse processo. (FRUTUOSO, 2015, p.7)

Sobre as imagens, foram suscitadas várias ideias, pois se sabe que a questão da discriminação está bem relacionada com as questões ambientais, outrossim fazendo reflexões sobre outros vieses, percebeu-se a necessidade de analisar as imagens com a temática ambiental e a pertinência nos livros didáticos.

Na dissertação DO PAPEL PARA O DIGITAL – NOVAS POSSIBILIDADES DO DESIGN DO LIVRO DIDÁTICO DIGITAL INTERATIVO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, percebeu-se ideias pertinentes, vejamos:

Constatou-se que o IFES tem experiência e conhecimento de produção de recursos educacionais. Grande parte de seus alunos tem experiência com leituras em suportes digitais, acesso a recursos de mídias e equipamentos tecnológicos. As entrevistas com os profissionais mostraram problemas no processo de produção de recursos didáticos, e também pouca experiência de professores e designers instrucionais no planejamento de livro didático impresso e digital. Alguns professores demonstram pouco interesse e disponibilidade de tempo para planejar e utilizar recursos mais sofisticados, resultando em retrabalho devido a planejamento mal elaborado. Os pontos principais apontados e que devem ser observados no projeto envolvem: desenvolvimento de ações de maior integração de conhecimento entre a equipe que planeja e produz os recursos didáticos, prover capacitação mais específica de elaboração de recursos de mídias para professores e designers instrucionais, elaborar um projeto gráfico visual consistente com conforto visual e possibilidade de fazer marcação/anotação, investigar a qualidade de internet no interior do Estado do Espírito Santo, e planejar ações gráficas e/ou tecnológicas que reduzam as dificuldades de adaptação, uso e acesso ao recurso. (SILVA, 2016b, p.9)

A autora destacou que com a influência significativamente positiva das redes sociais surgiu a necessidade de construir um material paradidático, mas que não apareceria apenas na versão tradicional, isto é, impressa, mas também na versão digital e sobretudo que possa ser alterada. Assim, foi produzido o material

paradidático, planejado o material gráfico e todo o conteúdo, depois revisado por uma equipe profissional, destacando a importância da acessibilidade aos conteúdos.

Na dissertação treze (13), principalmente, quando se destaca a identidade e a diferença, há um processo de produção simbólica sobre esses assuntos, assim também está relacionado ao meio ambiente/educação ambiental. Sabe-se que, enquanto formador de opinião, o livro didático será um grande orientador do aluno, segundo Silva (2016b, p.75), “os livros didáticos são instrumentos de poder devido serem destinados aos jovens e por ser um produto que se reproduz em grande número, difundindo em território nacional um conteúdo escrito, educativo que assume uma “verdade” frente à palavra do professor” e, por isso, percebe-se que o livro deve ser criticado à luz da teoria ambiental política e alterado ou complementado quando não cumprir o que determina o PNLD, bem como as normativas intrínsecos à EA . Ainda na dissertação há argumentos de autoridade enfatizando que o livro didático é grande artefato de definição da cultura, comparando-o com livros dos Estados Unidos sobre o destaque com a cultura.

A décima quinta dissertação traz a relação da EA e a Educação Matemática, contribuindo assim para uma melhor análise do LD:

A Educação Ambiental, hoje de caráter obrigatório no currículo escolar, foi integrada nas últimas décadas em diversas leis brasileiras que exigem a multi, inter ou transdisciplinaridade no ensino. Contudo o que tem fundamentado aulas e como tem se dado a relação da Educação Ambiental com o ensino, é fato que merece estudo. O objetivo desta investigação é compreender como tem se estabelecido a relação entre a Educação Ambiental, que se relaciona diretamente com fatos cotidianos, com a Educação Matemática, componente curricular tido como fundamental. Nosso problema de pesquisa assim se configura: Como a Educação Ambiental, quando em interação à Educação Matemática, tem sido considerada nas teses e dissertações que tratam tais temas e que investigam os processos de ensino e aprendizagem no Ensino Fundamental? O objetivo geral se constitui em identificar nas teses e dissertações da área de Educação defendidas entre 2007 e 2013, o conceito de Educação Ambiental, as práticas docentes relacionadas à Educação Ambiental e aspectos formativos sobre o mesmo tema, em pesquisas cuja abordagem se entrelace com conteúdos relacionados à Matemática e tenham o foco nos alunos e professores do Ensino Fundamental. (MADEIRA, 2016, p. 6)

As contribuições que essa dissertação proporcionou foram duas, a primeira por mostrar como é possível relacionar a Matemática à Educação Ambiental, assim

como faz esta investigação, pois relaciona à Língua Portuguesa à EA. Outro ponto importante foi o que se faz nesta seção: analisar o que já fora publicado e construir novos conceitos a partir de outras pesquisas. O texto foca na questão da interdisciplinaridade, das barreiras para o ensino da EA. O enfoque, *grosso modo*, foi a falta de entendimento pelos professores do que realmente é EA, algo que não foi objeto desta pesquisa.

O texto dezesseis traz uma crítica bem contundente: o livro didático contribui pouco para a formação reflexiva do discente, e quase não estimulam a construção de identidades étnico-raciais diversificadas. Assim também é no livro didático de Língua Portuguesa, principalmente, no tocante à reflexão.

A décima sétima dissertação mostra pontos históricos e a relação com os direitos humanos. Destaque para a importância dos valores sociais e o respeito ao direito individual e coletivo.

A antepenúltima dissertação transitou entre os textos verbais e imagéticos do capítulo específico do livro didático de história que trata da temática indígena e o discurso de quatro professores pataxós que lecionam ou lecionaram a disciplina História na escola indígena Pataxó Coroa Vermelha, localizada no município de Santa Cruz Cabrália, no extremo sul da Bahia. A penúltima aborda conceitualmente educação ambiental, rios e bacia hidrográfica considerando a realidade do aluno, problematizando o pensamento geográfico disseminado na educação brasileira.

Na última dissertação escolhida para esta seção tem-se destaque para conceitos:

Investiga-se o tratamento que é dado aos conceitos de Natureza, Meio Ambiente e Ambiente nos livros didáticos de Biologia aprovados no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2012. Mais precisamente, a dissertação apresenta os contextos a partir dos quais ocorre a formação conceitual dos educandos quando se trata de estudos relacionados ao Ambiente, tendo como referência os conteúdos dos livros didáticos. A pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, descreve os oito livros aprovados e encaminha uma análise dos capítulos que tratam dos temas escolhidos. (OLIVEIRA, 2015c, p.8)

Na análise dos livros didáticos, percebeu-se a semelhança de metodologia utilizada nessa pesquisa realizada por Oliveira (2015c), isso, portanto, reforçou a ideia de que o livro didático precisa ser analisado de maneira exploratória, quantitativa, mas, sobretudo, crítica (qualitativa). Há vários pontos de crítica que explanam uma

educação ambiental sendo tratada de maneira bastante superficial e até segmentada, ou seja, demonstrando uma parte de um todo, o qual na verdade é bastante complexo, passando a ideia de conhecimento pleno, quando na verdade se trata de um mero recorte. O próprio autor destaca isso: “Deste modo, embora não contenha erros, os conteúdos da obra atendem de modo apenas parcial os conceitos necessários para a discussão das questões ambientais”. (OLIVEIRA, 2015c, p.34). Deve ser destacado que há vários gêneros textuais nos livros analisados, assim como nos livros analisados nesta pesquisa, em outras palavras, quantitativamente há vários textos acerca da EA, mas bem supérfluo, pois não trabalha reflexão, crítica e possibilidades de avanço no conhecimento.

Portanto, essa primeira análise intitulada de Educação Ambiental no Livro Didático tinha como objetivo selecionar algumas obras para constatar como a EA estava presente nos livros didáticos dos mais variados componentes curriculares. Se havia pesquisas relacionando EA e Matemática, EA e História, EA e Filosofia etc. Tudo isso foi comprovado, bem como várias ideias foram suscitadas para incrementar esta pesquisa em curso, destacando-se a ratificação da criação de uma cartilha que pregue a reflexão e pouco o método tradicional, percebendo ainda que a imagem é importante no processo de disseminação dos ideais da EA, considerando que lixo, água, saneamento devem ser assuntos em vigência sempre, mas não pode ser infenso à comunidade, à humanidade, ao espírito coletivo, à ética e à cidadania. Mostrou também o livro didático como recurso formador de opinião, podendo ser mais influenciador que o professor, por isso o livro deve ser problematizado.

1.3.3.2 Educação Ambiental no livro didático de Língua Portuguesa

No tocante a **segunda** busca no *Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES*, foi inserida a expressão Educação Ambiental no livro didático de Língua Portuguesa, o resultado foi 986.992 trabalhos, porém, para haver uma especificidade foram analisadas apenas as dissertações, isto é, as teses foram preteridas.

Para fazer outra especificação, a seleção estava no conjunto das 696.226 dissertações, limitando a análise das primeiras cinquenta (50) páginas. Sabendo que cada página contém 20 resultados, foram, portanto, verificados 1000 títulos e resumos, porém apenas 18 textos serviram para apreciação, haja vista estavam mais

contíguos à expressão inserida no buscador, não obstante, por inúmeros problemas como erro de proxy, não cadastro da dissertação no sistema, ou ainda, encerramento/descredenciamento da universidade e conseqüente retirada do portal da internet, só foram, de fato, analisadas oito (8) dissertações. De tal forma, foi uma crítica mais sucinta que a anterior, pois nem todos os resumos e textos na íntegra foram analisados, principalmente, porque não foram encontrados, mas possibilitou reflexões metodológicas e ideológicas acerca da EA.

QUADRO 2: Dissertações que tratam da Educação Ambiental no livro didático de Língua Portuguesa

	Ano	Título	Autor	Orientador	Instituição
1	2013	A QUESTÃO AMBIENTAL NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II NO DISTRITO DE RIBEIRA - CABACEIRAS/PB	CATYELLE MARIA DE ARRUDA FERREIRA	JOSE GERALDO DE VASCONCELOS BARACUHY	UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
2	2015	RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O QUE A PRINCESA NÃO ABOLIU?'	SAMANTA SAMIRA NOGUEIRA JURKIEWICZ	SANDRA REGINA SALES	UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
3	2013	O DISCURSO ECOLÓGICO NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA: POLÍTICA E PODER.	AMANDA MATOS SANTOS	MARIA EMILIA DE RODAT DE AGUIAR BARRETO BARROS	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
4	2015	EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: UMA ANÁLISE DE LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO	ARMANDO MORAIS CORREIA DE MELO FILHO	JACIARA JOSEFA GOMES	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
5	2011	AS ABORDAGENS DO TEMA MEIO AMBIENTE PELOS LIVROS DIDÁTICOS E PROFESSORES DA QUINTA SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL	MÁRCIA SILVANA RODRIGUES VOICHICOSKI	ANGÉLICA GÓIS MORALES	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
	2009	O CAMPO DE SABER DA HISTÓRIA E A EDUCAÇÃO	BARBARA MILENE MACHADO.	PAULA HENNING	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

6		AMBIENTAL NOS LIVROS DIDÁTICOS PROVOCAÇÕES E PERPLEXIDADES PARA UMA HISTÓRIA DO PRESENTE			
7	2016d	A PLURALIDADE CULTURAL NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: DA TEORIA AO EMPODERAMENTO DO ALUNO	MARIA ANTONIA FERNANDES DA SILVA	MARIA DO SOCORRO DIAS LOURA	UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
8	2014	REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE INDÍGENA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA: LEIS E TEORIAS APLICADAS	OSMANDO JESUS BRASILEIRO	REGINA DA COSTA DA SILVEIRA	CENTRO UNIVERSITÁRIO RITTER DOS REIS

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Portal da CAPES (2016;2017)

A primeira dissertação trata²⁰ de uma construção interessante, uma vez que analisa livros do 6 ao 9º ano à luz dos princípios da EA, dando destaque as disciplinas de Português, Ciências, História e Geografia. Para esta pesquisa, fora analisada a seção relacionada à disciplina de Língua Portuguesa, a autora destacou alguns tópicos importantes como meio ambiente e cultura, meio ambiente e perspectiva econômica, meio ambiente e tecnologia. Assuntos bem pertinentes, porém, o que foi mais interessante está relacionado à sensibilização ambiental, principalmente porque é dado um enfoque sobre a importância de Paulo Freire. O texto da pesquisadora traz ainda bom arcabouço teórico para pesquisas futuras, ela enfatiza a compatibilidade local, ponto que deve ser bem analisado quando se fala de Educação Ambiental, por isso foi outro ponto analisado nos livros que serviram de objeto para esta pesquisa, assim como para a proposta de intervenção. Segundo Ferreira (2013, p. 51), “Verificou-se que a variável compatibilidade com a realidade local foi encontrada

²⁰https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=103635

apenas nos textos do livro de português do 7º ano, a exemplo do fragmento do texto (...).”.

Na segunda dissertação, cuja questão racial é destaque, a princípio já é destacada que esse tipo de análise é válido em qualquer disciplina, todavia traz a experiência do que ocorreu numa determinada escola. Como o livro didático de Língua Portuguesa era o objeto de estudo, foram explanados vários exemplos da questão racial na literatura e como instrumento de trabalho com os discentes. Ideias que podem ser tratadas numa perspectiva da educação ambiental política.

A terceira dissertação, escrita por Amanda Matos Santos, traz algumas informações corriqueiras, a citar, institucionalização da Educação Ambiental no Brasil e história da Educação Ambiental, todavia a contribuição maior relaciona-se como os discursos ambientais são disseminados, informação foi válida para analisar com mais afinco os livros e inserir comentários nas análises. Na página 92 da dissertação, há destaque para as perguntas relacionadas ao texto, são interessantes, pois no livro analisado para esta pesquisa, percebeu-se que as perguntas não estavam direcionadas aos pontos importantes dos textos no sentido da crítica social, isto é, ideologias. Além disso, a dissertação da pesquisadora não se restringe apenas as palavras, mas também as imagens, isto é, a análise é sobre o verbal e não verbal. (SANTOS, 2013).

Destaca que o livro didático não é algo neutro, muito pelo contrário, pois é algo construído com muita ideologia que transmite conhecimento.

No imaginário das diversas sociedades, o LD (no caso desta pesquisa o de Língua Portuguesa) constitui-se enquanto suporte informativo que auxilia o professor não só nas questões gramaticais, mas, sobretudo, nas atividades interpretativas, instigando, assim, as discussões acerca de uma determinada temática; acredita-se que é, portanto, um instrumento neutro que visa apenas à transmissão do conhecimento. (SANTOS, 2013, p.72)

O quarto²¹ texto está pautado em relevar aquilo que mais se destaca na Educação Ambiental não convencional: uma sociedade igualitária, justa e fraterna em acordo com o princípio do respeito à dignidade humana. Desta forma, apresentou informações, que foram válidas, para inserção de conteúdos no material paradidático produzido.

²¹ O texto também aparece na seção: Dissertações que tratam da Educação Ambiental e Livro Didático

Na quinta dissertação²², de Márcia Silvana Rodrigues Voichicoski, há a caracterização do livro didático, destaque para as pesquisas relacionadas ao livro didático e a educação ambiental e, o mais importante, caracterização da educação ambiental e o porquê de ela ser analisada no livro didático. Nesse aspecto, a investigação realizada aproxima-se da investigação aqui realizada, pois há destaque para os pontos como interdisciplinaridade e transversalidade. Mostrando também que tipo de influência o livro exerce sobre o aluno, criando uma situação conformista ou pessimista diante dos problemas ambientais: enfatiza o lado negativo e as dificuldades relacionadas ao meio ambiente de forma muito pessimista, o que passa uma imagem de que não adianta se preocupar com o meio ambiente, pois é muito difícil alterar essa realidade (VOICHICOSKI, 2011, p.87).

O sexto texto (6), redigido por Barbara Milene Machado, é um bom texto, isso é possível perceber, mesmo por meio de uma leitura lacônica. Todavia, a contribuição não foi tão significativa para esta pesquisa, uma vez que estava focada na questão histórica.

Na sétima dissertação²³, o enfoque está relacionado às aulas no ensino de jovens e adultos e as temáticas essenciais para o ensino desse grupo: direitos educacionais, pluralidade educacional, identidade, questão étnico-racial, direitos humanos, preconceito linguístico etc. Tudo isso pensando no empoderamento dos estudantes. Assim, foram utilizados autores como Paulo Freire e Candau. Um texto que corrobora muito com a proposta desta pesquisa, pode ser considerado como um segmento da ideia Educação Ambiental política. Há, assim como nessa pesquisa, enfoque na análise dos gêneros, por exemplo, na página 51 da dissertação foi inserida uma tabela destacando a abordagem da temática do gênero e a relação com a cultura, com a identidade e questão étnico-racial. Outro ponto pertinente e corroborador foi o fato de identificar outras pesquisas que analisam obras literárias, por exemplo, a pesquisadora destaca um clássico da literatura: Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto. Vejamos:

O poema narra em versos a vida de Severino, retirante nordestino, semelhante a tantos outros que saíram/saem do sertão, (nesse caso, pernambucano), atingidos pela seca, em busca de uma vida melhor. Segue o curso do rio Capibaribe rumo ao litoral (Recife). É a

²²<http://tede2.uepg.br/jspui/bitstream/prefix/1320/1/MARCIA%20SILVANA%20RODRIGUES%20VOICHICOSKI.pdf>

²³http://www.mestradoemletras.unir.br/downloads/5982_a_pluralidade_cultural_no_livro_didatico_de_lingua_portuguesa_de_eja___maria_antonia_fernandes_da_silva.pdf

representação do processo migratório que ocorreu/ocorre com outros sertanejos, igualmente vítimas da seca, que vão enfrentando as dificuldades. No trecho “O retirante explica ao leitor quem é e a que vai”, há uma relação com o texto anterior (1.1) no momento em que focaliza para o sujeito que se apresenta, num espaço coletivo, como um ser individual que fala, que precisa ser reconhecido, precisa ter voz: “Meu nome é Severino.” (SILVA, 2016d, p.53)

A abordagem feita por Silva traça uma perspectiva da identidade, mostra como a literatura influencia na construção do conhecimento, fazendo, de tal forma, uma demonstração da importância da literatura por si própria e desta no livro didático como formadora de opinião ou de propagadora de ideias.

A última dissertação foi a REPRESENTAÇÕES DA IDENTIDADE INDÍGENA NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA: LEIS E TEORIAS APLICADAS, produzida por Osmando Jesus Brasileiro é bem extensa e de excelente qualidade. O índio é colocado como centro de investigação, mostrando – principalmente para este trabalho - outro objeto para análise no livro didático de Língua Portuguesa. (BRASILEIRO, 2014).

Em síntese, foram analisados 1000 títulos, porém apenas 18 títulos estavam relacionados ao tema, mas apenas 8, de fato, foram encontrados, isso mostra que o buscador divulga vários temas tangenciais, não há realmente uma busca criteriosa pelo sistema, essa seleção deve ser feita a partir da leitura dos títulos e resumos. Além disso, essa busca e posterior análise serviu para mostrar que realmente não há muitas pesquisas relacionadas ao meio ambiente e sua inserção no livro didático de Língua Portuguesa, obviamente, fazendo uma comparação com o resultado final destacado no buscador. Rememora-se também que, quando isso acontece, é de maneira bem mais “específica”, por exemplo, análise da identidade do cidadão, análise da linguagem no meio ecológico e a cidadania (de forma ampla). Outrossim, mostrou que outras áreas como história, geografia e biologia estão mais relacionadas ao conteúdo de Educação Ambiental, evidenciando que muitos acreditam que a EA se restringe a essas áreas, isto é, não percebem a abrangência dela e os vários elementos que compõem a EA: interdisciplinaridade, crítica, enfoque humanista, democracia, prática social, ética, pluralidade e diversidade cultural. A pesquisa no tocante a essa segunda etapa trouxe uma gama de ideias que serviram de objeto temático para análise do livro didático de Língua Portuguesa, por exemplo, meio ambiente e cultura, meio ambiente e cidadania, meio ambiente e tecnologia, meio ambiente e pluralidade

educacional, meio ambiente e gêneros textuais, meio ambiente e direitos humanos etc. O estado de arte é uma ferramenta imprescindível, sobretudo, no que se refere à incremento e aprofundamento da pesquisa.

1.3.3.3 Educação Ambiental e Paulo Freire

Para **terceira** e última pesquisa no catálogo de teses e dissertações da capes, foi inserida a combinação “**Educação Ambiental e Paulo Freire**”, enquanto resultado total foi obtido 985.284, sabendo que seria inviável analisar todos os títulos, resumos e textos na íntegra, então, foram analisadas 30 páginas e, portanto, 600 títulos.

Importante destacar que a busca foi relativamente complexa, pois a identificação do tema específico foi feita a partir da leitura, pois os resultados disponibilizados foram bem amplos, porque o buscador destacou muitos títulos escritos com o nome Paulo Freire ou Educação Ambiental.

Então, seguindo a mesma metodologia utilizada anteriormente (número, ano, título, autor, orientador e instituição, vejamos o quadro sistemático e, em seguida, a resenha.

QUADRO 3: Dissertações que tratam da Educação Ambiental e Paulo Freire

	Ano	Título	Autor	Orientador	Instituição
1	2004	DESVELAMENTO DA REALIDADE E VISÃO DE MUNDO: CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE À EDUCAÇÃO AMBIENTAL	DIEGO CHABALGOITY	MARIA JULIETA COSTA CALAZANS	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
2	2016e	O MODO DE VIDA DEMOCRÁTICO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO EM PAULO FREIRE	ANDRE LUIZ BORGES DA SILVA	DARCISIO NATAL MURARO	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
3	2012	O PROCESSO E O SIGNIFICADO DE ELABORAR PRINCÍPIOS DE CONVIVÊNCIA DO TRABALHO COLETIVO À HUMANIZAÇÃO: DIÁLOGOS COM PAULO FREIRE	LÍLIAN DILLI GONÇALVES	GOMERCINDO GHIGGI	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
	2014	EDUCAÇÃO DO CAMPO E PEDAGOGIA PAULO	LUIZ GOMES DA SILVA FILHO	RITA DE CASSIA	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

4		FREIRE NA ATUALIDADE: UM OLHAR SOBRE O CURRÍCULO DO CURSO PEDAGOGIA DA TERRA DA UFRN		CAVALCANTI PORTO	
5	2016	EDUCAÇÃO DIALÓGICO-LIBERTADORA E A TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO EM FREIRE: UMA LEITURA HERMENÊUTICA DO PACTO NACIONAL PELO FORTALECIMENTO DO ENSINO MÉDIO FREDERICO WESTPHALEN/RS 2016	SILVANA APARECIDA PIN	CENIO BACK WEYH	UNIV. REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES
6	2010	A IMPORTANCIA DA DIALOGIA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM OLHAR FREIRIANO	CAMILO DE LELIS PEREIRA DE SOUZA	VICENTE PAULO DOS SANTOS PINTO	UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
7	2012	A EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA. E O SUBSÍDIO DE PAULO FREIRE	ELIANA LOPES DAUD	SUELI MARIA PESSAGNO CARO.	CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO
8	2012	A NOÇÃO DE LIBERTAÇÃO POLÍTICA NO PENSAMENTO DE PAULO FREIRE	ANADIR FOCHEZATTO	GILMAR HENRIQUE DA CONCEIÇÃO	UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
9	2008	A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO PARA PAULO FREIRE (1958-1965).	ANA PAULA SALVADOR WERRI	MARIA CRISTINA GOMES MACHADO	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Portal da CAPES (2016;2017)

A primeira dissertação foi DESVELAMENTO DA REALIDADE E VISÃO DE MUNDO: CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE À EDUCAÇÃO AMBIENTAL²⁴, escrita por Diego Chabalgoity. Além de uma introdução para explanar alguns conceitos freireanos como educação bancária e educação libertadora, o texto traz informações estreitas ao que é defendido nesta investigação, por exemplo, educação libertadora e o elo com a educação ambiental. Outrossim, a crítica e a prática, tão fomentadas por Freire, são usadas como argumento para defender uma EA que “quebre” paradigmas. O destaque na dissertação está relacionado à prática que

²⁴ http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/Diego_Chabalgoity-ME.pdf

envolva educadores e educandos em prol da crítica da realidade e posterior mudança dela.

Contudo, conforme reiteramos, é indispensável a reflexão sobre os caminhos de sobrevivência com os quais a ciência vem se defendendo. Deve-se atenção, sobretudo às formas de cooptação promovidas pelos detentores de tais tecnologias informadas pela Ciência Clássica. O educador crítico sabe que não será uma revolução puramente acadêmica que resolverá, por si só, o problema. Entendemos que é preciso um resgate que transcenda o nível intelectual acadêmico, uma reflexão constante sobre o dia-a-dia, sobre questões que podem esclarecer caminhos escolhidos cegamente, nestes últimos 500 anos. Estas questões não aparecem de forma mais clara do que na prática educativa atenta ao contexto concreto da vida de quem o educador pretende ajudar a se conscientizar. (CHABALGOITY, 2004, p.65)

A segunda (2) dissertação que chamou bastante atenção foi O MODO DE VIDA DEMOCRÁTICO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO EM PAULO FREIRE, de Andre Luiz Borges da Silva. Os princípios freireanos, cuja importância é essencial para a educação ambiental política, que estão principalmente no capítulo segundo, são bem destacados. O primeiro tópico é o diálogo; em seguida, a humanização; a criticidade e libertação são os últimos. Essas temáticas relacionadas aos social e ao modo de vida digna e de real participação.

Um conceito bem problematizado e que merece destaque é o do diálogo (democracia) e enfoque nas questões locais, pois o autor traz argumentos alusivos à Freire cuja adequação é perfeita para a educação ambiental manifestada aqui.

A educação que nega a imersão sustentando a in experiência democrática, não transcende a sala, o livro, a gramática, a palavra, o verbo, não tem experiência de ampliação perante o mundo. Essa inorganicidade educacional é denunciada por Freire que ressalta a necessidade de uma revisão para atitudes educacionais. (SILVA, 2016e, p.73)

E ainda:

A escola, então, não pode estar desatenta aos problemas e transformações da contextura. Para Freire, o estudante precisa estar atrelado ao seu tempo e espaço. O método, o espaço escolar, as concepções pedagógicas, a administração e o ensino não devem ser fechados em si. Pelo contrário, o agir educacional deve estar atento aos aspectos culturais, locais, regionais, desenvolvendo no aluno a

sua responsabilidade perante as múltiplas circunstâncias que irá vivenciar. Os professores, os alunos, a escola não podem ter simplesmente ideias das relações que podem estabelecer com a contextura. Pelo contrário, mais do que informações, a escola precisa de uma prática pedagógica que permita experienciar relações que levem o aluno ao verdadeiro diálogo, reflexão, criticidade, opção, solução e solidariedade. (SILVA, 2016e, p.74)

A terceira (3) dissertação, intitulada O PROCESSO E O SIGNIFICADO DE ELABORAR PRINCÍPIOS DE CONVIVÊNCIA DO TRABALHO COLETIVO À HUMANIZAÇÃO: diálogos com Paulo Freire, de Lílian Dilli Gonçalves, mesmo fazendo buscas nos sites e seguindo os filtros de pesquisa, o arquivo não foi encontrado, mas a partir do título, percebe-se que pesquisas relacionadas ao coletivo, a princípios de convivência e à humanização são sustentadas pelos princípios freireanos, deduz-se que a influência foi da obra Pedagogia do Oprimido, que está repleta de conceitos afins à EA, vejamos:

O diálogo crítico e libertador, por isto mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação. Não um diálogo às escâncaras, que provoca a fúria e a repressão maior do opressor. O que pode e deve variar, em função das condições históricas, em função do nível de percepção da realidade que tenham os oprimidos é o conteúdo do diálogo. Substituí-lo pelo anti-diálogo, pela sloganização, pela verticalidade, pelos comunicados é pretender a libertação dos oprimidos com instrumentos da "domesticação". Pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio. É fazê-los cair no engodo populista e transformá-los em massa de manobra. (FREIRE, 1987, p.33)

A quarta (4) dissertação selecionada tem o título EDUCACAO DO CAMPO E PEDAGOGIA PAULO FREIRE NA ATUALIDADE: UM OLHAR SOBRE O CURRÍCULO DO CURSO PEDAGOGIA DA TERRA DA UFRN, foi escrita por Luiz Gomes da Silva Filho, texto bastante significativo, todavia o capítulo terceiro é o mais proeminente. Ele é dedicado a explicar sobre a contribuição de Paulo Freire para educação do campo, além disso coloca a escola como disseminadora de uma hegemonia de perspectiva de conservação, para contrapor essa ideia, o pesquisador destaca a importância da crítica, elemento tão defendido por Freire, sendo também um princípio que serve - como destaca o Luiz Gomes - para o movimento Sem Terra, para Educação do Campo e para Educação Popular. (FILHO, 2014)

O quinto texto encontrado foi EDUCAÇÃO DIALÓGICO-LIBERTADORA E A TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO EM FREIRE: UMA LEITURA HERMENÊUTICA DO PACTO NACIONAL PELO FORTALECIMENTO DO ENSINO MÉDIO FREDERICO WESTPHALEN/RS 2016, confeccionado por Silvana Aparecida Pin. Assim como em outros textos, essa dissertação traz princípios freireanos que são fundamentais para a transformação do mundo, necessariamente, a práxis é o mais destacado, mas sempre subsidiado pelo diálogo. O diferencial do trabalho é a aplicabilidade desse conceito em uma escola, isto é, colocando a teoria em prática. Já a sexta (6) dissertação, intitulada A IMPORTANCIA DA DIALOGIA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM OLHAR FREIRIANO, escrita por Camilo de Lelis Pereira de Souza, traz, no seu capítulo segundo, um reforço ao conhecimento das temáticas já conhecidas na área da educação ambiental numa relação estreita com Paulo Freire, por exemplo, visão ontológica da educação, essência dialógica, conscientização, crítica e contexto no qual os discentes estão inseridos. Deve ser enfatizado que essa dissertação e, em especial, o capítulo segundo, explicitou, mais uma vez, que a educação ambiental é realmente interdisciplinar, mas o autor foi ainda mais específico, pois mostrou a relação da dialogia de Mikhail Bakhtin²⁵ e fundamentos educacionais de Freire, algo muito próximo aos princípios norteadores desta pesquisa, haja vista se trabalha com a análise de gêneros textuais ou do discurso, conceitos criados por Bakhtin. Além disso, cita Fiorin à título de corroboração das ideias, outro estudioso da linguagem com enfoque nos gêneros textuais. Todas essas discussões são imprescindíveis para este trabalho, considerando que há neste trabalho acadêmico um trabalho de investigação do livro didático de língua Portuguesa, que está carregado de gêneros textuais, à luz dos conceitos ambientais.

Outra dissertação escolhida a partir da leitura do título, sendo então sétima (7) a ser analisada foi A EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA. E O SUBSÍDIO DE PAULO FREIRE²⁶, escrita por Eliana Lopes Daud. Deve ser frisado que não aparece explicitamente o nome Educação Ambiental, porém lendo o texto percebe-se que ela está sim na dissertação, isto é, está implícito principalmente os ideais. O capítulo segundo Educação Social e Comunitária, trata da questão da desigualdade,

²⁵ Filósofo russo, viveu 75 anos, nasceu em 17 de novembro de 1895 e faleceu em 7 de março de 1975. Na área da linguagem, o filósofo se destaca pela teoria do discurso, maneira como textos, orais ou escritos, são apresentados.

²⁶ http://unisal.br/wp-content/uploads/2013/04/Disserta%C3%A7%C3%A3o_-Eliana-Daud.pdf

problemas sociais e, necessariamente, das injustiças. Para sustentar essas ideias, há, então, enquanto autoridades, Freire e Saviani para mostrar que esses problemas irão acabar, quando as camadas populares se inserirem no processo de construção de uma nova sociedade. Isso só irá acontecer com uma pedagogia revolucionária e crítica.

As intenções teóricas de Freire não se limitam a simples produção de um referencial de razão, mas relacionam-se à tradição de luta contra o anticolonialismo, contra as forças hegemônicas do capitalismo, contra o autoritarismo, as posições liberais e neoliberais. Sua prática educativa, como ele mesmo define, é progressista e ocorre numa sociedade desafiada pela globalização da economia, pela fome, pela pobreza, pela tradicionalidade, pela modernidade e até pós-modernidade, pelo autoritarismo, pela democracia, pela violência, pela impunidade, pelo cinismo, pela apatia, pela desesperança, mas também pela esperança. (DAUD, 2012, p.42)

A oitava dissertação²⁷, de Anadir Fochezatto, dos quatro capítulos de desenvolvimento da dissertação – isto é, excluindo introdução e considerações -, percebemos os conceitos freireanos como fundamentos para uma melhor educação e sociedade, sendo também, portanto, levados à seara da EA, cujo cerne é político. Merecem destaque dois aspectos: ação dialógica e práxis revolucionária:

Temos consciência de que a educação sozinha não transformará a realidade histórica. Entretanto, a educação crítico-problematizadora contribui para a constituição de um sujeito pensante crítico e problematizador que não se acobarda diante da opressão e da injustiça, porque ele se sabe no direito de exigir, de cobrar, de fiscalizar, de atuar (FOCHEZATTO, 2012, p. 132)

A última (9) dissertação escolhida foi A FUNÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO PARA PAULO FREIRE (1958-1965), de Ana Paula Salvador Werri. Texto denso e extenso, aqui merece ser destacado o conteúdo da democratização, inserido no capítulo 4, que trata de uma sociedade em transformação, ideias afins aos que se destaca na EA. Há notoriedade para participação do povo nos problemas sociais e numa nova organização de trabalho, fazendo uma integração dos interesses individuais e coletivos a fim de harmonizar a sociedade. (WERRI, 2008).

²⁷ <http://tede.unioeste.br/bitstream/tede/873/1/DISSERTacao1%20Anadir.pdf>

Por conseguinte, nesta última seção foram analisadas 30 páginas, um total de 600 títulos, porém com vários problemas para encontrar o documento na íntegra, mesmo assim vários pontos positivos foram possibilitados, sobretudo, pela qualidade do que fora encontrado. Alguns títulos e resumos foram suficientes para conhecer novas ideias e novas visões de trabalho, sendo o mais interessante a ratificação de Paulo Freire para Educação Ambiental. Claro que, quando encontradas as dissertações na plataforma sucupira ou no site da universidade, eram analisadas, mesmo que de maneira lacônica, sendo que alguns capítulos foram analisados mais detalhadamente. Desta forma, os textos contribuíram significativamente acerca da reflexão sobre democracia; trabalho enquanto parte da educação ambiental; a conscientização como ferramenta basilar para a educação e, conseqüentemente, para Educação Ambiental; e o trabalho individual e coletivo em prol do meio ambiente.

Sobre o estudo correlato baseado nessa tripla perspectiva de pesquisa: (1) Educação Ambiental no livro didático, (2) Educação Ambiental no livro didático de Língua Portuguesa e (3) Educação Ambiental e Paulo Freire, indubitavelmente se pode afirmar que foi bastante enriquecedor, mesmo sendo bastante complexo a aquisição digital das dissertações, pois sites foram retirados, outras dissertações não foram encontradas ou ainda não estavam disponíveis digitalmente, por isso foram lidos os títulos e resumo para compreender o que estava sendo pesquisado. Destaque-se que há muita pesquisa acerca da Educação Ambiental no livro didático, porém ainda reservada aos componentes curriculares de História, Geografia, Ciências e Biologia, ao passo que os outros componentes não são protagonizados, fica assim confirmado que o livro didático é sim bastante valorizado nas pesquisas, pois é concebido como ferramenta essencial no ambiente escolar e, conseqüentemente, serve de objeto para as pesquisas. Outra observação é a localidade, a EA está sendo pauta em vários municípios dos mais variados estados, pelos mais diversos pesquisadores de instituições particulares e públicas. Vale reforçar, portanto, que as contribuições foram decisivas no aprimoramento desta pesquisa, haja vista suscitou alguns detalhes relacionados à temáticas específicas para a EA, bem como sobre a metodologia das pesquisas nos livros didáticos, por exemplo, esquemas de análise de texto e documentos imprescindíveis que norteiam a seleção dos livros didáticos, que veremos agora, Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

1.3.4 O livro didático de Língua Portuguesa e a relação ao PNLD

Todas as escolas cadastradas no Programa Nacional Biblioteca da Escola²⁸ (PNBE) e, conseqüentemente, no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) têm a prerrogativa de adquirir não só o livro didático, mas também dicionários, obras literárias e outras obras pedagógicas, pois são essenciais à formação dos estudantes e professores. Nesses parâmetros se adequou o *campus* Penedo do Instituto Federal de Alagoas, desta forma, recebe os livros didáticos e demais material. Destacando que a entrega dos livros didáticos é periódica a cada 3 anos, consoante ao Decreto nº 7084/2010²⁹ (2010), parágrafo segundo do artigo 6º: “O processo de avaliação, escolha e aquisição das obras dar-se-á de forma periódica, de modo a garantir ciclos trienais alternados (...)” e para esta pesquisa foram analisados os livros de Língua Portuguesa relacionados ao ciclo de 2015, isto é, livros utilizados no ano de 2015, 2016 e 2017. Os livros, segundo a Resolução CD/FNDE nº 7 (2009), que trata – entre outros assuntos – dos objetivos do livro didático:

Art. 2º Serão distribuídos às escolas acervos compostos por obras de literatura, de referência, de pesquisa e de outros materiais relativos ao currículo nas áreas de conhecimento da educação básica, com vista: I. à democratização do acesso às fontes de informação; II. ao fomento à leitura e à formação de alunos e professores leitores; e III. ao apoio à atualização e ao desenvolvimento profissional do professor. (BRASIL, 2009, p.1)

Deve-se destacar que as obras do ciclo que iniciou no ano de 2015 priorizaram compreensão da potencialidade e especificidade do protagonismo juvenil, para que os estudantes pudessem atuar em diferentes espaços sociais em consonância com as agendas sociais de defesa dos direitos, do respeito e valorização da diversidade e do usufruto cultural em sua integralidade.

Com base nesses documentos, sabe-se que os livros devem estar relacionados ao currículo, neste contexto pode destacar que devem estar alinhados com as propostas dos cursos de “Meio Ambiente” e “Açúcar e Álcool”. Com efeito, os

²⁸ Resolução/CD/FNDE nº 7, de 20 de março de 2009. <http://www.fnde.gov.br/aceso-a-informacao/institucional/legislacao/item/3292-resolu%C3%A7%C3%A3o-cd-fnde-n%C2%BA-7-de-20-de-mar%C3%A7o-de-2009-alterada>

²⁹ <http://www.fnde.gov.br/aceso-a-informacao/institucional/legislacao/item/3177-decreto-n%C2%BA-7084-de-27-de-janeiro-de-2010>

livros devem trazer informações sobre Meio Ambiente de uma maneira bem ampla, sobretudo, relacionado à sustentabilidade, preservação, propostas de intervenção no meio, haja vista são ideias estruturais dos cursos.

Além da resolução supracitada, foi publicado o Decreto nº 7.084, de 27 de janeiro de 2010. As ideias sobre a importância do livro didático são ampliadas sem deixar de estar em consonância com a Resolução CD/FNDE nº 7 (2009)³⁰. No decreto, é reiterada a qualidade da educação na educação básica, principalmente, nas escolas públicas; democratização do acesso às fontes de informação; e, o mais pertinente a esta pesquisa, padrão de qualidade do apoio à prática educativa. Este o mais instigador, porque se sabe que a Educação Ambiental é sim um “conteúdo” que deve estar inserido no livro didático para potencializar a qualidade de um livro. Convergindo para tudo isso, o decreto destaca diretrizes dos programas do livro, são seis.

Art. 3º São diretrizes dos programas de material didático:
I – respeito ao pluralismo de ideias e concepções pedagógicas;
II – respeito às diversidades sociais, culturais e regionais;
III – respeito à autonomia pedagógica dos estabelecimentos de ensino;
IV – respeito à liberdade e o apreço à tolerância;
V – garantia de isonomia, transparência e publicidade nos processos de avaliação, seleção e aquisição das obras. (BRASIL, 2010, p.1)

Essas diretrizes destacam que o livro didático não deve se restringir ao conteúdo, em outras palavras, o livro didático de Língua Portuguesa não deve conter exclusivamente informações sobre normas gramaticais e literatura. Os textos não podem ser apenas literários e focados em autores e suas estéticas, todavia devem ser variados e, portanto, envolver outras temáticas, as quais possibilitem conhecer mais a sociedade, as regiões do país e proporcionem mais respeito às questões culturais. Esses aspectos foram averiguados nos livros didáticos, mas à luz dos princípios da Educação Ambiental, de tal forma pode-se garantir que o resultado foi satisfatório³¹.

Deve-se destacar que os livros escolhidos para o *campus* Penedo seguiram rigorosamente os ritos estabelecidos, de tal forma foram aprovados nos aspectos

³⁰<http://www.fnde.gov.br/aceso-a-informacao/institucional/legislacao/item/3292-resolu%C3%A7%C3%A3o-cd-fnde-n%C2%BA-7-de-20-de-mar%C3%A7o-de-2009-alterada>

³¹ Os resultados serão destacados na seção adequada: resultados e discussão.

físicos e nos atributos editoriais. Importante frisar que se trata de um material pesado e de dimensões desproporcionais para os adolescentes, sabendo que eles recebem um (1) livro por componente curricular, um total de 11 livros³², acrescentando que o discente pode levar mais de um à escola em apenas um dia, isso é, com certeza, bastante penoso, sobretudo, se for feita uma reflexão acerca das atividades, pois são superficiais e desmotivadoras, assim o livro didático se torna um fardo.

Algumas considerações devem ser feitas, o livro passou por uma triagem pedagógica (Decreto nº 7084, de 2010, art. 14); há textos complementares cujo objetivo era servir de “facilitador”; as imagens são bastante pertinentes, uma vez que estão, predominantemente, contextualizadas e, portanto, são proporcionadoras do estudo para os discentes e serviram de objeto para esta pesquisa; podem ser destacados os conceitos e as informações, haja vista estão bem situados tanto no que se relaciona à língua portuguesa como à Educação Ambiental lá inserida, porém não são profícuos, isto é, os assuntos/conteúdos/temáticas são explanados (as), mas de maneira fragmentada, superficial e incompleta. Se forem analisados de maneira restrita ao que está escrito, indubitavelmente, a coleção está perfeita, por exemplo, o que se pede no artigo 25 do Decreto nº 7084 de 2010:

A avaliação pedagógica das obras inscritas no PNBE será realizada com base em critérios definidos no edital, considera-se, necessariamente, sem prejuízo de outros: I – A qualidade do texto; II – a adequação temática; e III – a estrutura editorial e o projeto gráfico. (BRASIL, 2010, p.7)

São informações, conceitos e atividades interessantes e necessários não só para o livro didático, mas para qualquer tipo de livro, principalmente, para discentes do ensino médio, mas pouco crítico e instigador. Assim, o que se percebe é que faltam critérios para fomentar a produção de material mais agudo para a disciplina e para os elementos obrigatório, a citar, os temas transversais³³ como a Educação Ambiental, Ética, Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual e temas locais.

³² Português, Matemática, História, Geografia, Física, Química, Biologia, Filosofia, Sociologia, Língua Estrangeira, Arte. Ver: <http://www.fnnde.gov.br/programas/programas-do-livro/livro-didatico/guia-do-livro-didatico/item/5940-guia-pnld-2015>

³³ O compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva e a afirmação do princípio da participação política. Nessa perspectiva é que foram

Após passar pelos critérios de triagem editorial e pedagógica, os livros vão para o Guia de Livro Didático, uma espécie de “cardápio” com resenhas sobre os livros, já nesta etapa, a triagem dependerá da análise dos professores. Não obstante, antes de criticar o Guia com enfoque na Língua Portuguesa é importante tecer algumas considerações sobre o Guia de Apresentação. Neste “grande preâmbulo”, estruturado em 6 grandes seções, com cerca de 50 páginas ao total, tem-se especialmente orientações acerca da escolha do LD. Logo na apresentação há uma passagem que corrobora com o que está sendo definido aqui no sentido de aprofundamento do conteúdo, algo que não foi muito percebido nos livros analisados: “Afirma-se um trabalho pedagógico voltado tanto à compreensão e vivência dos significados sociais, estéticos, culturais e políticos dos conteúdos de aprendizagem quanto ao alargamento das oportunidades de participação na cultura” (GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS, 2014b, p. 7). Em outras páginas do documento, os argumentos vão reforçando a ideia de que o livro didático deve contribuir na preparação para o trabalho e cidadania, e a sustentabilidade socioambiental é colocada como meta universal, além disso é destacado que ela deve ser desenvolvida como prática integrada, contínua e permanente, conceitos que foram construídos e aprimorados no percurso histórico da Educação Ambiental e assim inseridos nos documentos que norteiam a construção desse importante recurso pedagógico que é o livro didático. Outro ponto importante do documento está relacionado à vertente política da educação ambiental, haja vista afirma que o trabalho com a sustentabilidade socioambiental deve ser baseado na compreensão do necessário equilíbrio e respeito das relações do ser humano com o seu ambiente.

Há no corpo do texto referência a outro documento: Programa Ensino Médio Inovador³⁴. Este é mais um norteador do processo educacional, nos itens citados, há preocupação com a questão humanitária e a participação social. Então:

Promover a valorização da leitura em todos os campos do saber, desenvolvendo a capacidade de letramento dos alunos; Fomentar o comportamento ético como ponto de partida para o reconhecimento

incorporadas como Temas Transversais as questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde, da Orientação Sexual e do Trabalho e Consumo.

³⁴ O Programa Ensino Médio Inovador surgiu como uma forma de incentivar as redes estaduais de educação a criar iniciativas inovadoras para o ensino médio. A intenção é estimular as redes estaduais de educação a pensar novas soluções que diversifiquem os currículos com atividades integradoras, a partir dos eixos trabalho, ciência, tecnologia e cultura, para melhorar a qualidade da educação oferecida nessa fase de ensino e torná-la mais atraente.

dos deveres e direitos da cidadania, e para a prática de um humanismo contemporâneo expresso pelo reconhecimento, respeito e acolhimento identitário e pela incorporação da solidariedade; Promover estudo e desenvolvimento de atividades socioambientais, conduzindo a Educação Ambiental como uma prática educativa integrada, contínua e permanente; (...) (GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS, 2014a, p.13)

Então, todos esses conteúdos têm muito que a ver com os princípios da EA, sabendo ainda que no próprio documento há excertos que enfatizam a importância de o livro didático está próximo ao projeto político-pedagógico, pois a principal característica de um LD é sua adequabilidade à situação da escola.

Sobre o Guia do Livro Didático de Língua Portuguesa, a princípio, pode-se destacar, enquanto característica estrutural, um documento de 6 (seis) seções - levando em consideração os dois blocos de anexos- e cerca de 107 páginas. Dentre essas seções, a mais importante para essa pesquisa, indiscutivelmente, é a “Resenhas das Coleções”, todavia, antes de comentar a importância dela para a investigação, há a necessidade de lançar mão ao que está gravitando sobre esse cerne. Há, de maneira ampla, sugestões e norteamentos para a escolha do livro, sendo a Educação Ambiental um dos critérios, quando não encontra a expressão EA, palavras, termos e/ou expressões alusivas são percebidas, a citar, “cidadania” e “participação política e cultural”. Enquanto exemplo deste fomento à cidadania, na página número sete (7), há afirmação que todas as coleções fornecem parte significativa dos recursos necessários que o docente precisa, por exemplo, produção e leitura de gêneros textuais (oral e escrito) para o pleno exercício da cidadania. Segundo o documento, “protagonizar cenas sociais significativas e relevantes para a vida social, cultural, política e econômica do País, na forma de movimentos estudantes, movimento culturais, reivindicações próprias etc” (GUIA DE LIVRO DIDÁTICO, 2014b, p.9). Conheçamos o material:



FIGURA 1: Resenha da coleção SER PROTAGONISTA
FONTE: Guia do livro didático, 2015, publicado em 2014b.

Foram 17 coleções que passaram pela triagem do PNL 2015, ao passo que para o catálogo foram aprovadas 10, sendo reconhecido pela equipe editorial que, majoritariamente, os LD de Língua Portuguesa estão atrelados à estrutura tradicional de literatura, gramática e produção textual. Mas sobre o Guia e a relação com livros, deve-se destacar que estes foram resenhados de maneira bastante didática e ilustrada.

Esse (imagem 2) é o modelo padrão de apresentação das resenhas, há uma imagem representativa acima do lado esquerdo, o nome da obra em caixa alta (fonte maiúscula), o autor/organizador principal e site onde há mais informações sobre o livro didático. Imediatamente, abaixo são colocadas as seções de análise: Visão Geral, Quadro Esquemático, Descrição da Coleção, Análise da Obra e Em sala de Aula. Em média são 5 (cinco) páginas de análise, sempre dando enfoque diretamente as questões da língua portuguesa como literatura, produção textual, conhecimentos linguísticos e oralidade. Na mesma linha de análise está a seção quadro esquemático, cuja divisão se dá em: pontos fortes, pontos fracos, destaque, programa de ensino, manual do professor.

Não há espaço para análises fora do eixo linguagem, apenas no anexo primeiro aparecem informações pertinentes ao que se busca nos livros didáticos, pois são postos os critérios comuns a todas as áreas e, quando não respeitados, os livros são eliminados.

Considerando-se as características e as demandas do ensino médio, foram definidos critérios que representam o padrão de qualidade para as obras didáticas. Nesse sentido, a avaliação das obras didáticas inscritas no PNLD 2015 se fará por meio da articulação entre critérios eliminatórios comuns a todas as áreas e critérios eliminatórios específicos para cada área e componente curricular, requisitos indispensáveis de qualidade didático-pedagógica. (GUIA DE LIVRO DIDÁTICO, 2014b, p.82)

São 8 (oito) critérios, o segundo e o quarto estão relacionados aos princípios educação ambiental: (2) observância de princípios éticos necessários à construção da cidadania e ao convívio social republicano e (4) respeito à perspectiva interdisciplinar na apresentação e abordagem dos conteúdos. Ainda no anexo primeiro é destacado que os livros devem respeito à legislação, às diretrizes e às normas oficiais, assim há destaque para Constituição da República Federativa do Brasil; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com as respectivas alterações introduzidas pelas Leis nº 10.639/2003, nº 11.645/2008 e nº 11.525/2007; Lei nº 11.645/2008; Estatuto da Criança e do Adolescente; e Parecer CNE/CP Nº 14 de 06 /06/2012. Este último documento alicerçou a construção dos princípios da Educação Ambiental nos livros didáticos, analisando-os com base no que se encontra no parecer, percebe-se o cuidado na construção dos livros, sobretudo, em obediência às regras impostas pelo PNLD e demais Guias. O parecer destaca a necessidade de articulada das questões ambientais locais, regionais e nacionais; estimular educação sustentável; formação básica do cidadão; compreensão do sistema natural, social e político; e visão socioambiental complexa e interdisciplinar. Estes itens são verificados, mas apenas de maneira superficial, ao passo que outras mais complexas não são, e, raramente quando são, ficam postas como acessório das unidades:

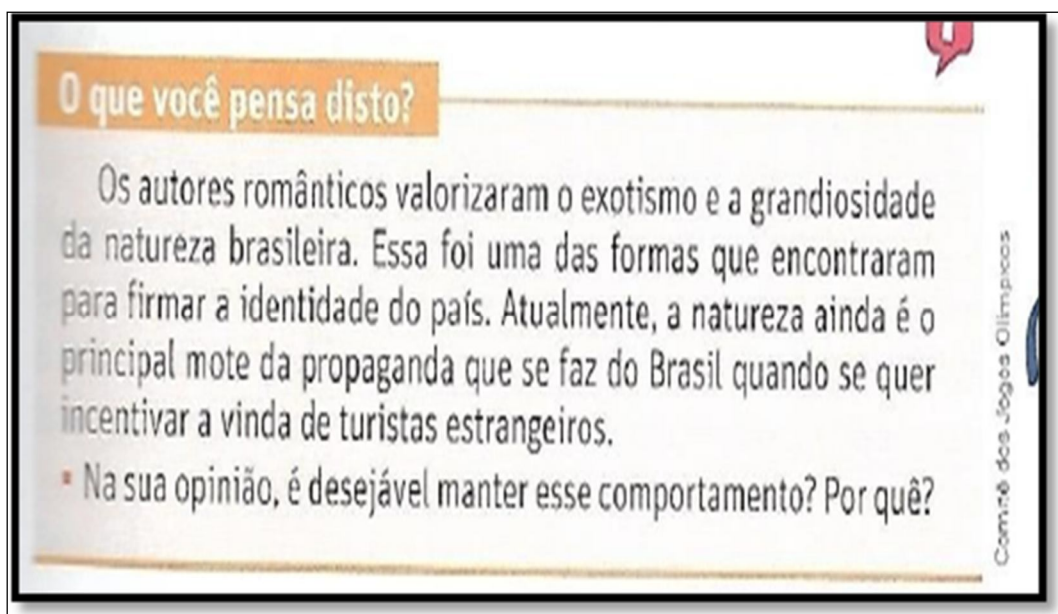


FIGURA 2: O meio ambiente *como assunto complementar*

FONTE: RAMOS (2º ano), 2013b, p.36

Detalhes serão vistos na etapa “Resultados e Discussão”, mas já são suscitadas duas reflexões: a proposta do livro é, de fato, introduzir os assuntos, quando na verdade deveria aprofundar, porque se trata de livros do nível médio; ou utilizada mesmo os textos relacionados à Educação Ambiental apenas para cumprir as normas do PNLD e, em alguns momentos, fomenta a pesquisa – quando pede a opinião do estudante - e assim cria possibilidades de aprofundar acerca dos conhecimentos sobre EA.

No anexo II, na etapa “As atividades”, há critérios norteadores para os exercícios, entre os mais pertinentes a esse trabalho - além da colaboração significativa para formação – está posto que os livros devem propor apreciações estéticas, éticas, políticas, ideológicas e estabelecem relações entre o texto literário e o contexto histórico, social e político de sua produção. Todos esses critérios foram seguidos à risca, pois os conteúdos são trabalhados nas etapas de produção textual, gramática e, necessariamente, literatura, mas há ressalvas, visto que foi percebido que as temáticas poderiam ser melhor desenvolvidas e em etapas específicas, não apenas como acessório, algo muitas vezes preterido pelos professores e estudantes.

Portanto, analisando os livros da coleção Ser Protagonista à luz do Guia de “Língua Portuguesa” e do Guia de “Apresentação” é inegável que todos os critérios - muito adequados - são obedecidos, principalmente, no que se refere aos temas

contemporâneos como a Educação Ambiental³⁵. O que se percebe não é o desrespeito, mas a falta de proficuidade acerca da temática, uma vez que os exercícios trabalhados são bastante propedêuticos. Vê-se atividades que tratam de cidadania (EA) ainda de maneira ilustrativa e de pouca reflexão, claro que isso não se dá nos três volumes da coleção, haja vista alguns exemplos bem críticos-reflexivos são discutidos. Destaca-se que nem tudo pode ser criticado, porque a variabilidade de textos informativos relacionados à Educação Ambiental e à cidadania são significativos, isso no que se refere aos três anos e em todas as seções. Além disso, há sempre uma contextualização da situação para relacionar as questões linguísticas e/ou literárias com a promoção da política, da saúde, da ecologia etc. Outro ponto relevante é a sugestão de leitura de textos, filmes e documentários, ação essa que fomenta, com certeza, o acesso ao conhecimento crítico-emancipatório, pois o discente fará as próprias reflexões e relacionará a questões conteudísticas. Algo que foi aprimorado no material paradidático produzido nessa pesquisa.

1.3.5 Paulo Freire: subsídio teórico-metodológico para Educação Ambiental crítico-emancipatória

Quando se ler algo sobre Paulo Freire enquanto referencial teórico para a Educação Ambiental, a princípio, pode ser causado um certo estranhamento, uma dúvida sobre qual a relação que há entre a obra de Freire e a EA. Logo, o leitor fica se indagando sobre qual livro ou artigo Freire fez sobre a Educação Ambiental. Não há um escrito específico direcionado EA produzido por ele, mas há sim conceitos e princípios que são atinentes à EA e alguns excertos, por exemplo, em vídeos da plataforma digital³⁶. O autor fala de maneira direta sobre o amor pelo meio ambiente e, portanto, sobre a Educação Ambiental, uma vez que fala como educador que foi. Necessariamente, ele não se restringiu à plataforma audiovisual, haja vista o seu principal recurso de disseminação de seu pensamento foi o livro, em Pedagogia da Indignação (2000), Freire já destaca o seu assombro diante dos problemas ambientais:

³⁵ Detalhes sobre isso na seção Resultados e discussão

³⁶ Na rede social youtube há um vídeo de Freire sobre essa questão <https://www.youtube.com/watch?v=J170pf5e5No>

Cinco adolescentes mataram hoje, barbaramente, um índio pataxó, que dormia tranquilo, numa estação de ônibus, em Brasília. Disseram à polícia que estavam brincando. Que coisa estranha. Brincando de matar. Tocaram fogo no corpo do índio como quem queima uma inutilidade. Um trapo imprestável. Para sua crueldade e seu gosto da morte, o índio não era um tu ou um ele. Era aquilo, aquela coisa ali. Uma espécie de sombra inferior no mundo. Inferior e incômoda, incômoda e ofensiva. É possível que, na infância esses malvados adolescentes tenham brincado, felizes e risonhos, de estrangular pintinhos, de atear fogo no rabo de gatos pachorrentos só para vê-los aos pulos e ouvir seus miados desesperados, e se tenham também divertido esmigalhando botões de rosa nos jardins públicos com a mesma desenvoltura com que rasgavam, com afiados canivetes, os tampos das mesas de sua escola. E isso tudo com a possível complacência quando não com o estímulo irresponsável de seus pais. Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços desgentificando-se, no ambiente em que decresceram em lugar de crescer. (FREIRE, 2000, p.32)

Nessa passagem, há uma preocupação com o índio, ser humano, algo tão valorizado por Freire. Ele defende a vida, a biofilia, o ser humano como projeto, valoriza a presença do homem no mundo e com o mundo, é a favor da justiça e liberdade, propõe a superação de toda forma de discriminação humana, de raça, de classe, cultural. Esse episódio evidencia processos de desumanização, que não pode ser tolerado, haja vista é contra a vida, a liberdade, a ética humanizadora.

Sim, no livro em questão, encontram-se outras passagens interessantes e fomentadoras de reflexão crítica sobre a conduta humana diante da vida e do meio ambiente. Os princípios destacados por Freire (2000) nessa obra estão intimamente relacionados aos fundamentos da EA em uma perspectiva crítico-emancipatória, Freire enfatiza “discursos lúcidos e em práticas democráticas, que a vontade só se autentica na ação no sujeito que assumem limites (2000, p.19) ”, destaca: “A consciência do mundo e a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo, mas com o mundo e com os outros. Um ser capaz de intervir no mundo e não só dele a ele se adaptar (2000, p.21)”, e posiciona-se: “Lidar com a cidade, com a polis, não é uma questão apenas de técnica, mas sobretudo política (2000, p.22)”. No caso de maior destaque citado, tratou-se de um ataque vil ao índio, sempre tão perseguido e assolado. Algo criticado por Freire e servindo enquanto exemplo do que não podemos fazer, mas sim devemos lutar para isso não acontecer. Assim, em *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*, ele defende

princípios humanos/sociais que estão à luz do que se fomenta na EA: Ética Humana/Humanização, democracia, diálogo, conscientização e participação ativa (prática), conceitos necessários a diminuição das injustiças, sociais e ambientais, conseqüentemente, provocando mudanças no mundo.

Nesse mesmo sentido, ele explana sobre o exemplo, o testemunho, porque não adianta teorizar e não praticar, chamando isso de práxis, ou seja, a relação entre a teoria e a prática. Freire é contrário, por exemplo, o professor, formador de opinião, que fala para não direcionar o esgoto da casa para um rio, mas é mais um que joga o lixo nesse mesmo rio. Freire destaca essa proximidade entre o que se fala e o que se pratica de coerência, segundo ele, “Não podemos falar a nossos filhos ou em sua presença de um mundo melhor, menos injusto, mais humano e explorar quem trabalha conosco” (FREIRE, 2000, p.22). Deve-se trabalhar para superar essas injustiças e não as fomentar. A educação não se pode furtar de debater as injustiças, de apontá-las e criticá-las, nada de acomodação e pretextos que o professor só deve abordar os conteúdos da disciplina, pois se sabe o educador progressista deve se ater aos problemas presentes na sociedade, com o objetivo de superá-los.

É necessário possibilitar a formação do ser humano em sua integralidade, pensando que ele vive em sociedade e se a injustiça for disseminada, teremos ainda mais problemas, por isso devemos perceber que o ser humano é inacabado e, portanto, em permanente processo de busca e de formação. Trata-se de um processo contínuo e gradativo, de formação de um sujeito histórico, social, para viver em sociedade, sendo um item necessário o respeito à democracia. Saber que todos são iguais em direitos e deveres, não podendo um se sobrepor ao outro numa relação de opressão e oprimido ou de explorador e explorado. Deve-se discutir com os estudantes que não exerçam nenhum dos “papéis”, deve-se respeitar o outro, haja vista todos estão no mesmo patamar. O processo de formação possibilita a conscientização diante dessas situações de opressão, isto é, discriminação, agressão, humilhação, o estudante, ser social, deve lutar pela transformação:

A luta ideológica, política, pedagógica e ética a lhe ser dada por quem se posiciona numa opção progressista não escolhe lugar nem hora. Tanto se verifica em casa, nas relações pais, mães, filhos, filhas, quanto na escola, não importa o seu grau, ou nas relações de trabalho. O fundamental, se sou coerentemente progressista, é testemunhar, como pai, como professor, como empregador, como empregado, como jornalista, como soldado, cientista, pesquisador ou artista, como mulher, mãe ou filha, pouco importa, o meu respeito à dignidade do

outro ou da outra. Ao seu direito de ser em relação com o seu direito de ter. (FREIRE, 2000, p.26)

Freire (2000) observa que a educação não é neutra, e a educação emancipadora está a serviço da construção, da transformação, do aprimoramento das relações humanas, não pode estar inclinada exclusivamente aos conteúdos.

Nesse mesmo sentido da educação crítico-emancipatória, Freire (2000) destaca que ela deve ser estimuladora do pensamento crítico, segundo ele as crianças crescem à medida que pensam, que questionam, que perguntam e que se indagam, sendo essa também uma das funções do professor, fomentar o debate questionador, a pergunta, a pesquisa, a curiosidade, a reflexão crítica, para haver interferência no mundo, pois não se pode estimular a resignação, assim também é a Educação Ambiental, porque é fomentadora da mudança, da mitigação dos problemas ambientais e sociais. Assim, pode ser destacada a questão da opressão, haja vista que se não houver luta, resistência e indignação ela poderá ser considerada como algo “dado” da realidade. Freire (2000) chama isso de ter direito à raiva:

Tenho o direito de ter raiva, de manifestá-la, de tê-la como motivação para minha briga qual tenho o direito de amar, de expressar meu amor ao mundo, de tê-lo como motivação de briga porque, histórico, vivo a História como tempo de possibilidade não de determinação. Se a realidade fosse assim porque estivesse dito que assim teria de ser não haveria sequer por que ter raiva. Meu direito à raiva pressupõe que, na experiência histórica da qual participo, o amanhã não é algo “pré-dado”, mas um desafio, um problema. (...) Não posso, por isso, cruzar os braços fatalistamente diante da miséria, esvaziando, desta maneira, minha responsabilidade no discurso cínico e “morno”, que fala da impossibilidade de mudar porque a realidade é mesmo assim. (FREIRE, 2000, p.36)

De tal forma, devemos estimular o estudante a ter “raiva³⁷”, para que ele lute quando vir maltrato aos animais, uma situação de agressão à mulher, um descarte inadequado do lixo, a poluição a um rio, a exploração do trabalhador, enfim, por todas as formas de discriminação e opressão da vida. Todos esses problemas estão no mundo e vivemos nele, portanto, não podemos calar, devemos sim transformá-lo em algo melhor. Lembrando que essas mudanças precisam acontecer de forma organizada, a partir de experiência, de ampla discussão entre todos de uma

37 Entende-se como raiva a inquietação, o incômodo com os problemas sociais, a insatisfação.

comunidade, pois se algo acontece em uma comunidade cabe a ela a mudança para o bem comum. Assim também destaca Reigota (2014, p.19) “Os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão as soluções” e enfatiza ainda, no tocante à escola:

A participação dos alunos e das alunas, dos funcionários e das funcionárias, dos professores e das professoras, e outras pessoas que circulam no espaço escolar e nos seus arredores é um exercício de convívio comunitário, voltado para o bem comum e coletivo. Mas essa participação não deve ser forçada e intimidadora. Participa quem quiser e se reconhecer nessas atividades. O importante é criar espaços de acolhimento aos que hesitam e respeitar o tempo, disponibilidade, interesse e possibilidades de cada um. (REIGOTA, 2014, p.79)

Então, algo que Freire enfatiza e converge agudamente aos princípios da EA é a ideia de transformação, para isso ocorrer deve haver diálogo, participação, organização, estratégia, consciência crítica, sonho por algo melhor, por exemplo, um melhor Meio Ambiente que não haja: fome, analfabetismo, miséria, desemprego, violência, desmatamento, discriminações e injustiças, sociais e ambientais.

Antes de destacar outro livro de Freire que foi importante para construção deste texto, deve-se enfatizar mais uma ideia que há no livro *Pedagogia da Indignação* (2000) a qual conflui no sentido da EA, haja vista há destaque para uma educação “fundada na interdisciplinaridade” (Freire, 2000, p. 51), pois esta metodologia é própria da esperançosa prática educativa e é epistemológica.

Portanto, as mudanças são possíveis – seja ela na sociedade seja do ser humano -, haja vista nada é imutável, mas deve haver crítica, deve ser tudo pautado no diálogo, pois, na verdade, a sociedade e nós somos sujeitos históricos, inacabados em permanente processo de construção, e o que deve haver essa consciência crítica do inacabamento e da realidade, para acontecer as mudanças e, na escola, as relações entre os componentes curriculares são imprescindíveis.

Em *Pedagogia do Oprimido* (1987), Paulo Freire destaca logo nas primeiras páginas a importância da educação no processo histórico de produção do homem, pois para conquistar a sua forma humana precisa conquistá-la numa circunstância dinâmica e do movimento dialético, este pautado na conscientização. Essa conscientização fará do ser humano um problematizador, que analisa, que questiona,

que busca o fazer no mundo. Assim Freire (1987) destaca que a consciência é política, tem intencionalidades, e que a consciência ingênua precisa ser superada com a consciência crítica.

Há destaque que essa consciência crítica leva à insatisfação popular, sendo, portanto libertadora “implicando no enraizamento que os homens fazem na opção que fizeram, os engaja cada vez mais no esforço de transformação da realidade concreta, objetiva.” (FREIRE, 1987, p. 13). Nessa perspectiva Reigota (2014, p.18) afirma: “A educação ambiental deve orientar-se para a comunidade, para que ela possa definir quais são os critérios, os problemas e as alternativas, mas sem se esquecer de que dificilmente essa comunidade vive isolada”. Assim, percebe-se que a concepção defendida por eles é a da liberdade, da justiça, da luta dos oprimidos e pela recuperação de sua humanidade roubada.

Outra contribuição importante destacada na obra – assim como aparece em outras - está relacionada ao conceito de práxis, que consiste na ação-reflexão-ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Esse conceito tão presente nas obras de Freire é determinante para as questões ambientais. Só a discussão não levará à mudança, é preciso, de fato, ação-reflexão-ação. Trata-se também de um processo de libertação, o qual é complexo, mas fazê-lo é necessário. Ainda nessa linha de raciocínio, Freire (1987) destaca que a educação não pode ser bancária, onde os homens são espectadores, para apenas depositar o que o mundo manda, sem crítica, sem questionamentos, mecânica, não dialógica e inibidora da criatividade e curiosidade do educando. Freire (1987) postula justamente o contrário e enfatiza a necessidade de mudança, o homem como atuante, como agente da transformação. Entre outros motivos, é favorável a educação problematizadora, “que rompe com esquemas verticais característicos da educação bancária, realiza-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre educador e educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo” (FREIRE, 1987, p. 39).

Destaca todas questões utilizando a situação do opressor e do oprimido, algo muito presente em nossa sociedade. Interessante o enfoque nessa questão, pois o opressor possui uma consciência de posse do mundo, assim, é dele as terras, os produtos e demais objetos, segundo Freire, “tudo se reduz a objeto de seu comando” (FREIRE, 2000, p.25). O objetivo principal do opressor é o lucro em detrimento do ser humano, uma ética do mercado, uma ética menor que prioriza o mercado de trabalho, o individualismo e o consumo.

Em Pedagogia do Oprimido, o diálogo é libertador, pois é provocador da reflexão crítica que engendra o reconhecimento em prol da mudança, pois refletir criticamente é condição para prática. Essas “temáticas” fazem o estreitamente do sujeito com ele mesmo, o que Freire chama, quando relacionado à realidade e à visão de mundo, de “temas geradores”. Temas estes que representam uma situação-limite, ou seja, uma situação existencial de desumanização e de opressão, que não faltam na seara ambiental e para ser trabalhado no campo Educacional é necessária uma metodologia interdisciplinar, para que “os homens se sintam sujeitos de seu pensar, discutindo o seu pensar, sua própria visão do mundo, manifestada implícita ou explicitamente, nas suas sugestões e nas de seus companheiros. ” (FREIRE, 2000, p.69)

Antes de finalizarmos as contribuições dadas pelo livro Pedagogia do Oprimido, vale destacar uma situação bastante reflexiva e, obviamente para este exemplo, relacionada ao meio ambiente:

Uma das educadoras do Full Circle, de Nova York, instituição que realiza um trabalho educativo de real valor, nos relatou o seguinte caso: ao problematizar uma situação codificada a um dos grupos das áreas pobres de Nova York que mostrava, na esquina de uma rua – a rua mesma em que se fazia a reunião – uma grande quantidade de lixo, disse imediatamente um dos participantes: “Vejo uma rua da África ou da América Latina”.

“E por que não de Nova York?”, perguntou a educadora.

“Por que, afirmou, somos os Estados Unidos e aqui não pode haver isto”.

Indubitavelmente, este homem e alguns de seus companheiros, que com ele concordavam, com uma indiscutível “manha da consciência”, fugiam a uma realidade que os ofendia, e cujo reconhecimento até os ameaçava. (FREIRE, 1987, p. 89)

Este excerto mostra como as pessoas se comportam diante de uma situação a qual julgam não ter. Freire evidencia como funciona o pensamento opressor, como opressores são responsáveis pelo processo de poluição, outrossim, destaca, sobretudo, o pensamento estrábico da dominação.

Agora, em Pedagogia da Autonomia (2016a), há um excerto sobre a mesma perspectiva, aqui destacado, a fim de completar o que foi evidenciado anteriormente:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas

também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia. Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? A ética de classe embutida neste descaso? Porque, dirá um educador reacionariamente pragmático, a escola não tem nada que ver com isso. A escola não é partido. Ela tem que ensinar os conteúdos, transferi-los aos alunos. Aprendidos, estes operam por si mesmos. (FREIRE, 2016a, p.42)

Freire (2016a), em seu texto problematiza as questões sociais e ambientais. Do primeiro fragmento, a partir de uma situação real, ele traz à tona o conceito de *leitura de mundo e opressão*, algo muito peculiar de alguns países “desenvolvidos”, pois são protagonistas em desmatamento, poluição, exploração de países “pequenos”, mas pregam o discurso de igualdade, democracia e cooperação. Freire (1987) objetiva desvelar o preconceito que há diante dos países subdesenvolvidos, não se identificando com a situação tão presente na vida deles (Habitantes dos EUA). No segundo trecho de citação, tem-se um exemplo da prática pedagógica em sala de aula, a explanação é sobre o professor não ser aplicador diretamente aos conteúdos, Freire (1996a) mostra que a escola tem um papel social inegável, que deve subsidiar o estudante a pensar criticamente nas mudanças da comunidade, sobretudo, onde vive. O estudante deve ser provocado a pensar e agir criticamente na poluição dos riachos, dos córregos, no bem-estar das populações e nos lixões. Enfim, Paulo Freire (1996) mesmo que não deliberadamente, construiu conceitos que fundamentam à EA em uma perspectiva crítica. O legado de Freire (1987, 2000, 2016a) perdura, pois, a perspectiva crítico-emancipatória é o cerne da EA ambiental não ortodoxa. Ele vai além, fomenta o debate, para que sujeitos históricos e situados reflitam criticamente acerca das ações no mundo, na relação família, na escola, na comunidade, assim traz

a Educação Ambiental a partir da sua problematização do social, das relações entre os seres humanos e entre esses e o meio ambiente. Outrossim, traz a ética humana como fundante para essas ações criando, como já visto, princípios que fundamentam à Educação Ambiental.

Então, estudiosos da Educação Ambiental perceberam como Paulo Freire é imprescindível para esse campo de trabalho, por isso, à medida que os estudos da EA vão avançando, Freire está sendo mais citado e reinventado³⁸. Loureiro e Torres destacam isso de maneira bem edificante:

Uma coisa é certa: Paulo Freire está presente na Educação Ambiental. Não há dúvidas quanto a sua presença nesse social. Pesquisas indicam, como os autores da presente obra atestam, que Paulo Freire é uma das referências mais citadas nas propostas curriculares escolares e nas publicações brasileiras sobre Educação Ambiental. (LOUREIRO E TORRES, 2014, p.10)

E ainda:

No âmbito da vertente Crítica de EA, um dos desafios lançados à área de EA escolar é o de buscar por abordagens teórico-metodológicas que garantam o desenvolvimento de atributos da EA no contexto escolar, como a perspectiva interdisciplinar, crítica e problematizadora; a contextualização; a transversalidade; os processos educacionais participativos; a consideração da articulação entre as dimensões local e global; a produção e a disseminação de materiais didático-pedagógicos; o caráter contínuo e permanente da EA e sua avaliação crítica (TORRES, 2010, apud LOUREIRO e TORRES, 2014, p.14)

Ainda sobre a importância da Pedagogia da Autonomia para esta pesquisa que envolve Educação Ambiental, Língua Portuguesa e Paulo Freire, é relevante evidenciar que Freire (1996) fala sobre a leitura de mundo, leitura verdadeira, que só acontece com o comprometimento imediato com o texto e a formação do sujeito. A leitura é perceber que o texto não é produção exclusiva do seu autor ou de sua autora, isto é, quando se produz leva muito das experiências com outras pessoas, leva ideologias, leva visões de mundo, pois são seres históricos, de tal forma, devemos

³⁸ Assim como nesta pesquisa, sobretudo, na elaboração da cartilha educativa em língua Portuguesa para a educação ambiental

mostrar mais aos estudantes de Língua Portuguesa, pois a leitura de mundo, precede a leitura da palavra. (FREIRE, 2016a).

Entre as discussões pertinentes destacadas por Freire em Pedagogia da Autonomia, entre outras como ética, criticidade, pesquisa que aparecem em outros livros, merece destaque a “aceitação pelo novo”. Segundo Freire (2016a), ensinar exige risco e para o professor de Língua Portuguesa ensinar Educação Ambiental com certeza há muitos riscos, pois, os próprios estudantes podem achar que não tem a ver com a disciplina. Todavia, deve-se romper com a educação bancária, não se pode ler um texto e focar exclusivamente nas questões linguísticas. Muito pelo contrário, deve-se preocupar com as questões ideológicas, com as intencionalidades, deve-se também compreender a natureza humana. Assim, pode-se subsidiar a formação do ser humano. Não é suficiente ler um texto e memorizar mecanismos linguísticos, mesmo isso também sendo importante, deve-se compreender o que está em todo o texto, segundo Freire:

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de apreender. Por isso, somos os únicos em quem aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito. (FREIRE, 2016a, p.68)

Percebe-se, a partir dos textos de Freire e relacionando à Educação Ambiental, que a memorização não é tão importante, aparece talvez em segundo plano. O importante é compreender para assim criar e recriar e parte-se do princípio que o texto seja um recurso importante e como tal deve ser bem utilizado. Segundo Freire (2016a, p.67), “a memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo”. Freire (2016a, p.101) ainda acrescenta: “Assim, como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina, não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas da minha atividade pedagógica”.

Freire (2016a) destaca nesta significativa obra vários conceitos edificantes como ética, humanização, criticidade, ideologia cidadã, comprometimento, amorosidade, curiosidade, ao passo que rechaça o autoritarismo, a falta de curiosidade, a falta de iniciativa diante dos problemas sociais.

Em *Conscientização* (1979), Freire pontua alguns conceitos importantes, logo no início da obra destaca a questão do analfabetismo, que, segundo ele, é algo que mais atinge as massas mais oprimidas. Traz à tona, a importância da formação permanente para a superação da consciência ingênua pela consciência crítica, que só existe nas “práxis”. A finalidade é a mudança da realidade.

Freire (1979) traz nesta obra a o processo de alfabetização política - um processo linguístico-, que pode ser uma prática para libertação ou “domesticação do homem”. Esse processo, quando libertador, faz perceber a realidade, surgindo os “temas geradores”. É o princípio da educação:

Uma educação que procura desenvolver a tomada de consciência e a atitude crítica, graças à qual o homem escolhe e decide, liberta-o em lugar de submetê-lo, de domesticá-lo, de adaptá-lo, como faz com muita frequência a educação em vigor num grande número de países do mundo, educação que tende a ajustar o indivíduo à sociedade, em lugar de promover-lo em sua própria linha. (FREIRE, 1979, p. 19)

Sobre isto Loureiro e Torres (2014) destacam:

(...) a Abordagem Temática pautada em temas geradores permite que educandos e educadores se tornem sujeitos ativos do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que ambos participam do processo de investigação dos temas geradores – os quais acabam por sintetizar as contradições sociais vividas pelos sujeitos investigados e por balizarem a elaboração e o desenvolvimento de currículos críticos no contexto escolar. (LOUREIRO e TORRES, 2014, p.23)

A educação crítico-transformadora pode ser o caminho para a solução dos problemas sociais, pois evidencia que é possível mudar, assim, é imprescindível conscientizar pela educação. Essa concepção de mundo é de suma importância, pois mostra que não somos neutros.

A partir dos conceitos compreendidos dos livros de Freire (1979, 1987, 2000, 2016a&b), das dissertações produzidas a partir dos ideais dele, bem como dos artigos analisados, infere-se que não haverá uma Educação Ambiental ecológica se, paralelamente ou mesmo anteriormente, não houver um trabalho de crítica à legislação, aos documentos norteadores da Educação Ambiental, às práticas metodológicas. É urgente uma Educação Ambiental interdisciplinar, pois deve envolver vários componentes curriculares em prol de um ambiente melhor; uma EA

crítica, que fomente nos estudantes a vontade de pesquisar, questionar, de discutir e de dialogar, isto é, que problematize as questões sociais, ambientais e culturais; uma EA que seja prática, faça os estudantes/cidadãos mudar a realidade local e, conseqüentemente, global. Freire (1987,2000, 2016) teoriza, faz refletir e é provocador, sendo, portanto, um teórico imprescindível, suscitando algumas propostas que denunciam e anunciam a urgência na mudança da sociedade atual.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Nesta seção, apresenta-se o material utilizado e os procedimentos desempenhados para a realização da pesquisa. Deve-se, a princípio, destacar que o material desta investigação crítica e do paradidático elaborado é a soma de documentos de várias áreas do conhecimento, principalmente, da Educação Ambiental, da Língua Portuguesa, da Pedagogia, da Informática - em menor expressão quantitativa, mas de significativa pertinência.

Cabe ressaltar que, segundo Marconi e Lakatos (2003, p 155), “A pesquisa, portanto, é um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Levando em consideração esse conceito (bem como outros não explicitados), foi elaborada esta pesquisa, chegando a algumas considerações que serão destacadas na etapa adequada. Os procedimentos foram os mais formais possíveis, haja vista as regras foram seguidas à risca e as referências colocadas enquanto argumento de autoridade para demonstrar o mérito do trabalho, percebendo, portanto, como a Educação Ambiental está representada nos livros didáticos de Língua Portuguesa.

Por conseguinte, o presente estudo é de caráter documental/bibliográfico e cunho exploratório, visa demonstrar como a Educação Ambiental está sendo aplicada no Livro Didático (LD) de Língua Portuguesa. Sabendo que o LD deve ser escrito à luz de leis educacionais específicas e respeitando os princípios gerais de produção do livro didático, cuja democracia, cidadania e respeito são decisivas à formação dos Estudantes. De tal forma, essa seção metodológica foi organizada em sucintas etapas: levantamento bibliográfico de dissertações no catálogo da CAPES, porque é importante buscar conhecimento em obras acadêmicas já finalizadas³⁹; verificação bibliográfica atinente à EA, principalmente, no tocante a textos escritos a partir dos princípios freireanos; sondagem bibliográfica relacionada aos textos legislativos e documentos oficiais, haja vista é imprescindível compreender os documentos que fundamentam à EA; análise bibliográfica dos livros teóricos sobre o LD de Língua Portuguesa. Ainda na vertente metodológica se destaca a guisa da produção do material paradidático, um livro que servirá como ferramenta pedagógica para

³⁹ Resultado está na seção Estudo Correlato (Estado de Arte)

desenvolver a EA ambiental, sobretudo, nas escolas de Ensino Médio. Na produção do material complementar, foi pensado no conteúdo, na linguagem adequada ao público, na estrutura gradativa e no layout.

2.1 Levantamento Bibliográfico Dissertações

Trata-se de uma pesquisa teórica que, acima de tudo, estava inclinada em analisar como a Educação Ambiental é aplicada nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Para tanto, foram analisadas dissertações como destacado acima na seção intitulada “Relevância do tema e estado da arte”. O objetivo, a princípio, era verificar se, de fato, há pesquisas acerca da Educação Ambiental nos livros didáticos, percebendo as principais temáticas e de que maneira as análises estão ocorrendo, assim, entre, principalmente, os dias 10 e 18 de novembro de 2017, foram realizadas buscas no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Sobre o tema EA no Livro Didático foram encontradas 834.672 dissertações, todavia se sabe que a busca não é precisa, assim, fora feita uma triagem, foram analisadas as 50 primeiras páginas, levando em consideração que cada página digital possui 20 títulos, foram lidas cerca de 1000 títulos e resumos, para assim saber o que realmente deveria ser analisado. A partir da leitura dos títulos e resumos que ficam gravados na plataforma, era realizada leitura do texto completo, alguns estavam apensados à página, isto é, na plataforma Sucupira, ao passo que outros foram analisados no site da universidade. Após a leitura, percebeu-se nas dissertações, em muitos casos, resultados relacionados à Educação Ambiental ecológica. Destaca-se também que, quando inserido de maneira ampla a expressão livro didático, os títulos postos estão relacionados aos componentes curriculares de Biologia, Geografia, Ciências, História e Química, passando, portanto, a ideia de uma EA alijada dos componentes curriculares de Língua Portuguesa, Matemática, Artes e Sociologia, por exemplo. Sobre essa conjuntura, Reigota (2014) afirma:

Já argumentei que aqui que ensino de ecologia e educação ambiental são diferentes, no entanto, é muito comum seres vistos como sinônimos. Embora a ecologia, como ciência, tenha uma importante contribuição a dar à educação ambiental, ela não está mais autorizada que a história, o português, a geografia, a educação física, as artes em geral etc. (REIGOTA, 2014, p. 44)

E ainda acrescenta:

Dessa forma, cada uma dessas áreas de conhecimento tem a sua contribuição para dar à educação ambiental, principalmente quando consegue envolver nas práticas pedagógicas os professores e as professoras de biologia, português, educação artística, geografia, história, inglês, educação física, entre outros. (REIGOTA, 2014, p.64)

Seguindo essa linha de raciocínio, ainda na seção do estado de arte, fora inserida a expressão “Educação Ambiental no Livro didático de Língua Portuguesa”, foram apresentados 986.992 trabalhos, mas já é sabido que o buscador não foi preciso e realizando a leitura dos títulos e resumos, concluiu-se que poucas eram as pesquisas no livro didático de língua portuguesa alicerçadas pela ideologia política da EA, mesmo assim alguns títulos foram analisados e constatou-se muitas vertentes de pesquisa, assim, fora percebido que havia material publicado que iria fomentar uma nova investigação.

Enquanto suporte teórico de matriz ideológica foram analisadas dissertações sobre a relação EA e Paulo Freire, pois se sabe que o teórico teve e tem bastante influência nesta área, mormente quando se fala das questões democrática, crítica e participativa em prol da mudança. Paulo Freire merece destaque, pois a influência que ele vem exercendo na Educação Ambiental em uma perspectiva crítico-emancipatória. Fora colocado no buscador a expressão “Educação Ambiental e Paulo Freire”, o resultado foi de 985.284 dissertações, enquanto triagem, foram lidas as 20 primeiras páginas e selecionados 20 títulos, após essa seleção, foram analisados os títulos e resumos na plataforma e, quando o resumo passava informações com relação direta a este trabalho, havia a leitura do texto completo. Nesse momento, pode-se destacar que além das reflexões, outro ponto criado por Freire foi bem utilizado na EA: temas geradores.

Enfim, a primeira etapa de trabalho bibliográfico foi completamente digital, sendo feita uma exploração dos títulos, resumos e algumas dissertações na íntegra, para assim compreender melhor o que publicam acerca das temáticas aqui averiguadas. Seguindo assim o que Marconi e Lakatos prescrevem:

A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O

estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações. (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 158)

Esse trabalho de investigação no catálogo da CAPES evidenciou uma variabilidade significativa de trabalhos que mostraram possibilidades de análise dos livros didáticos, trazendo também argumentos de autoridade que reforçam a construção do trabalho investigativo. Fez ainda compreender melhor a EA ambiental, sobretudo, por meio da ótica Freireana agora utilizada.

2.2 Levantamento Bibliográfico atinente à Educação Ambiental

Além das dissertações que se basearam nos escritos de Freire, alguns livros dele foram utilizados enquanto referencial teórico. Por meio de análise das dissertações uma hipótese foi ratificada: Paulo Freire é um norteador dos trabalhos da Educação Ambiental brasileira.

Nesta averiguação, os destaques vão para os clássicos *Pedagogia do Oprimido* (1987), *Pedagogia da Autonomia* (2016), *Pedagogia da Indignação* (2000), *Conscientização* (1979), *Educação e Mudança* (2016) e *Medo e Ousadia* (1986), este produzido em parceria com Ira Shor⁴⁰. Freire deixou um legado imensurável, de modo geral, para educação, que serve também de legado para Educação Ambiental, a citar, as dissertações encontradas sustentam ideias de cidadania, de crítica e de emancipação a partir dos escritos do autor.

Ainda enquanto legado, livros foram construídos seguindo os ensinamentos freireanos e aproveitados aqui, a citar, *Educação Ambiental: dialogando com Paulo Freire*, organizado por Carlos Loureiro e Juliana Resende Torres (2014). Livro que, entre outros ensinamentos, traz a dimensão freireana na Educação Ambiental, a Educação Ambiental na escola e muitas reflexões acerca da questão crítico-transformadora e ético-crítica para escola e para Educação Ambiental. Além dessas questões, o livro mostra a importância da abordagem dos temas geradores na escola, de maneira específica. Nesse sentido:

⁴⁰ Professor na College of Staten Island, City University of New York. Nascimento em 2 de junho de 1945 (idade 73 anos).

Por acreditar que a concepção de educação de Pulo Freire possui bases teórico-metodológicas que permitem reorientar as premissas do agir humano no ambiente (na natureza e na sociedade), uma vez que esta concepção de educação encontra-se pautada no homem mundo (Freire, 1987) e na dialeticidade sujeito-objeto (representadas nos temas geradores), apresentamos as cinco etapas da dinâmica de Abordagem Temática Freireana que balizam a Organização da Práxis Curricular Interdisciplinar via Temas Geradores (Silva, 2004) via o desenvolvimento de processos formativos e de práticas transformadoras, a fim de contribuir para a área de pesquisa e ação em EA escolar (LOUREIRO E TORRES, 2014, p.56)

Esse fragmento sintetiza muito bem as ideias aqui demonstradas sobre a importância de Paulo Freire para Educação Ambiental. Bases essas também destacadas pelo próprio escritor: “A capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas (FREIRE, 2016a, p. 67). Enfim, as palavras carregadas de sentido político disseminadas por Freire são fundamentais para a Educação Ambiental e, portanto, para este trabalho enquanto material e método.

Merecem destaque outros livros, por exemplo, “A Dimensão Ambiental na Educação”, de Mauro Guimarães (2014), que converge com o escrito por Loureiro e Torres (2014), visto que rompe ou avança no que se refere à EA “tradicional”. A proposta explanada por Guimarães é de um EA focada na integração do ser humano, harmonia com o meio ambiente, força de agir consciente e pautada na prática, aproximando-se ainda mais do que defende Paulo Freire para Educação. Nessa perspectiva ele afirma que “Apenas a ação gera um ativismo sem profundidade, enquanto apenas a reflexão gera uma imobilidade que não cumprirá com a possibilidade transformadora da educação, já dizia Freire” (GUIMARÃES, 2014, p.32). Guimarães (2014) destaca ainda que se deve partir de uma consciência individual e partir para uma consciência mais coletiva, mostrando, portanto, que o trabalho é realizado em rede, em debate, em união. Para isso acontecer, deve haver planejamento das ações, pensando em um local que, claro, faz parte de um global, sob uma ótica interdisciplinar, sempre buscando a integração e rechaçando a ideia de fragmentação do saber ambiental. Há um trecho que resume bem a contribuição metodológica de Guimarães:

No trabalho de conscientização é preciso estar claro que conscientizar não é simplesmente transmitir valores “verdes” do educador para o educando; essa é a lógica da educação “tradicional”; é, na verdade, possibilitar ao educando questionar criticamente os valores estabelecidos pela sociedade, assim como os valores do próprio educador que está trabalhando em sua conscientização. É permitir que o educando construa o conhecimento e critique valores com base em sua realidade, o que não significa um papel neutro do educador que negue seus próprios valores em sua prática, mas propicie ao educando confrontar criticamente diferentes valores em busca de uma síntese pessoal que refletirá em novas atitudes. (GUIMARÃES, 2014, p.31)

Desta forma, são dois livros que são pertinentes e os ideias se encontram na ideia de uma educação ambiental menos tradicional, mas promotora da reflexão, da crítica e desta unida à prática em prol de mudanças sociais, culturais e ambiental.

Outro livro, mesmo menos volumoso, mas de enorme carga significativa foi “O que é Educação Ambiental”, de Marcos Reigota (2014). O livro é introdutório, todavia faz um bom apanhado histórico e crítico da EA, bem como explica o conceito, traça objetivos e conteúdos. Teoria esclarecedora sobre a temática e fomentadora para análise dos livros didáticos, principalmente, quando relacionados aos outros livros aqui destacados. São várias explicações concisas sobre como tratar de Educação Ambiental, mercê destaque a questão do conteúdo, pois “O conteúdo mais indicado é aquele originado do levantamento da problemática ambiental vivida cotidianamente vivida pelos alunos e pelas alunas e que se queira resolver” (REIGOTA, 2014, p.63), acerca da metodologia de trabalho da EA, Reigota também contribui decisivamente, sobretudo, na crítica as atividades encontradas no livros didáticos, bem como para a confecção de atividades do material paradidático, pois a participação é cerne da EA, Segundo Reigota (2014, p. 67), “A metodologia participativa pressupõe que o processo pedagógico seja aberto, democrático e dialógico entre os próprio alunos e alunas e entre os alunos e as alunas e os professores e as professoras e a administração da escola com a comunidade (...)”. Além dessas contribuições, Reigota ratifica princípios freireanos como diálogo, participação, bem como interdisciplinaridade, mas acrescenta a transversalidade, outrossim destaca a autoavaliação e um distanciamento da avaliação tradicional, pois é inerente à EA a responsabilidade.

Deve-se destacar que outros livros contribuíram para muita reflexão e análise dos livros didáticos, no entanto não foram citados com mais profundidade nesta seção, mas foram importantes para no embasamento teórico. Assim, podemos destacar “A Floresta e a Escola: Por uma Educação Ambiental pós-moderna”, de Marcos Reigota (2011); “Sustentabilidade: o que é – o que não é”, de Leonardo Boff (2015); e “Sustentabilidade e Educação: Um olhar da ecologia política”, de Carlos Frederico Loureiro (2012); “Sociedade e Meio Ambiente; a educação ambiental em debate” (2012). Portanto, foram livros significativos e, em muitos aspectos, relacionados aos princípios Freireanos e legislativos (documentos oficiais) já produzidos no Brasil e no mundo, textos estes que veremos agora.

2.3 Levantamento bibliográfico legislativo e documentos oficiais

Os livros e dissertações não foram exclusivos enquanto material, haja vista outros documentos foram analisados, por isso, entre outras situações, afirma-se que a fonte de investigação exploratória foi também primária (Marconi e Lakatos, 2003 p.159). Assim, cartas, leis, decretos e pareceres foram analisados com dois principais objetivos, o primeiro para construir uma lacônica história da Educação Ambiental⁴¹ e, o segundo, perceber os avanços conceituais da EA nos documentos legais.

De maneira sucinta, destaca-se Resolução nº 2, de 15 de jun de 2012, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental; DECRETO nº. 73.030, de 30 de out. de 1973; Lei nº. 6.938, de 31 de ago. de 1981, que dispõe a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação; LEI nº 9.795, de 27 de abr. de 1999, dispõe sobre a Política Nacional de Educação Ambiental; Lei 9.394 de 20 dezembro de 1996 – LDB-Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; Parecer CNE/CP Nº: 14/2012 e PARECER n. 226, de 11 de mar. de 1987, considera necessária a inclusão da Educação Ambiental nos currículos de 1º e 2º Graus dos Sistemas de Ensino.

A partir dessa busca, percebeu-se que a EA vem ganhando espaço de maneira gradual, com documento de menor expressão jurídica, depois ganhando mais notoriedade, sendo, portanto, criadas as leis específicas. Sendo estas leis reforçadas pelo que ocorria paralelamente como os documentos internacionais que vieram ao

⁴¹ Destacada na seção pertinente

Brasil, enquanto exemplos, há a Carta de Belgrado (1975) que influenciou a construção dos textos legislativos brasileiro e a Declaração da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental (UNESCO, 1977) corroborou e aprofundou os conceitos, que também foram levados em consideração.

Portanto, essas legislações e documentos estruturais, sobretudo criados a partir dos grandes eventos, subsidiaram substancialmente a consolidação da Educação Ambiental, assim foram utilizados nessa investigação para fundamentar os princípios de análise, por exemplo, interdisciplinaridade, integração, prática e participação. Este último é a tônica dos textos, pois se volta diretamente para construção da cidadania e necessita de indivíduos envolvidos com a transformação e emancipação.

2.4 Levantamento bibliográfico de Língua Portuguesa

Nesta etapa, deve-se destacar que ela foi inicialmente quantitativa, pois foram catalogados todos os gêneros cuja temática estava relacionada à Educação Ambiental/Meio Ambiente nos três livros didáticos pertencentes à coletânea, todavia a perspectiva é proeminente qualitativa, uma vez que o objetivo foi analisar a qualidade da proposta e como ela está sendo trabalhada. A finalidade (lógica) foi identificar, catalogar os textos e interpretar criticamente – mesmo que brevemente – como o tema está sendo abordado, assim como as normas educacionais prescrevem que deve acontecer nos livros didáticos de Língua Portuguesa. A sistematização se deu com a análise por volume: 1º, 2º e 3º anos. Cada um foi analisado isoladamente – mesmo sabendo que eles convergem.

Foram construídas três tabelas – uma para cada livro - para facilitar a análise e a crítica, foram inseridas cinco seções: “título”, “páginas”, “seção”, “temática” e “crítica”, sendo as mais pertinentes as etapas “seção”, “temática” e “crítica”. A primeira, pois se trata de verificar qual a seção que mais promove a EA; a segunda por perceber qual a temática está relacionada ao Meio Ambiente/Educação Ambiental; a terceira, pelas críticas realizadas a fim de provocar ideias para as considerações deste trabalho, bem como para a confecção da cartilha. Desta forma, a tabulação foi realizada para viabilizar objetivamente a análise dos dados, corroborando com o prescrito por Marconi e Lakatos:

Tabulação. É a disposição dos dados em tabelas, possibilitando maior facilidade na verificação das inter-relações entre eles. É uma parte do processo técnico de análise estatística, que permite sintetizar os dados de observação, conseguidos pelas diferentes categorias e representá-los graficamente. Dessa forma, poderão ser melhor compreendidos e interpretados mais rapidamente. Os dados são classificados pela divisão em subgrupos e reunidos de modo que as hipóteses possam ser comprovadas ou refutadas. (MARCONI E LAKATOS, 2003, p.167)

Assim sendo, trata-se de uma pesquisa agrupada, isto é, quali-quantitativa, mas sendo destaque a primeira. A segunda serviu para facilitar a análise, subsidiar a interpretação e, posteriormente, problematizar adequadamente as questões acerca da Educação Ambiental política no livro didático de Língua portuguesa. Enquanto procedimento técnico, pode-se afirmar que ela (pesquisa) foi, proeminentemente, bibliográfica-documental, segundo Marconi e Lakatos a primeira se caracteriza por “apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema” e “característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias”. (MARCONI e LAKATOS, 2003, p.158 e p.173).

Sobre os teóricos relacionados à Língua Portuguesa, neste caso específico, à linguística, devem ser destacados Mikhail Bakhtin⁴² e o livro *Os Gêneros do Discurso* (2016); Luiz Antônio Marcuschi, principalmente, com o livro *“Produção Textual, análise dos gêneros e compreensão”*(2008) e o capítulo *“Compreensão do Texto: algumas reflexões”* inserido no livro *“Livro Didático de Português: múltiplos olhares”* (2005); Marcos Bagno com o livro *“Língua Materna: letramento, variação e ensino”*(2002), bem como *“Livro Didático de Língua Portuguesa: letramento e cidadania”* (2008), de Maria da Graça Costa e Beth Marcuschi. Estes teóricos defendem ideais que são imprescindíveis ao ensino de Língua Portuguesa, pois colocam a linguagem como ferramenta de acesso ao conhecimento, uma capacidade humana de articular significados coletivos e compartilhá-los, portanto, essencial ao fomento das práticas sociais, pois não há discurso sem objetivo, isto é, não há discurso vazios e sem um propósito. Da mesma maneira, são os gêneros textuais nos livros didáticos de Língua

⁴² Mikhail Mikhailovich Bakhtin foi um filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e das artes. Estudou em Odessa e Petrogrado, foi professor de história, sociologia e língua russa.

Portuguesa, cheios de ideologias, de crítica e de problematização, não obstante esses textos no tocante à utilização e as atividades não são bem explorados nem fomentam, em grande parte, a prática social e posterior mudança do meio.

Esses livros teóricos trazem conceitos do que é texto, discurso, gênero textual e letramento, valores fundamentais para análise dos livros didáticos, pois todas as temáticas relacionadas à Educação Ambiental pertencem a um determinado gênero, segundo Bakhtin, “tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros textuais” (2016, p 12) e segundo Marcuschi, “Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas”. (2008, p.155).

A título de informação, são exemplos de gêneros: notícia jornalística, carta, bilhetes, reportagens, conversação, crônica, novela, romance, desta forma, foram identificados e analisados todos os gêneros textuais com temática ambiental inseridos nos livros. Sobre os gêneros e a proximidade com Educação Ambiental na formação de um cidadão crítico - que pensa nele e no meio ambiente - Marcuschi destaca: “o estudo dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais” (2008, p.155). Esse entendimento aproxima, de maneira exponencial, a Língua Portuguesa e a Educação Ambiental. A título de exemplo, a declaração de Tbilisi e a Lei 9.795, de 27 de abril de 1999, são dois gêneros de perspectiva social interessantes que relaciona a Língua Portuguesa e a EA. Uma vez que o livro didático é um gênero secundário carregado de vários gêneros e estes foram analisados na qualidade de objeto. Algo também ressaltado por Marcuschi:

O livro didático é nitidamente um suporte textual, embora a opinião não seja unânime a esse respeito. Não obstante os argumentos em contrário, ainda se pode dizer que o livro didático (LD), particularmente o LD de língua portuguesa, é um suporte que contém muitos gêneros, pois a incorporação dos gêneros textuais pelo LD não muda esses gêneros em suas identidades, embora lhe garanta outra funcionalidade (...). (MARCUSCHI, 2008, p.179)

E ainda:

Aspecto importante é a vasta produção de gêneros tipicamente da esfera do discurso pedagógico, tal como a explicação textual, os exercícios escolares, a redação, as instruções para produção textual e muitos outros que se acham no LD. O espaço pedagógico tem muitos outros gêneros que circulam nessa área e não migram para o LD, tais como as conferências, os relatórios, as atas de reuniões etc. Tudo implica, pois, que o LD pode ser tratado como suporte com características muito especiais. (MARCUSCHI, 2008, p.179)

O linguista resume bem o pensamento que norteia essa aproximação entre Língua Portuguesa e Educação Ambiental sendo o objeto de estudo o Livro didático de Língua Portuguesa, não a prática da sala de aula ou formação dos professores, por exemplo, aqui preteridas. Sabe-se que há vários gêneros e estes devem conter temáticas relacionadas à Educação Ambiental, não deve inserir exclusivamente textos para trabalhar a produção textual e a gramática, pois são instruções do PNLD, sobretudo, trabalhar a cidadania. O autor destaca, como visto acima, que alguns gêneros não são inseridos e foi percebendo essa situação que surgiu a proposta de intervenção, criando, portanto, uma cartilha que promova a Educação Ambiental, em uma perspectiva crítico-emancipatória, nas aulas de Língua Portuguesa, intitulada “Letramento Ambiental”, pois nas palavras de Bagno (2002) e Marcuschi (2008), Letramento é um processo de aprendizagem social e histórico, relacionado a um conjunto de práticas.

Outra contribuição dada por Marcuschi (2008), nessa perspectiva metodológica, está no artigo “Compreensão de texto: algumas reflexões”, já acima mencionado, porque há destaque para a importância do material didático e a relevância para o ensino, o ponto importante enquanto material e método é a crítica que ele faz sobre as questões textuais, sobretudo, aos exercícios aplicados. Segundo autor: “os exercícios de compreensão raramente levam a reflexões críticas sobre o texto e não permitem expansão ou construção de sentido (...)” (DIONÍSIO e BEZERRA, 2005 p. 51). Assim foram analisados os gêneros quando havia a temática ambiental, a fim de saber se eram fomentadas a reflexão, a capacidade de criticidade e a possibilidade de conhecimento para o desenvolvimento da vida social dos discentes e daqueles que fazem parte da coletividade, como disse Reigota (2014. P.97): “busca da consolidação da democracia, a solução dos problemas ambientais e as condições dignas de vida”. Além disso o linguista enumerou nove (9) tipos de perguntas comuns nos livros didáticos de Língua Portuguesa, as quais serviram de

método para análise das perguntas, quando a pauta estivesse relacionada à Educação Ambiental.

2.5 Metodologia para elaboração da Cartilha Educacional

A construção de material paradidático, mesmo que singela, não pode ser realizada sem planejamento, introduzindo conteúdos sem determinados critérios, bem como não levando em deferência a disposição de perguntas e estrutura. Tudo deve ser analisado com muito cuidado para favorecer o aprendizado de maneira bastante pedagógica. Assim, na construção da cartilha “Letramento Ambiental” alguns procedimentos foram realizados, destacando-se a organização gradativa do conteúdo para que o conhecimento fosse construído aos poucos, iniciando-se com os menos complexos para os mais complexos e práticos; foi dada a devida atenção à extensão do material, pois não pode ser exaustivo, a intenção maior é conceber um material suficiente, isto é, construído de maneira necessária a fim de proporcionar aos estudantes continuidade no estudo da temática, assim foi dividida em três seções e um anexo com várias sugestões de músicas e vídeos que podem ser utilizados nas aulas de Língua Portuguesa que tenha como objetivo destacar a EA; foi dada atenção à linguagem utilizada, pois ela deve ser adequada ao público principal, discentes do Ensino Médio – principalmente, de tal maneira fora analisada a questão verbal, a não verbal e mista (junção de imagens e textos); e prudência na produção tipográfica/designer, pois fonte da letra, tamanho da letra, espaçamento entre palavras e entre linhas, bem como as cores foram considerados, pois todo esse conjunto subsidia decisivamente no modo como os leitores vão receber o texto.

Segundo Leitão:

Procurando subsidiar, de modo mais específico, a produção de material didático impresso destinado aos programas de formação a distância promovidos pela EAD/ENSP, destacamos algumas orientações relacionadas aos seguintes aspectos: - objetivos do material didático - Termo de Referência - princípios pedagógicos - linguagem - articulação forma-conteúdo - abordagem baseada em problemas/casos - atividades de avaliação - estrutura - formato - fonte, parágrafo e entrelinhas. (LEITÃO, 2005, p.6)

Essas ideias são basilares para a confecção do material e foram levadas em consideração na produção do livro Letramento Ambiental, pois são essenciais na

maneira como o leitor irá receber o texto e não rechaçar mais um material, mas que seja algo atrativo, à vista disso, foram consideradas as seguintes variáveis: conteúdo, linguagem, designer.

2.5.1 Conteúdo

Os conteúdos inseridos foram selecionados à luz dos documentos que fomentam e protegem à Educação Ambiental⁴³, bem como pelos conceitos freireanos - principalmente, de Pedagogia da Autonomia e do Oprimido, em busca de temas geradores - e fundamentos linguísticos fomentadores do trabalho coletivo, da crítica e do raciocínio, que são essenciais à EA.

Deve-se destacar que os conteúdos não são estanques, ou seja, inalteráveis, muito pelo contrário, as atividades devem ser adequadas à realidade, assim como é avultado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9394/96:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996, p.8)

A presente pesquisa foi realizada no contexto nordestino e a construção da cartilha está direcionada - especificamente, mas não exclusivamente – aos estudantes da região, com certeza, foi importante contextualizar sempre que necessário.

Desta forma, foram inseridos conteúdos próximos à realidade dos estudantes e adequados à região. Sabe-se que há discussões que são quase universais quando se fala de meio ambiente, por exemplo, catástrofes ambientais, história da educação ambiental, Rio-92 etc, assim esses conteúdos foram inseridos, pois fazem parte de um universo de conhecimento que parte do universal para o local, portanto, foi salutar colocá-los. Não obstante, sempre relacionando a assuntos da região, sobretudo, com textos ou práticas que estimulem a problematização do local onde vive, para assim, provocar melhorias.

⁴³ Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002; Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012; Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999; Lei Nº 9394, de dezembro de 1996.

Foram inseridos vários textos, mormente, como construção inicial do conhecimento e estratégia de estímulo à leitura (conhecer mais sobre meio ambiente e educação ambiental), fomentando assim a interpretação crítica e provocando o processo de emancipação, nesse sentido foram inseridos alguns gêneros, a citar, reportagens e propagandas sobre a educação ambiental, Declaração de Estocolmo, Declaração de Tbilisi, Legislações relacionadas à EA e, necessariamente, temas contemporâneos como solidariedade, políticas sociais, drogas etc. Tendo em vista a proposta de criar circunstâncias para o estudante dialogar, criticar, criar acerca da temática, não memorizar conteúdos e apenas responder questões dicotômicas que, inúmeras vezes, provocam a sensação de que há apenas uma possibilidade certa. Assim destaca Reigota (2014, p.73) em “O que é Educação Ambiental”, numa perspectiva política, política: “(...) está basicamente empenhada na construção e no diálogo de conhecimentos, na desconstrução de representações ingênuas e preconceituosas, na mudança de mentalidade, de comportamentos e de valores e na participação e intervenção cidadã de alunos e das alunas”.

Quando necessário ao aprimoramento do conteúdo, foram inseridas informações complementares, por isso textos e notas auxiliares estão em várias páginas da cartilha. Essa estratégia é fomentadora da pesquisa, para o discente saber que não há apenas uma interpretação e que ele, portanto, deve buscar outros conteúdos e enxergar à luz de muita crítica.

Para potencializar o material, tanto de maneira lúdica como aberta à inserção de conteúdos (já destacado acima), foram inseridas sugestões de práticas a partir de imagens contextualizadas, várias músicas com a temática atinente à educação ambiental, muitas imagens das mais variadas redes sociais, bem como estas foram inseridas como estratégia para potencialização ativista das causas ambientais.

Por conseguinte, foram inseridos conteúdos de maneira lógica e gradativa, uma vez que seguiu de um nível de atividades de mais fácil compreensão a um nível mais crítico-reflexivo. A perspectiva de raciocínio pode ser resumida, *grosso modo*, assim, primeiro compreender a educação ambiental, a história e os principais conceitos, depois tratá-la de uma maneira mais crítica e política, destacando alguns conceitos específicos e, por último, para práticas mais elaboradas e textos mais suscitadores de direitos. Importante destacar que os conteúdos são pedagógicos, pois foram abordados à luz da teoria freireana (temas geradores), destacando-se o diálogo, crítica e prática, segundo Freire, “A capacidade de aprender, não apenas para nos

adaptar, mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas” (2016a p.67). E foram questões eminentemente da educação ambiental política.

2.5.2 Linguagem

Antes de destacarmos algumas observações sobre essa variante, vale a pena suscitar dois nomes Roman Jakobson⁴⁴ e Mikhail Bakhtin, linguistas de renome, cujas ideias disseminadas serviram de reflexão para construção da cartilha. Sobre Jakobson, foi levado em consideração os elementos da comunicação e funções da linguagem, pois é sabido que em todo processo de comunicação há emissor (professores e estudantes), receptor (estudantes e professores), mensagem, canal (o papel, o vídeo, o debate), referente (educação ambiental) e código (língua portuguesa), são seis elementos fundamentais para a produção do material, porque a comunicação só é eficiente e eficaz, quando todos funcionam adequadamente, proporcionando uma boa compreensão, para tanto, tudo isso foi bem pensado, conseqüentemente evitando, ao máximo, os ruídos na comunicação. A linguagem foi objetiva e clara, para que o receptor compreendesse cada proposta, por isso o código utilizado foi, necessariamente, a língua portuguesa formal, mas sem rebuscamentos. O canal de comunicação foi o papel, mas a prioridade é distribuir o material pela internet, pois assim facilita as adequações e não fere o meio ambiente, visto que não utilizará papel.

No tocante a contribuição de Bakhtin, vale trazer um excerto de sua obra *Os Gêneros do Discurso*:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem,

⁴⁴ Pensador russo que se tornou um dos mais importantes linguistas do século XX e pioneiro da análise estrutural da linguagem. Elaborou uma linguística que se aproximava de várias disciplinas, como fonologia, patologia da linguagem, antropologia, teoria da informação, estilística e folclore.

ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2016, p.12)

Ele destaca a complexidade da linguagem, pois ela é muito variada, não é a mesma, por exemplo, em todo o território nacional, isto é, ela é multiforme. Levando essa ideia em ponderação, tentou-se ao máximo não inserir palavras exclusivas de um local, mesmo aproximando um pouco da região. Portanto, a linguagem foi simples, mas não vulgar; foi direta, mas sem omitir as informações necessárias, ou seja, concisa; foi pensada no público-alvo, pois o texto é para levar conhecimento e sensibilizar os estudantes sobre a EA.

2.5.3 Estruturação

Algumas medidas basilares foram levadas em consideração para estruturar o trabalho de maneira adequada, porque se compreende a importância de se produzir um material que possibilite a identificação dos textos e atividade. Uma estrutura predeterminada e clássica, mas não cansativa e que reproduza o que há no livro didático. Texto que siga um fluxo estrutural conhecido, mas seja inovado nas sugestões e termos acessórios. Destaca-se uma lacônica inovação, pois no anexo há muitas sugestões de músicas e vídeos, para assim os docentes e estudantes trabalharem.

Para balizar a produção, algumas cartilhas digitais foram pormenorizadas a fim de absorver os detalhes mais importantes, foram de áreas bem diversas como Língua Portuguesa, Educação Ambiental e Pedagogia. Assim, “elementos” necessários, a citar, a capa, contracapa, sumário, apresentação e referência bibliográfica também foram criticados, pois todos são sinérgicos e, portanto, influenciam na maneira como, principalmente, os estudantes vão receber o texto.

Enquanto particularidades, foi pensada numa tríplice divisão, uma direcionada a cada ano do ensino médio. De modo sumário, foram colocados, na primeira etapa, conteúdos teóricos, de aspectos históricos e algumas atividades propedêutica, o objetivo era introduzir o conteúdo de EA; na segunda etapa, além da parte teórica, foram inseridos vários textos que funcionaram como temas geradores, obviamente, relacionados à Educação Ambiental Política, por exemplo, preconceito, drogas,

desmatamento, poluição, transposição/revitalização; e, na última etapa, o enfoque foi dado à legislação, à prática e fomento à confecção de documentos participativos na sociedade. Outra peculiaridade foi a inserção de três indagações após o prefácio: “o que é Educação Ambiental?”; “O que letramento?”; “Por que a Educação Ambiental deve fazer parte das aulas de língua portuguesa?”. São perguntas conceituais-introductorias, servem para mostrar o que é Educação Ambiental e como ela está relacionada à Língua Portuguesa. Todavia, os professores devem buscar outros conceitos e trabalhar com os estudantes, para assim já desenvolver habilidades de crítica desde o princípio.

2.5.4 Tipografia, diagramação e layout

Além dos conteúdos, da estrutura, da linguagem e da estruturação, outro componente deve ser analisado com esmero, trata-se de recursos ligeiramente diferentes, mas que foram direcionados a potencializar a cartilha: fonte (tipo e tamanho); espaçamento, que segundo Robert Bringhurst⁴⁵, “O espaçamento é essencial para a leitura rápida de cadeias longas e essencialmente desprovidas de significado (2005,p.38)”; margens; e cores. Tudo pensado de maneira “sinérgica” e não de maneira isolada, fora pensada na harmonia do material para facilitar o manuseio durante as atividades. O teórico Robert Bringhurst afirmou que há seis maneiras claras e diferentes de contrastar a tipografia: tamanho, peso, estrutura, forma, direção e cor, todas foram levadas em consideração. As fontes foram adequadas a cada situação, por exemplo, se era um texto mais formal e histórico como a Carta de Belgrado, utilizou-se a fonte *Times New Roman*, mas quando se queria chamar a atenção, foi utilizada a *impact*. Em algumas atividades lúdicas, foi utilizada a fonte Comic Sans MS, pois é apropriada para textos mais descontraídos. Em algumas oficinas direcionadas ao cordel, uma fonte específica foi utilizada, “xilosa”, cujo desenho está associado à literatura de cordel. Importante fazer isso pois “As letras têm caráter, espírito e personalidade.” (BRINGHURST, 2005 p.113). Parece algo simples, mas que tem um impacto significativo na leitura e, portanto, pode ajudar no entendimento das propostas, além claro de sempre realizar uma contextualização.

⁴⁵ Robert Bringhurst é um escritor, poeta e um dos tipógrafos e designers de livros estadunidense mais conceituados na América do Norte.

No tocante as cores, não é novidade que elas são importantes seja em qualquer contexto. Elas trazem significados, podem destacar um assunto, podem escondê-los. Para Eva Heller, “Não existe cor destituída de significado. A impressão causada por cada cor é determinada por seu contexto, ou seja, pelo entrelaçamento de significados em que a percebemos” (HELLER, 2013, p.23). Assim, foram feitas escolhas mais aprazíveis e, sempre, pensando no contexto em que o texto estava inserido, todavia duas cores foram mais priorizadas: azul e verde, sobretudo, na capa. Dois motivos foram elementares, o primeiro por elas estarem ligadas ao próprio Meio Ambiente/Educação Ambiental, uma vez que os oceanos são “azuis” e as florestas são “verdes”, o segundo motivo está direcionado à preferência, pois o azul é a cor preferida e o verde a segunda, consoante Eva Heller:

As cores preferidas: azul (45%), verde (15 %), vermelho (12%), preto (10%), violeta (3%), laranja (3%), branco (2%), rosa (2%), marrom (1%), ouro (1%). As menos apreciadas são marrom (20%), rosa (17%), cinza (14%); violeta (10%), laranja (8%), amarelo (7%), preto (7%), verde (4%), vermelho (4%), ouro (3%), prata (2%), branco (1%), azul (1%). (HELLER, 2013, p.8)

A preocupação com as cores era, de fato, para atrair os discentes, sabendo que em conjunto com os pertinentes conteúdos, com certeza, tudo ficaria mais fagueiro, desse modo as cores foram postas de maneira estratégica. Consciente de que, por exemplo, significativamente “O verde é mais do que uma cor, o verde é a quintessência da natureza. O verde é uma ideologia, um estilo de vida: consciência ambiental, amor à natureza, ao mesmo tempo a recusa a uma sociedade dominada pela tecnologia. (HELLER, 2013, p.191)”. Assim, o verde, quando necessário, foi mais utilizado. Além desses motivos, há outras considerações, segundo Eva Heller, “O verde é tranquilizador ao lado do azul e branco. Sendo também que o verde com vermelho transmite um efeito salutar” (HELLER, 2013, p.193). Ainda:

Pela perspectiva da civilização, o verde aparece como cor simbólica da natureza. Só quem está na cidade pode ir “para o verde”, descrever a floresta como “pulmões verdes”; só nas cidades existem “zonas”, “áreas” ou “espaços verdes”, que são governados pelos departamentos do meio ambiente. (HELLER, 2013, p.194)

Em síntese, houve uma preocupação com a parte gráfica, por isso as letras utilizadas foram escolhidas meticulosamente, entre esses cuidados pode-se destacar a contextualização da fonte à temática. O espaçamento foi adequado para facilitar a

leitura, as cores, mesmo que sutis, foram aplicadas estrategicamente a fim de provocar no público leitor a curiosidade e não o distanciar do material, mas sim, de fato, aproximá-lo. Sendo assim cores como, segundo Heller, cinza, que passa a ideia de falta de imaginação e hostilidade, e marrom, cor da burrice (HELLER, 2013, p.474) foram preteridas. Claro, como dissertado antes, as questões estruturais, de linguagem e conteúdo foram apreciadas, todavia respeitando as questões editoriais.

Portanto, sobre as metodologias utilizadas tanto da pesquisa como da produção da cartilha, pode-se afirmar, sobre o primeiro ponto, que se trata de uma pesquisa de caráter bibliográfico/documental e cunho exploratório, uma vez que focou na identificação, classificação e interpretação dos gêneros textuais que tratam da Educação Ambiental, por isso também foi quantitativa e, especialmente, qualitativa, pois criticou e a partir desta ação fora produzido um novo material. Sobre o objeto da pesquisa, foram três livros da coleção Ser Protagonista, que foram minuciosamente analisados e catalogados em tabelas para melhor análise. Enquanto suporte teórico, foram analisadas inúmeras dissertações, sobretudo, na perspectiva ambiental e freireana, bem como livros e documentos legislativos da seara ambiental e linguística, para construir a dissertação e a cartilha, sendo esta confeccionada à luz de teoria que destacam o mérito aos conteúdos, aos elementos estruturais e gráficos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há alguns pontos inerentes a esta seção que merecem ser mais uma vez reforçados, uma vez que este trabalho se fundamenta em três grandes áreas/princípios para análise dos livros didáticos.

O primeiro, e mais determinante, a Educação Ambiental, objeto da pesquisa, que questiona algumas convicções, que suscita novas metodologias, envolve os conteúdos ambientais à prática. Uma ação que envolva, de fato, o homem com o meio, promovendo, como afirma Guimarães (2014, p.15), “uma relação harmoniosa, consciente do dinâmico na natureza, que possibilite, por meio de novos conhecimentos, valores e atitudes, a inserção do educando e do educador como cidadãos no processo de transformação do atual quadro ambiental do nosso planeta”. Lembrando que a EA aqui priorizada é a mesma defendida por Reigota (2014, p.13) “A educação ambiental como educação política está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum”.

O segundo ponto está relacionado ao pensamento freiriano, haja vista, Freire foi defensor da democracia, da humanização, da igualdade, do respeito, da crítica entre outros conceitos que convergem ao princípio da EA crítica. Desta forma, procurou-se analisar os gêneros textuais e atividades nos livros didáticos de língua portuguesa que proporcionassem essa melhor relação e não apenas exercício que fossem, *grosso modo*, mecânicos. Em outras palavras, segundo Freire:

Enquanto na prática “bancária” da educação, anti-dialógica por essência, por isto, não comunicativa, o educador deposita no educando o conteúdo programático da educação, que ele mesmo elabora ou elaboram para ele, na prática problematizadora, dialógica por excelência, este conteúdo, que jamais é “depositado”, se organiza e se constitui na visão do mundo dos educandos, em que se encontram seus “temas geradores”. (FREIRE, 1987, p.58)

Assim a ideia de Freire, muito bem recebida pela educação ambiental e – deveria ser – incorporado ao livro didático de Língua Portuguesa será analisada. Há sim no livro didático de Língua Portuguesa uma EA ambiental bancária ou uma que

seja “geradora”? Ou pior, a EA/MA aparece apenas como um item para cumprir as normas e apenas adornam os livros didáticos de Língua Portuguesa?

Lembrando ainda que Freire (1987, p.37) afirma que a “fonte geradora na ação sobre o mundo, o qual mediatiza as consciências em comunicação, não será possível a superposição dos homens aos homens” e ainda:

A investigação dos “temas geradores” ou da temática significativa do povo, tendo como objetivo fundamental a captação dos seus temas básicos, só a partir de cujo conhecimento é possível a organização do conteúdo programático para qualquer ação com ele, se instaura como ponto de partida do processo da ação, como síntese cultural. (FREIRE, 1987, p.105)

Freire (1987) observa que o diálogo, o conhecimento, a criticidade e investigação da realidade são pontos importantes para construção de um mundo melhor. Não sendo a favor da alienação, da ação desumana, mas sim que fomente a liberdade de pensamento em prol de um mundo melhor a todos, ou seja, a transformação. O que ele chama de educação libertadora. Tudo o que se precisa para uma Educação Ambiental melhor, potencializadora.

O terceiro, os princípios linguísticos, sobretudo, relacionados ao que escreveu Bakhtin e Marcuschi. O primeiro por trazer essa ideia de gêneros do discurso, ao passo que o segundo adaptou à realidade educacional brasileira no sentido do ensino de língua para a comunicação ativa dos estudantes. Sobre Marcuschi vale ressaltar que ele fez inúmeros trabalhos voltados para a linguística, mas para análise do livro didático de Língua Portuguesa, foi bem pertinente o artigo, cujo título é Compreensão de texto: algumas reflexões, que está inserido no livro intitulado “Livro Didático de Português: Múltiplos Olhares” (2005). O trabalho faz, nas possibilidades de um artigo, uma vultosa análise sobre o livro didático:

É sabido que o manual de Língua Portuguesa (LP) usado hoje, seja no ensino fundamental ou no médio, de um modo geral não satisfaz. Muitas são as razões desse estado de coisas. Entre as principais estão sua desatualização em relação às necessidades de nossa época e a falta de incorporação dos conhecimentos teóricos acerca da língua hoje disponíveis. As análises que buscam comprovar este aspecto são muitas e minuciosas, mas ainda não renderam os frutos esperados. Os livros didáticos continuam enfadonhos pela monotonia e mesmice, sendo todos muito parecidos. (DIONISIO; BEZERRA, 2005, p.48).

A contribuição para este trabalho, principalmente por convergir com a EA e os princípios freireanos são diálogo, problematização, reflexão crítica que permita a expansão ou construção do sentido e habilidade de argumentação. Além disso, segundo Marcuschi, há nove tipos de perguntas (como abordado na seção metodológica, anteriormente destacada), dedicadas à compreensão textual, de tal forma isso foi canalizado para o viés do que é posto por Freire (temas geradores) e princípio da EA, e assim fora feita a crítica. Em anexo está a tabela contendo os nove tipos de perguntas, as quais estão classificadas, conceituadas e exemplificadas.

Levou-se em consideração que para subsidiar os discentes a estudar, refletir e criticar, isto é, lutem por sua emancipação, assim como afirma Freire (1987, p.43): “que os homens submetidos à dominação, lutem por sua emancipação” e, conforme Marcuschi, “(...) parece razoável admitir que, se adotarmos uma estratégia adequada no tratamento da compreensão do texto em sala de aula, estaremos contribuindo para formação de um cidadão mais crítico e capaz diante dos textos que ele recebe para seu uso na vida diária”(DIONISIO; BEZERRA, 2005, p.61).

Desta forma, os livros da coleção serão analisados por essa tríade que, mesmo sendo consideradas áreas desconformes, encontram-se no aspecto do social, da crítica e da mudança, isto é, EA cidadã no mais restrito sentido semântico da palavra.

Em seguida serão analisados, em blocos, os três livros da série SER PROTAGONISTA, levando em consideração o que foi exposto no início desta seção, bem como o impetrado pelo PNLD e demais documentos norteadores da produção do livro didático que, sobretudo, destaca BRASIL (1996, p.12), “a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores”.

3. 1 Análise do primeiro volume do livro didático de Língua Portuguesa

Para fazer um trabalho contextualizado, bem como para selecionar um objeto que possa ser analisado dentro das propostas desse trabalho, foram selecionados três livros, os quais fazem parte de uma coleção, chamada de **Ser Protagonista**.

Os livros estão sendo utilizados no campus Penedo, Instituto Federal de Alagoas, nos cursos integrados de Meio Ambiente e Açúcar e Álcool. Agora, será analisado o primeiro volume, logo em seguida os outros dois. Essa verificação não será exaustiva, pois um livro didático contém várias temáticas de estudo e pesquisa, sendo assim, não há como exaurir nenhum conteúdo, mesmo relacionado à EA. Desta forma, o objetivo é analisar como o material didático (não) trata das questões ambientais, para tanto, serão destacados também os mais variados textos e imagem que poderiam ser viabilizados em prol da Educação Ambiental.

O volume 1, da série Ser Protagonista, possui como editor responsável Rogério de Araújo Ramos, bacharel e licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia da USP. A elaboração do conteúdo se deu por Cecília Bergamin, bacharela em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), local em que se se obteve o título de mestra; Marianka Gonçalves-Santa Bárbara, Licenciada em Letras pela UFCG-PB, Mestra em Linguística pela PUC – SP; Matheus Martins, Licenciado e Mestre em Letras pela UFMG ; Ricardo Gonçalves Barreto, Bacharel e Licenciado em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e Mestre e Doutor em Letras pela USP. Todos muito capacitados para elaboração de um material didático de Língua Portuguesa, levando em consideração os conteúdos comumente encontrados como gramática, leitura e interpretação de textos e literatura. A observação que se faz está relacionada à temática ambiental, houve essa preocupação? Outras temáticas como ética e saúde também são suscitadas?

Desta forma, fazendo a averiguação, fora percebido que o volume primeiro possui 400 páginas, número de páginas significativo para um material do primeiro ano. O volume é dividido em 15 unidades, havendo 33 capítulos, porque algumas unidades possuem mais de um capítulo.

Logo no início, nas páginas 12 e 13, há uma imagem enorme, uma mulher no primeiro plano e ao fundo, em segundo plano, uma paisagem linda, muito verde e água. Há uma explanação acerca da imagem, destacando que a tela é do pinto

paulistano Almeida Júnior. A ênfase é dada não a moça nem a paisagem, mas sim ao livro que está nas mãos dela, pois a imagem serve exclusivamente para fazer uma introdução ao assunto que virá, a literatura. Pode-se, mesmo que antecipadamente, afirmar que o Meio Ambiente já está sendo utilizado como ornamentação do livro didático e isso é comprovado em páginas à frente.

Sabendo que não há a possibilidade de analisar e critica todas as imagens e textos. Serão enaltecidas as mais pertinentes à luz desta pesquisa, todavia, a seguir, um panorama acerca de alguns gêneros será elucidado. Para facilitar a análise foi organizada a Tabela abaixo:

TABELA 1:Análise do primeiro volume do livro didático de Língua Portuguesa da coletânea Ser Protagonista, RAMOS, 2013a.

	Título	Páginas	Seção	Temática	Crítica
01	Ao encontro da literatura	14 e 15	Introdução à unidade	Enfoque na leitura	Não há abordagem sobre outros aspectos
02	História de passarinho	16 e 17	Sua leitura	Comparativo entre a liberdade do passarinho e do homem	Não há crítica sobre a temática
03	Choque de tarifas	18	Conceituação * (explicação do assunto)	Valor da energia	O texto serve apenas para fazer um paralelo entre linguagem literária e não literária. Destacando a polissemia.
04	Cigarra	19	Exemplificativa (trazer modelos, exemplos)	Cigarra	Fala apenas da literatura
05	Tirinha	20	Exemplificação	Verossimilhança	Não há crítica sobre a proposta
06	Cigarra, formiga & Cia	22	Uma leitura	Comparativo com a atual sociedade	Provavelmente melhor seção, pois faz algumas interpretações, mas isso dependerá do docente.
	O jornal e suas		Sua leitura	O jornal e o leitor	Analisar as perguntas

07	metamorfoses	23			
08	Germinal (fragmento textual)	24	Exemplificação	Literatura como denúncia social	Na seção de subsídio, há algumas indagações bem pertinentes.
09	I-Juca-Pirama	31	Conceituação	O ritmo no poema	A temática do índio e os problemas enfrentados à época não são destacados.
10	Amor adiado	33	Conceituação	Gênero lírico	Apenas conceituação.
11	Imagens indígenas	35	Ilustração	Herói e anti-herói	Exemplificativo
12	Temas básicos de Sociologia	39	Conceituação	Leitura e papel social	Tema pertinente, porém deve ser tratado pelo professor na perspectiva de debate.
13	O Açúcar	40	Exemplificação	Crítica acerca da origem do açúcar	Muito interessante o texto principal e o texto de apoio. Deve ser fomentado pelo docente a crítica.
14	Cortador de cana	40	Ilustração contextualizada	Contextualizar a temática	Muito pertinente a xilogravura. Trata de subsidiar o texto verbal.
15	O ser humano em "estado de natureza"	42	Ferramenta de Leitura	O ser humano é naturalmente bom, mas a sociedade o corrompe.	Boa relação com outra seção, pois fala do filme O menino selvagem.
16	O guardador de rebanhos.	43	Ferramenta de Leitura e Interpretação	Natureza	Discussão incipiente acerca da natureza. Apenas uma das seis questões é mais reflexiva.
17	Elegia para os que ficaram na sombra do mar	44	Entre textos	Natureza e relação com a guerra.	Relacionar quatro textos que fazem parte de uma seção. A abordagem está relacionada aos cenários

					que a natureza proporciona.
18	Oceano Nox	44	Entre textos	A natureza como fonte de inspiração e cenário para a obra.	Relacionar quatro textos que fazem parte de uma seção. A abordagem está relacionada aos cenários que a natureza proporciona.
19	Ismália	45	Entre textos	A natureza como ferramenta para destacar “características” da mulher.	Relacionar quatro textos que fazem parte de uma seção. A abordagem está relacionada aos cenários que a natureza proporciona.
20	É doce morrer no mar.	45	Entre textos	Morte na natureza.	Relacionar quatro textos que fazem parte de uma seção. A abordagem está relacionada aos cenários que a natureza proporciona.
21	Fragmento de poesia de Nuno Fernandes Torneol	64	Ferramenta de leitura	A vida e a relação com a natureza.	As perguntas não provocam reflexão profunda, apenas interpretação básica. Relaciona a natureza com a vida.
22	Fragmento da poesia de Eugênio de Castro.	65	Entre Textos	A relação amorosa e a natureza como ferramenta de comparação.	Não há perguntas que provoquem reflexão. Na verdade, não há indagações, pois, na seção, são postos textos com temáticas afins: o amor e a natureza como plano de fundo.
23	Fragmento de texto produzido por Joaquim Brasil Fontes.	65	Entre Textos	A relação amorosa e a natureza como ferramenta de comparação.	Não há perguntas que provoquem reflexão. Na verdade, não há indagações, pois, na seção, são postos textos com temáticas afins: o amor e a natureza como plano de fundo.

24	Seção O que você pensa disto?	75	O que você pensa disto?	Ciências e religião.	A seção mais interessante, pois provoca uma boa reflexão acerca de um tema bem atual na sociedade.
25	Fragmento de um texto produzido por Fernão Lopes.	78	Margens do texto	Revolução	Seção interessante e pergunta bem pertinente. A indagação suscita uma boa reflexão, sobretudo, se houver contextualização.
26	Auto da barca do inferno.	81 e 82	Sua leitura	Avaliação da conduta na terra para ingresso no céu.	Mesmo não havendo muitas perguntas, há duas que discutem muito bem essa questão da crítica relacionada à ética. Além disso outra seção está relacionada, mas não foi contabilizada como gênero, pois está diretamente relacionado ao texto de Gil Vicente. Na página 82 há continuação da obra do dramaturgo português, destacando a parte social e de conduta.
27	A Fome Negra	83	Entre Textos	Destaque para questão social, sobretudo, relacionada à miséria.	Texto bem interessante e há outro auxiliar que complementa no tocante as informações e fomento a reflexão acerca da temática.
28	Os Lusíadas	95	Ler o clássico	Guerras e conquista de outros povos.	Sobre as perguntas: Interpretação superficial do texto, enfoque literário. Não foi computado na pesquisa, mas há outro gênero na seção O que você pensa disto que há um debate rico sobre essa situação de invasão dos povos.
29	Fragmento de Os Lusíadas	100	Margens do texto	Transformação cultural	Mesmo que sucintamente, há uma pergunta que fomenta discussão acerca da sociedade.
30	Dia sombrio	101	Repertório	A natureza na literatura e na pintura	Há informações interessantes, pois mostra como a natureza é percebida nas artes, como

					plano de fundo ou como ferramenta de comparação com o ser humano.
31	Fragmento de Os Lusíadas.	104	Sua leitura	Conduta dos seres humanos.	Perguntas sobre o texto são singelas acerca do que se pode extrair.
32	Fotografia Indígena protesta contra a construção da Usina de Belo Monte	105	O que você pensa disto?	Debate sobre preservação do meio ambiente e o desenvolvimento econômico	A seção traz uma temática importante, não restringindo a perguntas incipientes, porém fomenta ao debate amplo.
33	Poema de Arlindo Barbeitos. Fragmento retirado de uma antologia.	108	Entre textos	Crítica aos processos de colonização das terras africanas pelos portugueses.	A literatura é utilizada como ferramenta para críticas às ações de opressão. Não há perguntas, porém sim textos que, se lidos adequadamente, podem provocar bastante reflexão.
34	Língua Portuguesa, de Olavo Bilac.	108	Entre textos	Sucinto poema que traz a história da língua portuguesa.	A natureza como ferramenta de argumento.
35	Mar português, Fernando Pessoa.	109	Entre textos	Processo de navegação português.	Mostra como o processo de conquista do mar foi difícil, porém necessário para Portugal.
36	Soneto da rosa, Vinícius de Moraes.	109	Entre textos	Representação o feminina e um elemento da natureza.	A natureza é colocada apenas como elemento comparativo.
37	Imagem do Novo Mundo	112	Capa de Unidade	Xilogravura sobre os indígenas e o interesse dos europeus.	Traz um bom texto na mesma seção, cujo destaque é o ambiente e o interesse dos Europeus. Bom texto e precípuo à Educação Ambiental na perspectiva crítico-emancipatória.
38	Imagem: A divisão do corpo do prisioneiro e preparo	114	Sua leitura	Imagem mostra o ritual antropofágico.	Há perguntas relacionadas aos textos bem importantes.

	do alimento, de Théodore de Bry.				
39	História da província Santa Cruz, de Pero de Magalhaes Gândavo.	115	Sua leitura	Análise e caracterização do povo indígena.	Há perguntas relacionadas aos textos bem importantes.
40	Imagem Homens e mulheres comemoram resultado positivo do julgamento sobre demarcação de reserva.	116	Ação e Cidadania	Índigenas e o processo de dominação cultural que foram submetidos.	Texto que traz discussão sobre a opressão que os índios vêm sofrendo, principalmente, sobre a retirada de terras.
41	Fotografia e sinopse do filme Xingu.	117	Sétima Arte	Mostrar a expedição comandada pelos irmãos Villas-Bôas.	Essa seção Sétima Arte é bem interessante no livro didático, pois faz um comparativo com a questão indígena enfoque inicial do capítulo, literatura quinhentista.
42	A Santa Inês, de José de Anchieta.	118	Sua Leitura	A religião e o conhecimento nos textos do Padre José de Anchieta.	O texto é subsidiado por vários outros textos, aparentando ser hiperlinks que ajudam no processo de entendimento. As discussões são rasas e não promovem uma reflexão acerca da religião e do debate político.
43	Fragmento da Carta de Pero Vaz de Caminha.	119	Ler as Manifestações literárias quinhentistas	Relatar a nova terra encontrada.	As perguntas estão relacionadas as questões gramaticais e de produção textual, pouco se discute sobre as temáticas.
44	Os passos de Anchieta.	122	Repertório	A vida do religioso José de Anchieta.	Explana sobre a vida do religioso e mostra mais uma vez a natureza como plano de fundo. Na pequena seção, há dois grandes pontos a serem

					analisados, a imagem e a própria narrativa.
45	Indígenas da etnia Pataxó festejam decisão do STF.	123	O que você pensa disto?	Explicar sobre a decisão do STF quanto à reserva indígena no sul da Bahia.	Traz um texto sucinto e rico para ser analisado e debatido, ademais pode servir de pesquisa, pois se trata de um tema que sempre merece destaque.
46	A Cristo S.N. Crucificado estando o Poeta na última hora de sua vida.	134	Uma leitura	O pecado e a fé.	Não há perguntas a serem respondidas, na verdade, há outros textos e uma imagem que fomentam a discussão.
47	Apócrifa	135	O que você pensa disto?	Obra falsamente atribuída a um autor ou de cuja autoria se tenha dúvida.	Essa seção surpreende pela contextualização. Há na página anterior um texto de Gregório de Matos, em seguida é colocado um de Luís Fernando Veríssimo, sabendo que ambos são reconhecidos, traz à tona essa discussão: apócrifa.
48	Sermão vigésimo sétimo, de Antônio Vieira.	141	Sua leitura	Provocação relacionada à escravidão.	Traz um tema interessante: a escravidão. O texto é muito rico, todavia, as perguntas são bem propedêuticas.
49	Cardeal arcebispo de São Paulo, dom Odílio Scherer	141	O que você pensa disto?	Discussão atinente a relação política, econômica e social.	A partir do texto e da imagem inserida na seção são realizadas duas perguntas que fomentam a crítica e a emancipação do discente diante das questões cidadãs. Abordagem fomentada pela educação ambiental de viés político.
50	À cidade da Bahia	145	Conceituação /exemplificação	Crítica à política	Texto faz parte da introdução a Gregório de Matos no livro didático. Traz informações relevantes sobre as questões sociais.

51	Epílogo/ Que falta nesta cidade?	145	Conceituação /exemplificação	Crítica à política e à organização social	Texto faz parte da introdução a Gregório de Matos no livro didático. Traz informações relevante sobre as questões sociais.
52	Pintura admirável de uma beleza	146	Sua leitura	Poesia e natureza.	A seção é a continuidade da explanação conceitual e exemplificativa de Gregório de Matos. Nesta etapa, há cinco perguntas, mas sendo um item subdividido, temos um total de sete. Destas, duas estão relacionadas ao meio ambiente. Perguntas básicas, que destacam a natureza como plano de fundo.
53	Charge, Folha de São Paulo.	147	O que você pensa disto?	Corrupção	Assim como em outros momentos da seção, há uma contextualização muito válida, uma vez que traz corrupção por meio de uma charge e a relação com a literatura de Gregório de Matos. A indagação da seção está relacionada aos temas satíricos das charges.
54	Pintura Paisagem com vista do Palácio de Caserta e Vesúrio, de Jacob Philipp.	154 e 155	Introdução à unidade	Natureza harmônica e equilibrada nos textos árcades.	A imagem é sustentada por um texto prévio que destaca a natureza como um elemento imprescindível à estética literária Arcadismo.
55	Lira XV, Marília de Dirceu, Tomás Antônio Gonzaga.	161	Ler o (Arcadismo)	Há cinco perguntas sobre o fragmento, todas abertas. As perguntas estão centradas na questão literária, não obstante duas delas tangenciam o	O texto frisado é muito presente nos livros didáticos, porém sempre com a mesma abordagem: natureza e a relação com o tema amoroso e a natureza como plano de fundo. Temáticas como as lãs e o processo de confecção, bem como a posse que uma só pessoa detém dos animais, por exemplo, o gado.

				assunto natureza.	
56	Desejos da presença do objeto amado, de Manuel Bocage.	166	Sua leitura	A natureza, isto é, a fauna e a flora sendo utilizadas como fonte de argumento para falar do amor.	Os itens 56 e 57 pertencem à mesma seção. Há nove perguntas relacionadas aos textos, mas apenas uma questão aborda tal temática:3B.
57	Lenitivos do sofrimento contra as perseguições da desventura, de Manuel Bocage.	166	Sua leitura	Pertencimento a natureza.	Relação da natureza com o eu-lírico.
58	Brasil é o país que mais produz lixo eletrônico por habitante.	167	O que você pensa disto?	Carpe diem (aproveite o dia).	Essa seção, em muitas situações, traz boas contextualizações, mais uma vez isso ocorreu. Há uma contextualização sobre a ideia do carpe diem voltada para área da tecnologia, mais especificamente, para o descarte dos equipamentos (lixo). O ápice é a pergunta aberta que fomenta discussão em classe, pois se refere ao futuro da sociedade.
59	Contexto	168	Contexto e produção	Explicação acerca do Arcadismo.	Contextualização sobre o arcadismo, fala sobre o outro e o desenvolvimento que ele proporcionou. O texto é um convite à discussão relacionada à sustentabilidade. Obviamente, isso dependerá do professor, se não houver formação, possivelmente, ele não fará uma problematização.
60	Fragmento de A poesia dos inconfindentes, Cláudio	170	Conceituação /exemplificação	Destacar a natureza na poesia árcade.	Falar do lírico e da natureza.

	Manuel da Costa.				
61	Fragmento de A poesia dos inconfidentes, Cláudio Manuel da Costa.	171	Sua leitura	Destacar a natureza na poesia árcade.	Há cinco perguntas, mas apenas uma relacionada à natureza ou meio ambiente, de maneira ampla.
62	Fragmento de A poesia dos inconfidentes, Cláudio Manuel da Costa.	171	Sua leitura	Natureza e mitologia	Há cinco perguntas, mas apenas uma relacionada à natureza ou meio ambiente, de maneira ampla.
63	Fragmento de A poesia dos inconfidentes, Cláudio Manuel da Costa.	172	Conceituação /exemplificação	A natureza como ferramenta para construir a poesia árcade.	Exaltação da natureza.
64	Fragmento de Cartas Chilenas, Tomás Antônio Gonzaga.	173	Conceituação /exemplificação	Denúncia e crítica aos poderosos, indicando a visão política de Gonzaga e os companheiros da época.	Não há perguntas acerca do texto, porém há dois pequenos textos, um está dentro da seção hipertexto, o outro dentro da seção margens do texto. Os dois dão um suporte incrível para o entendimento do texto, sobretudo, na perspectiva desta investigação: a educação ambiental política.
65	Fotografia de ecoturistas em trilha da Reserva Natural do Parque do Zizo.	177	O que você pensa disto?	Fugere Urbem	A seção traz uma discussão em relação à temática fugere urbe, que significa fugir da cidade e viver bem no campo. Há um questionamento sobre essa ideia na sociedade contemporânea.
66	Fazenda, de Carlos Drummond de Andrade.	180	Entre textos	Natureza idealizada	Faz parte de uma seção que tem quatro textos, mas três são mais proeminentes na questão ambiental. Neste FAZENDA, há uma observação interessante, pois fala que na Rússia há

					uma turbulência da Revolução, porém que no campo isso não é percebido.
67	Exercícios, de Hilda Hilst.	181	Entre textos	Além da abordagem poética da natureza, há um destaque para falta de pastores e água.	Faz parte de uma seção que tem quatro textos, mas três são mais proeminentes na questão ambiental. Neste poema, não há muito o que ser analisado, exceto que a natureza é colocada como temática direta do poema, não como plano de fundo.
68	Fragmento de poema retirado de Poemas Completos, de Alberto Caeiro (Fernando Pessoa).	181	Entre textos	Desfrute da natureza.	Faz parte de uma seção que tem quatro textos, mas três são mais proeminentes na questão ambiental. Traz uma informação importante sobre o prazer de aproveitar o que natureza oferece.
69	A origem da obra de Arte, de Marília Dardot.	186-187	Introdução à unidade	Vasos de plantas podem remeter à natureza.	A natureza mais uma vez é colocada como aporte de introdução de uma unidade, desta vez para explicar a fugacidade e relação com a linguagem humana.
70	Tirinha: Aline, de Adão Iturrusgarai.	191	Conceituação /exemplificação	Língua como prática social	Essa tirinha está diretamente relacionada à ideia de educação ambiental política, pois sabemos que o assunto não tem a problematização necessária. Sabe-se que muitas pessoas sofrem preconceito racial, social e político, porém, em alguns momentos, não damos a devida atenção ao preconceito linguístico. Nosso país precisa aprender muito sobre variedade linguística, para assim retirar esse preconceito tão enraizado.
71	E se ... Não usássemos roupas? De Adriano	192	Prática de linguagem	Vestimentas humanas	O texto é excelente, bem como a imagem que o acompanha. Foram direcionadas três perguntas

	Sambugaro				sobre o texto, todas pertinentes a temática dessa investigação, sendo que uma se sobressaiu, pois perguntam sobre o valor simbólico de pele de animal como vestuário. Neste aspecto, pode se problematizar bastante o poder das marcas em nossa sociedade.
72	Hagar, o horrível.	193	Prática de linguagem	Relação de um casal	Há cinco perguntas sobre a tirinha. Elas são bem amplas, ou seja, o estudante pode responder algo bem genérico e isso pode ser considerado correto. Não perguntas que sejam mais interessantes ao contexto atual, a citar, o trabalho da mulher e comodismo do homem diante da situação, pois ele quer ser servido.
73	Fragmento de História da Província de Santa Cruz, de Pero Magalhaes Gândavo.	195	Repertório	Etnocentrismo	Mais um texto pequeno, pertencente a seção Repertório, mas muito interessante, pois mostra que não podemos analisar tudo apenas a partir da nossa cultura, das nossas experiências, do nosso modo de pensar, devemos saber relativizar os conceitos e nos colocar no lugar do outro.
74	Ação e cidadania* (não há um título, repetimos o nome da seção)	199	Ação e cidadania	Intolerância, discriminação e preconceito linguístico.	A seção traz a temática do preconceito linguístico de maneira mais destacada. Toda a página 199 do livro trata da variação linguística, assim fica mais destacada a situação de diversidade e do respeito que deve imperar nas formas de falar. A seção Ação e cidadania reforça a ideia de diferença e não de superioridade de uma variedade.
75	Brasileiros vão decifrar genomas	216	Prática de linguagem	Ciência/genoma	O texto não foi explorado na perspectiva mais profícua. As quatro

	do papagaio e do sabiá-laranjeira, José Reinaldo Lopes.				perguntas estavam direcionadas apenas a linguagem, coesão e comparação entre textos. As ideologias, as temáticas, as opiniões sobre os conteúdos do texto são preteridos.
76	Tiras, de Laerte.	221	Prática de linguagem	Barulho (poluição sonora)	São duas tirinhas que utilizadas na questão de número da atividade. A temática é poluição sonora, mas apenas indagações relacionadas à comparação da tiras e elemento verbal são postas. Há uma pergunta sobre estranheza social que se aproxima do que está sendo problematizado aqui.
77	Escrita e letramento	227	Conceituação /exemplificação	Escrita e letramento	Não há questões relacionadas ao texto. Trata-se de um texto que conceitua e classifica determinado assunto. A parte que merece ser gizada está relacionada ao letramento, termo usado para referir-se à participação do indivíduo nas práticas sociais que envolvem escrita.
78	Reportagem do Jornal da Nacional, Rede Globo.	228	Conceituação /exemplificação	Tecnologia /Saúde /natureza	Texto riquíssimo, trata da questão tecnológica que tanto cresce e pode ajudar como atrapalhar. O texto traz as possibilidades de benefícios que os produtos tecnológicos podem trazer em vez de ser um resíduo sólido apenas. (não há discussão, o texto foi colocado apenas para comparar o tipo de escrita – formal e informal)
79	A turma do Xaxado, de Antônio Cedraz.	231	Prática de linguagem	Trabalho	Trata-se de uma tira de três quadros, duas personagens e um cenário do campo. O diálogo está relacionado ao trabalho e ao salário. Mais uma vez, a preocupação é com o assunto da unidade, neste caso, ortografia. A

					temática trabalho e salário justo não é discutida. Algo muito pertinente à nossa sociedade.
80	Fragmento de Cordel, de Patativa do Assaré.	231	Usina Literária	Livro didático	Uma abordagem sobre uma personagem/eu-lírico que teve contato com o livro didático, mostrando como esse foi importante na formação de um indivíduo, que saiu das trevas (sic), ou seja, do mundo da ignorância, da falta de conhecimento. As perguntas são interessantes, porém não debatem tal situação.
81	Tira Classificados, de Laerte.	235	Em dia com a escrita	Problemas nas grandes cidades.	A tira é muito interessante, bem criativa usando apenas dois quadros. São duas perguntas sobre o gênero imagético, sendo uma bem objetiva acerca de um problema urbano: enchentes.
82	Banner: Saco é um saco.	247	Prática de linguagem	Conscientização no consumo Um dia sem sacola plástica	São quatro perguntas, apenas uma, de fato, direcionada ao meio ambiente, porque as outras três indagações são voltadas para linguística. Vale destacar que, mesmo sendo uma pergunta, a inclusão do conteúdo é bem válido.
83	Ação cidadania	247	Ação e cidadania	Decomposição	Texto que serve para chamar a atenção do leitor sobre os problemas ambientais, mesmo sendo apenas informativo.
84	Novas anedotinhas do bichinho da Maça, de Ziraldo.	251	Em dia com a escrita	O sábio e a natureza	Faz piada com a animais e o meio ambiente.
85	Empresa é condenada	251	Em dia com a escrita	Discriminação	Uma notícia bem rica para ser debatida, pois trata da demissão de um funcionário portado de HIV,

	recontratar funcionário				mas a pergunta foca apenas a diferença entre discriminação e discriminação, em detrimento do conteúdo riquíssimo do texto.
86	Chimpanzés possuem as mesmas áreas neurológicas que, nos seres humanos, são responsáveis pela fala.	269	Conceituação /exemplificação	Fala	O texto, que vem acompanhado de uma ilustração, traz informação relacionada à possibilidade de os chimpanzés falarem. Texto curioso e interessante na área da educação ambiental, sobretudo, biológica.
87	TVs criam eco-realities para fazer debate “verde”, por Audrey Furlaneto.	281	Prática de linguagem	Reality Show para prática sustentável	Assim como em outras seções, percebe-se um texto com conteúdo voltado para o meio ambiente, algo bem relevante, mas sem a devida atenção de mérito, pois as perguntas estão voltadas para formação de palavras e a relação com o contexto, interpretação de vocábulos no texto e explicação de passagens do texto.
88	Tirinha: Hagar, o Horrível, de Chris Browne.	282	Conceituação /exemplificação	Governo e população.	Mais uma tirinha significativa, mas também focada apenas no processo gramatical. É uma tirinha formada por dois quadrados, mostra como funcionava a cobrança de impostos antigamente, de maneira abusiva, sem que a pessoa pudesse reclamar da situação. As perguntas estão voltadas para questão morfológica de algumas palavras. A primeira questão até “resvala” na temática principal da tirinha, mas o enfoque é a ironia.
89	Adultos não conseguem amadurecer e querem continuar	284	Prática de linguagem	Adulto e o processo de independência	As perguntas estão direcionadas para o processo de formação de

	sendo crianças, joan Carles Ambrojo.				palavras as quais se encontram no texto.
90	Se o agressor é rico, é pitboy; se pobre, é bandido, por O Dia online.	288	Prática de linguagem	Questão social do agressor e ficção vs realidade.	O texto é bem curto, porém muito interessante. Mostra como são rotulados os agressores ricos e pobres. No corpo do texto também há destaque para a personagem e a pessoa em si, evidenciando que há pessoas que não sabem diferenciar realidade de ficção. Curiosidade no tocante a esse texto é que há uma pergunta relacionada a interpretação da ideia central do texto.
91	Filantropias	290	Língua viva	Filantropia Ajudar aos pobres	Há quatro perguntas abertas, sendo que algumas são subdivididas, chegando ao total de sete perguntas. Mais uma vez as perguntas estão direcionadas ao conteúdo da unidade, porém, algumas estão direcionadas à temática principal, desta vez fazendo o estudante criar argumentos. No item "B", da última questão (4), é solicitado que o discente relacione filantropia, pilantropia, altruísmo e egoísmo.
92	Terceiro setor: O crescimento da "pilantropia" entre as ONGs.	291	Língua viva	Corrupção nas ONGs	Essas foram as perguntas relacionadas ao texto: sentido da palavra filantropia; explicar o sentido da opção "dar o peixe"; e a palavra "pilantropia" será incorporada ao dicionário.
93	Revolta no navio	298	Prática de linguagem	Revolta dos escravos.	São três perguntas direcionadas ao texto, que tem o conteúdo da escravidão como enfoque. As perguntas são sobre marcas temporais e recursos coesivos.

94	Crianças da etnia Xavante brincam e aprendem sobre ritual de passagem.	312	Introdução à unidade	A figura do índio sendo utilizada para explicar o conceito de narração.	O índio é ser vivo que, sempre que falamos, nos remete ao meio ambiente, a natureza e, realmente, nos direciona a histórias. Faz parte da nossa cultura coletiva. Estratégia interessante para falar de um assunto importante e falar um pouco sobre um povo tão importante.
95	De cima para baixo, de Artur Azevedo.	314	Leitura	“Descontar raiva em inocente”	O texto mostra como funcionam as relações de poder. Uma pessoa não assume responsabilidade do ato e precisa de alguém para “descontar” a raiva. Das oito questões evidenciadas, a sétima merece destaque, porque trabalha a criticidade do discente diante de uma situação de injustiça.
96	Senado aprova cota de 50% em universidades e escolas técnicas federais, por Débora Bergamasco.	322-323	Leitura	Cotas	Texto extenso para um livro didático, porque preferem fragmentos ou textos curtos, mas traz informações que corroboram para uma salutar discussão acerca das cotas.
97	Ação e cidadania	323	Ação e cidadania	Sistema de cotas	A seção Ação e cidadania traz informações e argumentos que fomentam a discussão sobre as cotas, de tal forma, colabora com o gênero notícia que fora destacado anteriormente no item de análise 97, páginas 322 e 323 do livro didático analisado.
98	Novo projeto tenta proibir cabaia no Rio, Folha de São Paulo.	326	Entre o texto e o discurso	Proposta de lei para proibir o uso de animais em pesquisas.	O texto serve exclusivamente para trabalhar o gênero notícia. Há vários outros pequenos textos que mostram as características do gênero. A proposta deste trabalho não é analisar a estrutura do

					gênero, porém sim os conteúdos relacionados à educação ambiental – ecológica ou política -, por isso merece o destaque.
99	Saúde e comportamento (temas das propostas)	334	Produzir uma reportagem	Informática e trabalho como proposta de reportagem.	Essa etapa também se sobressai no livro didático. Nela, há a perspectiva da oficina, textos fomentadores são colocados e os alunos devem buscar respostas para construir uma reportagem. Um texto fomentador que chama atenção, quando coloca os perigos da internet e videogames. A questão ambiental aparece de maneira relevante, ademais o estudante terá que investigar e colocar a própria opinião crítica em evidência.
100	A leptospirose e as enchentes	339	Ação e cidadania	A leptospirose	Texto traz informação rica sobre a doença e algumas orientações.
101	Reunião de Alcoólicos Anônimos.	341	Ação e cidadania	Grupo em prol da transformação de comportamento.	Texto explana sobre a importância de grupos a fim da superação de problemas pessoais e sociais.
102	Assunto: Linha: Canudos – Porto Alegre (Praia de belas, seletivo metropolitano) – horário de saída 6:30, Rafael Donelli.	370-371	Leitura	Reclamar dos reiterados atrasos do motorista de ônibus.	O texto serve como modelo a ser seguido para construção de uma carta de reclamação. Gênero rico para participação social, visto que educação ambiental política está imbricada com isso.

FONTE: O Autor/2018

Então, nesse primeiro volume, foram catalogadas vinte e três⁴⁶ (23) seções que contêm gêneros sobre a EA/MA, sendo catalogados 102 gêneros do tipo textual, imagético e misto (vocábulos e imagens). A princípio, uma hipótese foi suscitada, a de que havia poucos gêneros que tratavam da EA/MA, todavia, em quantidade esse pressuposto foi superado, pois o primeiro volume da coleção está repleto de textos relacionados à temática ambiental. A seção “Entre textos” destacou 14 gêneros textuais em que o conteúdo está direcionado à temática, por exemplo:

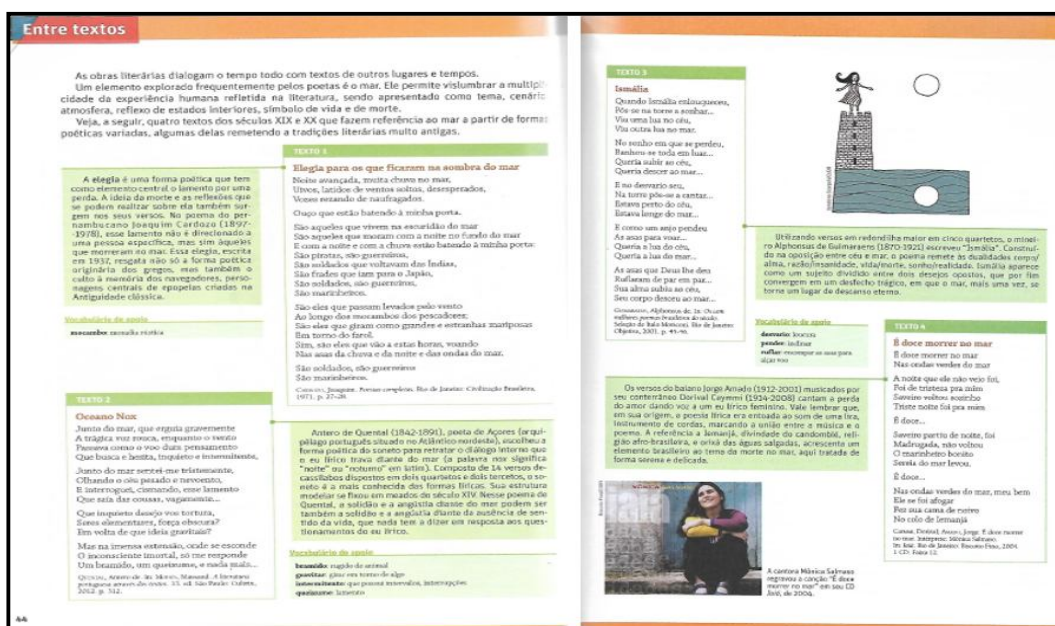


FIGURA 3: Seção "Entre Textos"
Fonte: Primeiro Volume da coleção SER PROTAGONISTA; RAMOS, 2013 a

Acima, temos duas páginas que convergem para mesma temática: trabalhar leitura e intertextualidade. Todavia, o teor dos textos está relacionado às questões ambientais. São quatro textos que giram o mar, ventos, escuridão, chuvas, guerras, lua etc. A questão ambiental é elemento da construção poética, como acontece em várias passagens dos livros, o MA e EA, mormente, não são pautas dos textos no sentido da crítica, da reflexão e da problematização. Na página 65, há destaque mais uma vez ao meio ambiente, não obstante, não há crítica, não há fomento ao debate, apenas imagens, isto é, códigos não verbais, que servem para ornamentar a página e ilustrar os poemas destacados.

⁴⁶ Há em anexo três gráficos que mostram a quantidade de gêneros por seção encontrados nos três livros analisados.

Sua leitura é outra seção repleta de textos e alguns estão relacionados à cidadania, à conduta humana e a valores sociais, a citar, na página 81, há um fragmento do famigerado Auto da Barca do Inferno, de Gil Vicente. Texto que é parcialmente trabalhado na perspectiva da EA, haja vista fomenta no estudante a refletir sobre a conduta humana, isto é, ética. No entanto, é tudo muito introdutório, pois a pergunta está voltada a transcrição do trecho que mostra a falta de ética, sem fomentar um debate construtivo acerca da ação da personagem na obra. Há na mesma página uma seção chamada “O que você pensa disto” que, segundo Marcuschi são chamadas perguntas “Vale-tudo”, muito próximas das perguntas subjetivas, as quais são respondidas pelos estudantes na intenção de agradar o professor. Então, segundo Marcuschi apud Dionísio e Bezerra “Quanto às perguntas subjetivas, é bom ter presente que os alunos se sentem comprometidos com o paradigma da escola e às vezes dizem o que imaginam que vai agradar à professora”. (2005, p.56),

Esta seção “o que você pensa disto” concatenada com a EA aparece oito (8) vezes, mostrando que a opinião do discente pode ser, sim, crítica, aproximando-se da ideia dos temas geradores e, portanto, fomentando a formação de um cidadão crítico-transformador. Na página 105, há um gênero textual misto, sendo a imagem do índio a parte não verbal e, a parte textual, um pequeno texto fomentador. A problemática gira entorno do meio ambiente e do desenvolvimento econômico. Percebe-se que, de fato, a opinião do estudante pode ser explorada. Claro, que não são todas as propostas que seguem essa perspectiva, mas se identifica algumas propostas no livro didático.

Outra seção bem pertinente é “Ação e cidadania”, pois ela traz seis (6) textos que proporcionam, mesmo que superficialmente, uma discussão. Merecem destaque os textos encontrados nas páginas 116 e 247, o primeiro traz uma explanação sobre a luta indígena pelos direitos da terra, ao passo que no segundo caso tem-se uma informação acerca da do lixo e o processo de decomposição, não há acuidade nas questões. São bons textos, bem sucintos e ricos para discussão, todavia servem de acessórios para as temáticas principais das unidades. No segundo caso, a questão é mais evidente, porque está associada à interpretação de um banner, gênero textual proeminente da questão. Esse último texto é farto à problematização, cumprindo assim o que diz na Resolução 2, de 2102, em seu artigo 6, mas isso não ocorre:

A Educação Ambiental deve adotar uma abordagem que considere a interface entre a natureza, a sociocultura, a produção, o trabalho, o consumo, superando a visão despolitizada, acrítica, ingênua e naturalista ainda muito presente na prática pedagógica das instituições de ensino. (BRASIL, 2012, p. 2)

Outra seção bastante criativa e importante inserida na obra é a “Prática de Linguagem”, a expressão sugere uma dedicação as questões da linguagem, necessariamente por ser o ponto importante do livro didático. O que chama a atenção é o fato de haver sortidos textos que tenham como cerne o MA/EA. Enquanto exemplo, pode ser destacado o texto encontrado na página 288, intitulado “Se o agressor é rico, é pitboy; se pobre, é bandido”. Um excerto interessante, porque trata das questões sociais, não obstante, o questionário está direcionado as questões superficiais e pouco tem que a ver com a capacidade de reflexão. Trata-se de um rico tema gerador, porém não é bem aproveitado, as perguntas seguindo a classificação de Marcuschi, seriam metalinguísticas, uma vez que trata da estrutura do texto ou léxico, exceto a alínea “c”, pois pode trazer uma lacônica discussão. Não se pretende afirmar que todos os gêneros devam se dedicar as questões de cidadania, meio ambiente e ética, porém não se pode também admitir que questões tão salutares se restrinjam ao ínfimo, aquilo que é bem superficial e os discentes responderiam sem muito esforço, pois as respostas são facilmente identificadas. Critica-se, portanto, que textos com esse viés social seja bem aproveitando, para assim “fortalecer a cidadania, a autodeterminação dos povos e a solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos, valendo-se de estratégias democráticas e da interação entre as culturas, como fundamentos para o futuro da humanidade” (BRASIL, 2012, p.4).

Outras seções, mesmo com uma quantidade menor de gêneros, são pertinentes à análise. Na seção “sétima arte”, há destaque para o filme Xingu, todavia, faz apenas uma relação com o conteúdo Quinhentismo (literatura), mas não destaca suscita apuração, pois aparece apenas como um encarte de cinema, com uma imagem e breve sinopse, ficando assim, o trabalhado de análise, dependente do professor. Uma observação deve ser realizada, porque os filmes⁴⁷, sobretudo esse destacado, são imprescindíveis nesse processo de “reflexão sobre as desigualdades

⁴⁷ Na cartilha “Letramento Ambiental” foi inserido um pequeno catálogo de filmes que podem e devem ser utilizados na perspectiva ambiental, porém, no “miolo” do livro há exemplos de como isso deve ser realizado, não apenas a título de informação ou explicação de filme.

socioeconômicas e seus impactos ambientais, que recaem principalmente sobre os grupos vulneráveis, visando à conquista da justiça ambiental” (BRASIL, 2012, p.5).

Enfim, acima – na tabela – foi realizada uma síntese dos textos encontrados no volume primeiro do livro, aqui está sendo realizadas ponderações complementares, por isso, merece destaque um fragmento do texto “A Fome Negra”, inserido na página 83. Vejamos:

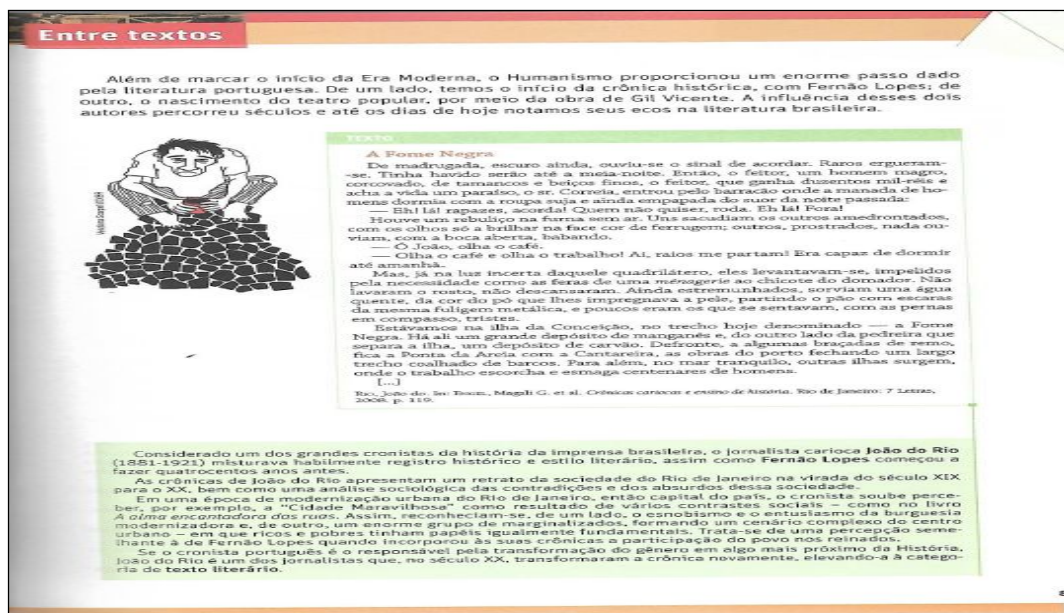


FIGURA 4: Seção "Entre Textos"

Fonte: Primeiro volume da coleção SER PROTAGONISTA; RAMOS, 2013 a

Trata-se do fragmento do gênero Crônica, que tem o título de A Fome Negra. Uma narrativa que ilustra a situação de opressão, pois há um feitor que oprime todos os demais rapazes que dormiam em situação degradante. Mostra pessoas que trabalham em situação desumana e diante do medo. O texto possibilita amplo debate, mas há apenas um texto (parte verde do livro) que traz ligeiros comentários. Textos que trazem à tona tudo aquilo que Freire (1987) propõe em suas obras e ações, assim, esse texto deveria ser exaurido nas propostas que o mestre destacou, para assim promover mudanças.

Pode-se observar a exigência de uma mudança radical, tanto para o opressor que se descobre opressor; quanto para os oprimidos que, reconhecendo-se contradição daquele, desvelam o mundo da opressão e percebem os mitos que o alimentam – “a radical exigência da transformação da situação concreta que gera a opressão”. (FREIRE, 1987, p.20)

E ainda:

Ao fazer-se opressora, a realidade implica na existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar consciência crítica da opressão, na práxis desta busca. Este é um dos problemas mais graves que se põem à liberdade. É que a realidade opressora, ao construir-se como um quase mecanismo de absorção dos que nela se encontram, funciona como uma forma de imersão das consciências. Neste sentido, em si mesma, esta realidade é funcionalmente domesticadora. Libertar-se de sua força exige, indiscutivelmente, a emersão dela, a volta sobre ela. Por isto é que, só através da práxis autêntica, que não sendo “blablablá”, nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível fazê-lo. (FREIRE, 1987, p.21)

Em síntese, o texto serviu para falar da literatura brasileira, bem como serviu como suporte para demonstrar as características da “Estética Literária”, pois naquele contexto havia preocupação em retratar a sociedade.

De maneira específica, no tocante aos exercícios/atividades, é oportuno traçar algumas palavras. São poucos os textos, quando comparados a todos que estão no livro, que são dedicados às questões ambientais e, em menor quantidade, aqueles que trazem atividades, pois muitas vezes os gêneros servem para ornamentar, principalmente, as imagens e complementar os assuntos relacionados diretamente à Língua Portuguesa. Assim, são encontradas, após muita pesquisa minuciosa, algumas questões que levam à reflexão, a citar, a atividade que está posta na página 41, são cinco questões, mas apenas a questão de número 2 é realmente provocadora, mesmo de maneira incipiente. Na página 123 há outra problematização acerca das questões indígenas no que se refere à território, a pergunta é muito aberta, porém, se fomentada pelo (a) professor (a), pode-se solicitar a pesquisa e assim ir ao encontro do que Freire defende:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas

da prática educativo progressista é exatamente o desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. (FREIRE, 2016a, p.33)

Todavia, esse recurso pedagógico, livro didático, não instiga essa prática da curiosidade epistemológica, então enquanto sugestão, destaca-se que deveriam ser inseridas expressões que fomentassem os discentes a pesquisar sobre a situação, para assim formar uma opinião crítica, pois não pode ficar restrito ao que o livro traz enquanto texto fomentador, ficando assim inserido numa política de educação bancária.

Portanto, nesse primeiro volume, foram encontrados mais de 100 gêneros textuais associados à EA/MA, no entanto, muitos serviram para ornamentar o livro didático, principalmente, no início dos capítulos, unidades e margens dos livros. Além disso, mesmo os textos sendo fartos para discussão, não foram aproveitados com profundidade, pois as perguntas eram introdutórias e não fomentam o raciocínio crítico e, conseqüentemente, transformações.

3. 2 Análise do segundo volume do livro didático de Língua Portuguesa

Após a análise do primeiro livro, fora verificado o segundo volume. Livro de 392 páginas, que seguiu a mesma linha de organização do primeiro volume, pois faz parte de um todo que a série Ser Protagonista. Enquanto característica tem-se um livro bem colorido, repleto de imagens e textos, bem como carregado de atividades.

Foram analisados todos os capítulos e unidades, assim foram catalogados 100 gêneros textuais, imagéticos e mistos relacionados à EA/MA. Foi elaborada uma tabela para assim fazer comentários mais pontuais acerca de cada gênero encontrado.

Após a tabela, serão realizados comentários mais específicos ao mais proeminentes gêneros e atividades, levando em consideração, necessariamente, os argumentos de autoridade fixados aqui nesta dissertação, sobretudo, Freire e Marcuschi.

TABELA 2: Análise do segundo volume do livro didático de Língua Portuguesa da coletânea Ser Protagonista, RAMOS, 2013 b.

	Título	Páginas	Seção	Temática	Crítica
01	Imagem O naufrágio, de William Turner.	12-13	Introdução à capítulo	Importância humana diante da supremacia da natureza.	Evidenciar que a natureza simbolizava estado de espírito. Claro que isso deve ser analisado com muita cautela.
02	Imagem As Montanhas Rochosas, de Albert Bierstadt.	14-15	Introdução à unidade	Natureza como cenário exótico para grandes temas românticos.	Apenas mostra mais uma vez a natureza como plano de fundo para as escritas literárias.
03	Imagem Cavalos Árabes lutando nos estábulos, de Eugène Delacroix.	16	Sua leitura	Retratar a postura animal e a relação com as características românticas.	Compara textos para mostrar as características românticas.
04	A liberdade conduzindo o povo, Eugène Delacroix.	18	Conceituação /exemplificação	Revolução francesa	Texto introdutório sobre a revolução francesa e a relação com o Romantismo. O ponto mais interessante é o hipertexto, pois destaca os direitos defendidos pelos revolucionários, podendo ser discutido em sala.
05	Protesto contra a devastação da Amazônia.	18	Ação e cidadania	Reivindicações sobre a defesa de direitos.	Fala sobre os ganhos políticos e sociais para as classes mais desprestigiadas. Essa seção mais uma vez consegue surpreender pela contextualização e promoção da reflexão.
06	Imagem O leitor de brevíário, a manhã, de Carl Spitzweg.	21	Conceituação /exemplificação	A harmonia da natureza e os ensinamentos da palavra.	Mostra a importância que a natureza tem na vida dos seres humanos.
07	Imagem O Jantar no Brasil, Jean-Baptiste Debret.	33	Conceituação /exemplificação	Retratar o cotidiano no Brasil da época.	A imagem é para mostrar o cotidiano e a partir dela pode-se fazer várias interpretações, uma delas está relacionada à questão da escravidão.
08	Imagem Batalha dos Guararapes, de Victor Meirelles.	35	Conceituação /exemplificação	Representar a batalha traçada entre portugueses e holandeses.	Contextualizar o período romântico. Poderia ser utilizado, assim como outros textos, para trabalhar essa relação de poder. Os conflitos são frequentes no mundo e também no processo histórico de construção do Brasil.

09	Canção do exílio	36	Sua leitura	Saudosismo da Pátria	Mostra a importância da terra natal para o eu-lírico.
10	Imagem Iracema, de José Maria de Medeiros.	38	Conceituação /exemplificação	Destacar o indianismo e o amor de Iracema por Martins.	Mais uma vez a natureza como destaque. Tanto como cenário, quanto pela personagem, uma índia.
11	Avatar	39	Sétima arte	Problematiza a questão de colonização baseada num filme, para assim relacionar com a realidade.	A inserção desse texto foi interessante, pois traz o cinema como ferramenta a fim de discutir o que acontecia no Brasil, à época do romantismo.
12	O Guarani, José de Alencar.	40-41	Sua leitura	Problematização do nativo e Europeu.	Há, por meio de algumas perguntas, um destaque a questão ética e moral por parte dos nativos.
13	Indianismo e identidade nacional	41	Ação e cidadania	Problematiza a participação do índio no romantismo brasileiros, bem como traz informações relacionadas a Funai.	O texto traz informações relevantes sobre a participação do índio na formação do povo brasileiro e a Funai como provedor da política de desenvolvimento sustentável da população indígena. Há uma comparação histórica interessante e provocadora de reflexão.
14	Imagem Ilha de Paquetá, de Marc Ferrez.	46	Conceituação /exemplificação	Cenário da obra A Moreninha	Mais uma vez a natureza sendo utilizada como plano de fundo dos romances brasileiros, neste exemplo, relacionado a ilha.
15	Imagem O violeiro, de Almeida Júnior.	50	Conceituação /exemplificação	Representar a vida interiorana	Demonstra como o meio (regiões do Brasil) influenciou a literatura.
16	O que você pensa disto?	53	O que você pensa disto?	Fala de personagens regionais	A seção é caracterizada por uma pergunta. Há indagação está relacionada a postura de superioridade no tocante à fala. Fala ainda da questão dos estereótipos.
17	Imagem Marabá, de Rodolfo Amoedo.	54	Conceituação /exemplificação	Miscigenação	Por meio de uma imagem, percebe-se a problematização que o artista que destacar: a miscigenação. Trata-se uma índia mestiça em uma determinada paisagem natural.
18	Fragmento da obra I-Juca Pirama.	56	Sua leitura	Relação entre pai e filho	O texto traz uma situação sempre atual que é a relação pai e filho. No fragmento, há a relação de autoritarismo e ameaça do

					pai para o filho. As perguntas relacionadas ao texto não falam de assuntos como respeito, harmonia, conselhos, tolerância, apenas tangencia esses assuntos.
19	O que você pensa disto?	57	O que você pensa disto?	Expectativa dos pais com relação aos filhos.	Na seção, há, antes de tudo, uma contextualização rica com a obra literária em análise – I-Juca Pirama -, para trazer a opinião do discente acerca da temática principal. Neste caso, são duas perguntas: Existe expectativa em nossa sociedade? e Os pais esperam que os filhos deem continuidade às suas tradições e seus valores? Com base nos textos e nas perguntas, podem ser realizadas várias reflexões, principalmente sobre valores, preferências, sociedade e, neste caso, a seção foi bem construída.
20	No lar, Casimiro de Abreu.	59	Sua leitura	Saudosismo	Há uma descrição acerca da natureza e valorização da pátria, porém as perguntas são bem simples, por exemplo, transcrição de versos encontrados no poema. Não desenvolvendo a capacidade crítica do aluno.
21	O que você pensa disto?	67	O que você pensa disto?	Aspectos negativos da cidade de São Paulo	Há uma contextualização da obra Macário, de Álvares de Azevedo, para falar sobre problemas infernais. Há uma pergunta e uma imagem ao lado – destacando o congestionamento da cidade de São Paulo. O aluno deve argumentar sobre tal situação. Neste caso, deverá ter habilidade para relacionar a literatura Romântica com um problema social bem atual.
22	Imagem Loja de rapé, de Jean-Baptiste Debret.	68	Conceituação /exemplificação	A submissão na qual era colocado o negro.	A imagem serve para introduzir a unidade, vem acompanhada de uma boa legenda. O interessante é a contextualização, pois serve para introduzir um escritor cuja preocupação era social, Castro Alves. A

					poesia de Castro Alves é muito próxima de princípios da educação ambiental política.
23	Fragmento do poema Vozes d'África.	69	Conceituação /exemplificação	Injustiça e crimes contra os negros africanos.	O fragmento textual faz parte de um conjunto de textos que destacam a injustiça sofrida pelos negros africanos.
24	Imagem de Navio Negreiro, de Johann Moritz Rugendas.	70	Repertório	Mostrar a situação degradante nos navios onde eram transportados os escravos.	As perguntas atinentes aos textos expostos nas seções são dedicadas as figuras de linguagem e significado de algumas palavras.
25	Imagem do Museu Afro-brasileiro.	71	O que você pensa disto?	Contribuição dos afrodescendentes para a formação de nossa sociedade e cultura.	A seção em questão traz algumas contribuições para o fomento da capacidade crítico-reflexiva dos discentes. Nesse aspecto está relacionada às ações necessárias para que a cultura negra fosse devidamente valorizada. Uma indagação que fomenta a pesquisa e reflexão, algo especial, sobretudo, nesse momento de debate acerca das culturas.
26	A condição social da mulher	77	Repertório	Explicar como, no século XX, a mulher era tratada.	O texto contextualiza a obra Senhora, de José de Alencar. Importante discussão do tratamento da mulher na sociedade.
27	Imagem Industrialização moderna, de J.F Horrabin.	86	Conceituação /exemplificação	Destacar o contexto social do Realismo. Fazer um diagnóstico da estética.	A imagem é bem marcante, evidencia o impacto que a indústria faz no meio ambiente. Além disso traz um texto que destaca as consequências do processo de industrialização, merece destaque: empresas, classes e sindicatos. Não há perguntas sobre o texto, mas ele traz determinada reflexão sobre o processo de industrialização.
28	Che	86	Sétima arte	Revolução cubana.	Há destaque para o socialismo científico de Karl Marx e a influência política.
29	Imagem Os quebradores de pedras, de Gustave Courbet.	89	Conceituação /exemplificação	O cotidiano da época.	A imagem e a legenda que acompanha são importantes para mostrar como era a vida das pessoas naquela época. A imagem serve de ilustração para contextualizar a estética realista, mas também

					mostra que quase nada mudou desde então.
30	Scientific American	91	O que você pensa disto?	Associação entre indústria e ciência no século XX.	Há uma discussão rica, pois há duas perguntas que faz o discente pensar muito antes de respondê-las. O destaque está na ciência. Grosso modo, ela serve ao interesse público ou aos grandes empresários e ainda se a linguagem é compreensível para os leigos.
31	Ação e cidadania	96	Ação e cidadania	Aborto	Traz a literatura pelo exemplo da obra de Eça de Queiroz: O crime do Padre Amaro. O objetivo é relacionar a literatura e um tema bem atual que é o aborto. A seção ação e cidadania funciona como um texto fomentador para reflexão e debate.
32	Fragmento de A cidade e as Serras, de Eça de Queiroz.	97	Conceituação /exemplificação	Atraso econômico e social	O texto traz a importância da escola, biblioteca e, portanto, livros. O quão importante é tudo isso para o social. Eça destaca na sua literatura que só por meio da visão política pode emancipar as classes subalternas.
33	Imagem de Ariano Suassuna.	99	O que você pensa disto?	Artista e sua contribuição para a política.	A seção está dividida em três partes, a primeira é um texto introdutório sobre a participação política de artistas do período Realista, a segunda etapa está direcionada as perguntas sobre a participação política dos artistas e, a terceira, uma imagem do escritor Ariano Suassuna. As perguntas são ricas, pois trata de política, algo pertinente a nossa sociedade.
34	Fragmento de O Caso da Vara, de Machado de Assis.	106	Conceituação /exemplificação	Agressão/ mandonismo escravocrata	Mostra o universo social à época do realismo brasileiro.
35	Ação e cidadania	106	Ação e cidadania	Instrumentos de tortura	A seção serve como subsídio para o texto literário de Machado de Assis (item 34). A finalidade é mostrar como os escravos eram torturados, para destacar mais a situação, foi colocado um link que traz

					informações sobre ações contra o trabalho escravo.
36	O que você pensa disto?	111	O que você pensa disto?	Prática da elite política brasileira.	São colocadas quatro perguntas. Estão relacionadas à política brasileira, prática, elite e discurso-ação. Questionamentos que fazem os jovens se posicionarem acerca da situação.
37	Fragmento de o Vagabundo, de Guy de Maupassant.	124	Uma leitura	História de um sujeito que não consegue emprego.	O fragmento ocupa quase toda a lauda, além disso vem acompanhado de sete pequenos textos para fomentar o entendimento e a crítica. Mostrando claramente como a sociedade se comporta diante da situação de miséria de outrem.
38	Imagem Carregamento de Carvão em mina nos Estados Unidos	125	O que você pensa disto?	A literatura realista e a experiência vivida pelo escritor.	O texto – tanto imagético como vocabular -traz informações sobre uma mina de carvão. Émile Zola trabalhou em uma por dois meses e relatou a experiência em seu livro Germinal. Fora relacionada a literatura e os aspectos do cotidiano sobre os aspectos a vida. Há um questionamento na seção que tangencia as questões sociais.
39	Imagem As lavadeiras, de Eliseu Visconti.	126	Conceituação /exemplificação	Cotidiano das pessoas pobres	Mais um exemplo por meio da pintura, para mostrar as mazelas sociais.
40	Da lama ao caos, de Chico Science e Nação Zumbi.	127	Conceituação /exemplificação	Cultura brasileira	Faz uma relação com o texto anterior da unidade (item 39). A intenção é relacionar os problemas vividos pelos cidadãos na sociedade, antes eram destacados na literatura, agora na música. (Não é possível saber se os autores tinham a intenção realmente de trabalhar a temática ambiental, levando em consideração os princípios políticos, porém há indícios pelas seções, mas deve ser destacado)
41	O berço da desigualdade, de Sebastião	128	Livro Aberto	O drama de pessoas em condições desumanas.	O texto é bem interessante, pois trata da desigualdade, sendo utilizado como elemento de

	Salgado e Cristovam Buarque.				contextualização para o Realismo brasileiro, para também relacionar as obras O Mulato e O Cortiço, de Aluísio Azevedo.
42	Manifestação conhecida como Parada Gay.	131	O que você pensa disto?	Homossexualismo	Há, na unidade, uma etapa que trata dos autores realista de pouca expressividade. Há destaque para Adolfo Caminha e seu livro, Bom Crioulo, cuja narrativa envolve a homossexualidade. Assim, para saber a opinião dos discentes foram inseridas perguntas sobre preconceito e manifestação.
43	Fragmento do Cidade de Deus, de Paulo Lins.	134	Entre textos.	Realismo/Naturalismo	Realidade brasileira, sobretudo, na especificidade naturalista, pois mostra o determinismo enquanto influência.
44	O que você pensa disto?	143	O que você pensa disto?	Moda e Publicidade	Há mais um questionamento interessante e provocador da crítica. A pergunta está relacionada à moda, se ela está a favor das pessoas ou da indústria. Deve ser destacado que antes há um texto motivador que fala, grosso modo, sobre as pessoas se desfazerem de objetos para seguir a moda.
45	O que você pensa disto?	148	O que você pensa disto?	Incentivo à cultura.	Na unidade disserta sobre o Parnasianismo e o príncipe dos poetas brasileiros, Olavo Bilac. Fala que o grande poeta recebia honrarias do governo, assim, a pergunta está relacionada ao investimento, pois o leitor concorda ou não com isso.
46	As canções da noite, de Alphonse Osbert.	152	Introdução à unidade	O aspecto fantasmagórico	Mais uma unidade que utiliza a natureza como parte da obra, mesmo sendo as almas o destaque.
47	As flores do mal, Charles Baudelaire.	155	Sua leitura	Obsessão	Usa a natureza como instrumento para construção da poesia.
48	O que você pensa disto?	159	O que você pensa disto?	Crítica de valores	O texto traz questionamentos sobre valores e hábitos, usando enquanto circunstância o simbolismo e o mal-estar que tomou a civilização.

49	O que você pensa disto?	163	O que você pensa disto?	A arte afastada do momento histórico	O texto faz uma relevante reflexão sobre a construção da poesia simbolista, pois ela não abordava questões políticas, econômicas e sociais. O texto é muito rico, uma vez que está bem relacionada ao princípio da EA política.
50	O que você pensa disto?	169	O que você pensa disto?	Racismo/cotas	Há destaque para o escritor simbolista Cruz e Sousa, pois pelo fato de ser negro não teve destaque. Diante do cenário, foi colocada uma discussão sobre o sistema de cotas e enquanto texto fomentador foi inserida a imagem da sessão no dia que discutiam no STF o sistema que reserva vagas para afrodescendentes.
51	Cartum Banco, de Bob Thaves.	182	Prática de linguagem	Práticas abusivas dos bancos	A prática de linguagem é concretizada por duas perguntas relacionadas ao gênero textual, mesmo relacionadas aos aspectos linguísticos, pode-se perceber a crítica ao que os bancos fazem com a população.
52	Revista Bravo	183	Prática de linguagem	Democracia	Foi utilizada a capa de uma revista, destacando o seguinte slogan: Conheça um Brasil onde a democracia era um sonho e sonhar era proibido. As quatro perguntas tangenciam mais uma vez os assuntos mais importante, nesse caso: liberdade, democracia, ditadura etc. As interrogações são sobre plano de fundo, contraste, anúncio publicitário e nível de linguagem.
53	Peixes	184	Língua viva	Seres vivos aprisionados	Faz uma bela analogia entre os animais que vivem presos e os seres humanos. As indagações, neste exemplo, estão direcionadas aos aspectos linguísticos de interpretação, bem como acerca da ideologia/temática, porque são destacados

54	Praia Grande tem invasão de águas-vivas.	186	Em dia com a escrita	Banhistas são atacados em praia Grande.	Nenhuma pergunta foi realizada sobre a temática. Foram todas relacionadas aos recursos coesivos, principalmente, hipônimos e hiperônimos.
55	Democracia: do espaço grego ao não espaço.	192	Prática de linguagem	Democracia eletrônica	Texto que traz informações relacionadas à democracia, agora, de maneira mais inovadora, pois fala da democracia por meio da internet. As perguntas mais uma vez incipientemente tratam do assunto principal, quando pede para ser dissertado sobre a expressão “pelo povo, para o povo”.
56	A pesca, Affonso Romano Sant’anna	193	Usina literária	A pesca	Texto que utiliza elementos da natureza como ferramenta de construção literária.
57	Sequência de trechos: Pessoas com deficiência; com açúcar ou sem açúcar? Lugar de criança é na cozinha.	197	Em dia com a escrita	Deficiência / Alimentação saudável/ Culinária infantil	Uma seleção de textos do gênero notícia, as temáticas são interessantes, porém as perguntas estão direcionadas a homônimas homófonas.
58	Rebelião contra o idioma forense, Bias Arrudão.	198	Articulando	Simplificação da linguagem jurídica	Texto fundamental para os estudantes, pois é sabido que muitos precisarão exigir os próprios direitos e cumprir os deveres, porém a linguagem jurídica nem sempre é de fácil acesso, sendo assim, o texto é essencial. Além disso, há perguntas e orientações para discussão. Proposta de trabalho pujante.
59	Gírias, de Dino Preti.	199	Articulando	Gírias e grupo social	Para demonstrar que não há apenas um tipo de linguagem, foi colocado, após o texto que fala sobre “o juridiquês”, um texto que mostra as possibilidades de variação da linguagem. Ademais, podem ser destacadas as perguntas, pois mesmo básicas, são relevantes.
60	Saneamento Básico, o filme, direção de	205	Sétima arte	Tratamento do esgoto	A seção está inserida na unidade substantivo, por isso não teve grande destaque, exceto pelo que

	Jorge Furtado.				estava nomeando. Conquanto, o texto é bem interessante, envolve a educação ambiental tradicional e política.
61	Número de divórcios no Brasil cresce 45,6 em 2011, por Nielmar Oliveira.	220	Conceituação /exemplificação	Divórcio	O Texto traz informações sobre a mudança da lei, mas se o número aumentou, qual foi realmente a causa? Outras indagações poderiam ser feitas além dessa.
62	Tirinha Hagar, o Horrível, de Dik Browne.	221	Prática de linguagem	Exploração	São três quadros, a tônica está relacionada a um funcionário que questiona o pagamento. Ele trabalha há seis anos, porém nunca recebeu salário. Tema importante para ser debatido, no entanto as perguntas giram entorno da gramática, sobretudo, artigo e numeral.
63	Aos seus pés, revista Sesc.	224	Em dia com a escrita	Praças	O texto traz informações a importância das praças na Zona Oeste de São Paulo. As perguntas que seguem o texto estão relacionadas aos aspectos gramaticais.
64	Fragmento de reportagem do jornal Correio brasileiro.	225	Em dia com a escrita	Previdência	O texto aborda um ponto importante que é a previdência social. Fala de Joel, homem que não conhecia a previdência. As perguntas sobre o texto renteiam a temática, apenas isso.
65	Ação e cidadania	225	Ação e cidadania	Carteira de trabalho FGTS 13º	Tema interessante, mesmo de cunho histórico. Principalmente para uma reflexão sobre os direitos conquistados.
66	Crianças da Índia vasculham o tóxico lixo eletrônico, de Elizabeth Roche.	232	Língua viva	Pobreza crônica da Índia	Reportagem que é favorável para uma discussão pautada nos preceitos da educação ambiental política, mas serviram de pretexto para o ensino de gramática.
67	Cartum Os pescoçudos, por Caco Galhardo.	243	Em dia com a escrita.	Título de eleitor	Cartum vem acompanhado de quatro perguntas, uma delas com o hipertexto. As perguntas C e D são satisfatórias para uma reflexão.
68	Fragmentos Textuais: Dicionário de	245	Articulando o valor social da escrita.	A importância da escrita.	A proposta de resolução das questões é consentânea aos princípios da EA política. São duas

	linguística e gramática: referente à língua portuguesa, de Joaquim Mattoso Câmara Jr; Alfabetização e linguística, de Luiz Carlos Cagliari; Linguagem, escrita e poder, de Maurizio Gnerre.				perguntas, porém subdivididas em oito tópicos, a primeira com seis e a segunda com dois. As perguntas devem ser resolvidas em grupo, dando destaque para as diferentes opiniões.
69	Superalongamento, de Jacqueline Lysyia,	250	Conceituação /exemplificação	Correção de postura	Fala sobre postura, falta de exercício e envelhecimento. As perguntas são de interpretação, trazendo também um pouco da temática de maneira crítica.
70	O Brasil das placas: viagem por um país ao pé da letra, por Camargo e Soares.	262	Conceituação /exemplificação	Proteção ambiental	Não há perguntas, mas o texto em si, o texto auxiliar e o texto conceitual são bastante enriquecedores. Há um enfoque para locução verbal e verbos auxiliares, mesmo assim a temática do meio ambiente é bem evidenciada.
71	Juiz Solta Hackers, mas exige que leiam obras clássicas.	262	Conceituação /exemplificação	Liberdade provisória	Mais uma vez os verbos sendo destaque na unidade, há uma temática importante sobre pena alternativa. Os textos auxiliares são fomentadores.
72	Estado americano de Connecticut abole pena de morte, por Globo Online.	267	Conceituação /exemplificação	Pena de Morte	O texto em si é ignorado, não há nada relacionado à temática, apenas o texto é utilizado como pretexto para trabalhar gramática. O verbo abolir é o destaque.
73	Por religião, federação proíbe atletas de receberem prêmio, por folha de São Paulo.	269	Prática de linguagem	Religião	Mais um tema relevante que não é debatido, não é utilizado como ferramenta de estímulo ao debate e crítica.
74	'Inflação ameaça ficar incômoda',	270	Língua viva	Inflação	Aparentemente, a inflação não é um assunto interessante para os

	diz economista da Fipe.				estudantes, porém deve sim ser discutido.
75	Tabagismo passivo, via Ministério da Saúde.	272	Em dia com a escrita	Tabagismo	O texto traz informações sobre o tabagismo passivo, assunto que deve ser sempre problematizado no ambiente escolar, porém as perguntas não são voltadas para reflexão e crítica. Elas estão voltadas para um procedimento de copiar e colar fragmentos textuais.
76	Obrigado por fumar, direção de Jason Reitman.	272	Sétima arte	Comédia crítica sobre o uso de cigarros	Trata-se de uma sinopse do filme Obrigado por fumar. Com muita atenção, mesmo sendo um pequeno texto, pode ser percebido uma crítica a hipocrisia.
77	Lei antifumo pelo Brasil, via Governo Federal.	273	Em dia com a escrita	Lei Federal 9394/1996	Informações sobre a proibição de espaços direcionados a fumantes, fiscalização e multas. Perguntas que estimulam a argumentação.
78	Coletânea de Títulos de Reportagens online: Blog para a adoção de animas, via diário do litoral; Coreia do Norte possivelmente prepara teste de míssil, por Estadão; Dica de segurança: cinto de segurança, por Diário Pernambucano*. (Títulos foram abreviados)	277	Conceituação /exemplificação	Informações sobre animais, teste de míssil e cinto de segurança.	São quatro textos, porém três estão diretamente relacionados à EA política. São temáticas interessantes, porém voltadas apenas para as questões gramaticais.
79	Desmonte as armadilhas que fazem você desistir da dieta, por	278	Prática de linguagem	Dieta	Dieta é um assunto importante para todos que procuram melhorias na qualidade de vida. O texto foi retirado da revista Ciência e Saúde, bem conciso. As perguntas

	Suzana Esper.				relacionadas ao texto são direcionadas à gramática.
80	O poder das palavras, por Arin Belinky.	282	Língua viva	Sustentabilidade; Responsabilidade social; e Marketing (stakeholders)	O título do texto passa a ideia que tratará de assuntos relacionados aos significados ou mesmo importância das palavras, realmente faz isso, porém trazendo informações sobre sustentabilidade, responsabilidade e o compromisso das empresas diante destes assuntos. Uma abordagem especial, precipuamente, porque trata dos assuntos significativos do texto. A temática é, de fato, abordada.
81	Ação e cidadania	283	Ação e cidadania	Sustentabilidade	A seção é contribui com o conteúdo destacado em outros textos da unidade, pois foi enfatizada a questão da sustentabilidade. Na seção, predomina a tipologia injuntiva, pois orienta para ações sustentáveis. Neste aspecto, o livro segue alguns princípios destacados nos PCNs de Meio Ambiente.
82	Consciência Ecológica, a chave do sucesso de Itacaré, por O Estado de São Paulo.	283	Língua viva	Ecoturismo e preservação ambiental	O texto foi utilizado como subterfúgio para abordar as questões gramaticais, porém a unidade estava com bons textos que tratavam de assuntos ambientais. Trata-se de um bom texto e para ser analisado, o discente deve ter orientação do professor ou ele mesmo pode fazer as próprias reflexões.
83	Barbárie e cidadania, por José Geraldo Couto.	294	Prática de linguagem.	Confronto entre torcedores.	O texto trata de um dos problemas que mais acontece no Brasil, problema entre torcidas, todavia mais uma vez serve para análise dos pontos relacionados à gramática.
84	A internacionalização do mundo, Cristovam Buarque.	302	Língua viva	Internacionalização da Amazônia	Texto bem construído e provocador. Fala, entre outros assuntos, da internacionalização da Amazônia. As perguntas, mesmo não sendo profícuas, são interessantes para algumas reflexões.

85	Fragmentos de dois textos: Cadernos de Educação Básica: série institucional 9, por Pinshy e Pahim; Imagens e estereótipos do Brasil em reportagens de correspondentes internacionais.	306-307	Articulando	Preconceito; generalizações; estereótipos.	São várias as proposições em ambos os textos. São ricos, pois tratam de assuntos relacionados à nossa sociedade. Mostrando, por meio de palavras, problemas internos e complexos da população. As perguntas também são interessantes e algumas saem do lugar-comum. Devem ser respondidas em grupo formado por quatro componentes.
86	Zé Peixe	328-329	Leitura	Zé Peixe, lendário prático.	O texto conta a história de um prático, indivíduo que ajuda os comandantes a conduzir os navios na entrada e saída dos portos. Zé Peixe fazia isso, obviamente, no mar. Dois fatores são importantes no texto: a idade de Zé Peixe e as questões ambientais. O prático fazia isso 80 anos, nadando cerca de 10 quilômetros por dia e pulando de navio com mais de 40 metros. No que se refere ao meio ambiente, pode ser destacado o manguezal sendo destruído para construção de edifícios.
87	Ação e cidadania	330	Ação e cidadania	Hábitos saudáveis	Fala sobre os hábitos saudáveis de Zé Peixe, mas também aproveitam para destacar os maus tratos aos idosos. Texto que provoca reflexões sobre os idosos.
88	Dengue (medicina), Enciclopédia e dicionário koogan Houaiss.	336	Leitura	Dengue: histórico, sintomas, tipos, tratamento, prevenção e a situação no Brasil.	O gênero a ser trabalhado na unidade é o artigo enciclopédico. O assunto é muito importante, pois está diretamente relacionado ao meio ambiente. A pergunta número dois é bem interessante, pois permite a opinião do estudante sobre o tema.
89	Direitos Humanos,	342	Leitura	Valores morais e éticos,	Texto rico e perguntas pertinentes. Perguntas que

	por Antonio Carlos Olivieri.			direitos e problemas e violações gravíssimas.	trabalham na perspectiva crítico-emancipatória.
90	Tropicalismo	346	Entre o texto e o discurso	Movimento tropicalismo; Música Popular Brasileira; Regime Militar; e política.	Mostra como o movimento tropicalismo foi importante, pois não se tratava apenas de música, mas também de políticas e do social.
91	Conjunto de textos com uma mesma finalidade: Resíduos Sólidos em Fortaleza, por O Povo; e O que fazer com o entulho da reforma ou construção? por O Povo.	352-353	Leitura	Resíduos sólidos; política nacional; reciclar; e legislação.	Textos imprescindíveis para levar conhecimento para os discentes. Saber que o "lixo" é algo bastante complexo e pode ser um grande problema. Sobre as perguntas, são relacionadas a ambos os textos, propondo também para os discentes justificarem sobre o assunto. A proposta é muito rica.
92	Ação e cidadania	354	Ação e cidadania	Construção de uma sala de aula com material reciclável	O objetivo é mostrar que ações sustentáveis podem estar presentes em "qualquer lugar".
93	Voto facultativo, por folha de São Paulo.	356	Entre o texto e o discurso	Política; Representantes da população; voto compulsório.	O texto problematiza o voto no Brasil, dissertando que é um dos raros países do mundo onde vigora o sistema de voto compulsório. A pergunta de número três (3) referente ao texto está relacionada a saber a opinião acerca do voto opcional ou obrigatório. Interessante abordagem, pois o estudante precisa se posicionar diante das situações.
94	Ação e cidadania	359	Ação e cidadania	Violência doméstica	O destaque é para Lei Maria da Penha. Sendo evidenciado que o problema de violência doméstica não é exclusivamente de ordem criminal, porém sim também social.
95	Célula-tronco, por Jornal da Cultura.	368	Leitura	Célula-tronco embrionária.	São nove perguntas relacionadas ao texto. Muitas possibilitam a opinião dos discentes.
96	Liberação da pesquisa	371	Repertório	Lei de Biossegurança	O texto amplia a discussão sobre células-tronco embrionárias, uma vez que

	com células-tronco embrionárias.				mostra também os aspectos jurídicos, além de discutir sobre a importância no tocante as doenças degenerativas.
97	Audiência pública sobre violência na escola, fala de Iann Evanovick.	377	Leitura	Violência na escola; Problemas nas escolas; e investimento.	O objetivo do texto é demonstrar uma fala em audiência pública. O tema escolhido foi bem interessante: violência nas escolas.
98	Fotografia da Reforma organizada por voluntários do Projeto Mãos que Ajudam na Escola Estadual Flávia Vizibelli Pirro.	380	Produzir uma fala em audiência pública.	Escolha de tema relevante para audiência pública.	A proposta é magnífica, pois estimula a comunidade escolar a propor, mesmo que teoricamente, assuntos para audiências públicas.
99	Casa da pessoa – museu da comunidade.	384-385	Projeto 1	Memória social da comunidade	Trata-se de uma seção nova, direcionada à construção de trabalhos coletivos. Neste exemplo, as equipes serão formadas e haverá a divisão das atividades. O objetivo é criar o museu da comunidade
100	Revista literária da comunidade	386-387	Projeto 2	Escritores da localidade	Projeto importante, porque traz mais uma vez um trabalho coletivo, levando em consideração fatores importantes da localidade.

FONTE: O Autor/2018.

Assim, foram catalogados 100 gêneros dos mais variados, os quais estão utilizados de diversas formas nas vinte e quatro (24) seções registradas. Entre estas, destacam-se, no aspecto quantidade, “O que você pensa disto”, com 14 textos; depois a seção “Explicação” – utilizada para explicar o conteúdo –, foram encontrados 13 exemplos; no segmento “Ação e cidadania” foram encontrados 9 exemplos.

Vejamos algumas mais pertinentes no sentido da reflexão, mesmo sendo consideradas por Marcuschi como o tipo de pergunta a qual exige resposta que fica por conta do aluno, não podendo ela ser testada em sua validade. Tomando em consideração o que está na página 57, seção “O que você pensa disto?”, após uma atividade sobre o texto “I-Juca Pirama”, foi colocada a indagação: “Existe essa

expectativa em nossa sociedade?”. Ela é complementada por outro questionamento: “Os pais esperam que os filhos deem continuidade às suas tradições e aos seus valores?”. Essas perguntas mesmo não sendo possível aferir no sentido de nota, pois o discente pode dar uma resposta bem objetiva e não muito reflexiva, pode sim levá-lo a refletir sobre as tradições, sobre determinados valores, pois se sabe que honra e respeito à família pode não ser muito comum, mas persiste e, sempre que possível, deve ser fomentada. Claro, essa promoção do debate deverá ser fomentada pelo professor, pois o livro não traz perguntas que façam o debate ser desenvolvido. Mas se estimulada pode seguir o que propões Freire:

Nesse sentido, a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. Como situação gnosiológica, em que o objeto cognoscível, em lugar de ser o término do ato cognoscente de um sujeito, é o mediatizador de sujeitos cognoscentes, educador, de um lado, educandos, de outro, a educação problematizadora coloca, desde logo, a existência da superação da contradição educador-educandos. Sem esta, não é possível a relação dialógica, indispensável à cognoscibilidade dos sujeitos cognoscentes, em torno do mesmo objeto cognoscível. (FREIRE, 1987, p.46).

Então, importante que os professores fiquem atentos às questões cidadãs no livro didático, pois este recurso é bem incipiente, principalmente, quanto relacionadas as indagações. Nessa mesma perspectiva de ensino-aprendizado voltado para a reflexão e obrigatoriedade de inserção no livro didático argumentam Val e Marcuschi: “(...) de natureza metodológica, de acordo com o qual as obras devem propiciar situações de ensino-aprendizagem adequadas, coerentes e que envolvam o desenvolvimento e o emprego de diferentes procedimentos cognitivos (como observação, análise, a elaboração de hipóteses, a memorização)” (2008, p.50).

Na página 71, também na seção “O que você pensa disto? há destaque para a cultura negra, sendo perguntado o seria necessário para essa cultura ser valorizada. Trata-se de um gênero misto, há um pequeno texto introdutório, depois a indagação, sendo que ao lado há uma imagem – representação do interior do Museu Afro-brasileiro⁴⁸. No contexto que isso foi realizado, pode-se, de fato fazer uma reflexão

⁴⁸ A questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a *assunção* de nós por nós mesmos. É

profunda acerca da importância do negro na sociedade brasileira, além disso pode ser destacada a questão da miscigenação e assim rechaçar a ideia de preconceito tão forte na sociedade. Esse exemplo é um dos poucos que por si só provocar muita reflexão, sendo daquela perspectiva ideológica que eventualmente aparece e é problematizado, nas palavras de Val e Marcuschi:

Dentre os diferentes temas abordados no estudo dos livros didáticos considerados em si mesmos, a análise de conteúdos ideológicos é o menos expressivo (4%). É importante destacar, porém, a forte atenção ao estudo de questões ligadas à raça, sobretudo aos modos de representação do negro no livro didático. (VAL; MARCUSCHI, 2008, p.23)

No livro, na página anterior (70), há destaque para esse tema “escavidão”, mas fazendo parte da seção “Repertório”, já na página 106, seção “Ação e Cidadania”, há destaque para as formas de tortura com os negros, sendo que na página 111 a temática é novamente suscitada. Assim é comprovado o que foi dito por Val e Marcuschi, o tema ligado à raça é um pouco mais frequente que os outros; claro, isso não é ruim, muito pelo contrário, é bastante interessante, pois o preconceito, sobretudo, racial ainda é muito presente na nossa sociedade, sendo assim o livro didático é um excelente instrumento formador de opinião para o mais justo, cumprindo, portanto, o que destaca a Lei nº 9795/99, no seu artigo 5º:

São objetivos fundamentais da educação ambiental: I - o desenvolvimento de uma compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos e VII - o fortalecimento da cidadania, autodeterminação dos povos e solidariedade como fundamentos para o futuro da humanidade. (BRASIL, 1999, p.1)

Na página 124, seção “Uma leitura”, há um conto, intitulado “O vagabundo”, a temática está relacionada ao desemprego. O texto traz a questão de maneira bem triste, pois mostra miséria, a injustiça, a fome, temas que merecem ser levadas à tona, pois são situações que devem ser mitigadas, claro, levando em consideração o que põe os princípios da EA. No entanto, o texto serve para serem destacadas algumas

isto que o puro treinamento do professor não faz, perdendo-se e perdendo-o na estreita e pragmática visão do processo. A experiência histórica, política, cultural e social os homens e das mulheres jamais pode se dar “virgem” do conflito entre as forças que obstaculizam a busca da *assunção* de si por parte dos indivíduos e dos grupos e das forças que trabalham em favor daquela *assunção*. (FREIRE, 2016b, p.42)

questões da estética Naturalista. Seguramente, um professor bem instruído trabalhará o conteúdo, assim, mais uma vez, percebe-se que há bons textos, o que não há é ênfase a esse texto, porque só aparece como algo complementar, bem como outros tão importantes aparecem. Trata-se de um texto que pode ser discutido à luz do que é apontado na resolução nº 2, de 15 de junho de 2012.

Uma sinopse do Ensaio Fotográfico “O berço da desigualdade”, de Sebastião Salgado, é destacado na seção “Livro aberto”, etapa que serve para subsidiar ou contextualizar o assunto principal, no caso em questão, refere-se ao Naturalismo, estética literária importante da unidade. Dois pontos merecem destaque, o primeiro – positivo - está relacionado à inserção da seção, pois traz mais conteúdo para o debate, o segundo – negativo – pois apenas cumpre, no limite estrito das palavras, o que está posto no PNLD, mas não há aprofundamento. Analisando o Guia de Apresentação, encontramos “as potencialidades das obras para abordagem interdisciplinar de temas, com vistas à consecução de propostas integradas, que considerem: as lutas sociais por direitos e pela superação das formas de violência, discriminação, racismo e preconceito.” (GUIA de LIVROS DIDÁTICOS, apresentação, 2014a, p.21). Então, percebe-se, incontestavelmente, que o conteúdo é inserido, mas não detalhado, cumpre parcialmente o que está no artigo 35 (trinta e cinco) da 9394/96 (LDBEN), pois o ensino médio terá como finalidade “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL, 1996, p.12)

Na página 183, seção “Prática de Linguagem”, há cinco (5) questões, sendo a última bastante pertinente ao que se investiga aqui, para melhor visualização, vejamos:

5. Examine o texto a seguir, extraído de uma propaganda.

Votar para presidente, expressar sua opinião sem medo, manifestar posições políticas contrárias ao governo, entrar e sair do país livremente. O que hoje parece tão simples e natural marcou toda uma geração que sofreu com a repressão num passado não distante. Conhecer a luta do povo brasileiro para recuperar a democracia é a melhor forma de impedir que erros do passado se repitam no futuro.

- Como a fotografia que compõe o fundo da propaganda se relaciona ao *slogan* (escrito em letras maiores, com fundo azul)?
- Observe o contraste entre as cores da foto e as do logotipo no canto inferior direito da propaganda. Que efeito esse contraste produz?
- Qual parece ser a finalidade desse texto? Em que ele se diferencia de um anúncio publicitário? Explique.
- Em que nível da língua você precisou analisar a propaganda para responder às questões anteriores? Justifique.



FIGURA 5: Exercício acerca de uma propaganda

Fonte: Segundo volume da coleção SER PROTAGONISTA; RAMOS, 2013b

Trata-se de uma questão elaborada com a finalidade de trabalhar a linguagem, sobretudo, relacionada à propaganda (publicidade). As perguntas não são direcionadas aos assuntos como democracia, liberdade e ditadura, o que acontece mesmo é uma abordagem pouco preocupada com as questões ideológicas. Todavia, há algumas informações que são bem importantes, mas não são problematizadas no próprio livro, precisaria de mediador, por exemplo, professor, ou ainda estudantes que já tenham passado por um processo de crítica apurada das temáticas. A questão, como visto anteriormente, traz uma imagem alusiva à democracia e uma espécie de “caixa de diálogo” que destaca a importância da democracia para a sociedade, que está arrolado no artigo 12 (doze) da Resolução Nº 2, de 15 de junho de 2012.

Mesmo não havendo uma quantidade expressiva, a seção “Sétima arte” é bastante interessante pela proposta de divulgação de informações ideológicas. Na página 205, há “destaque” para o filme “Saneamento básico”, direção de Jorge Furtado. Como em outras situações do livro, essas temáticas são usadas como pretexto para trabalhar o texto, a literatura ou gramática, não para discutir o texto e fomentar a crítica. A sinopse (texto e figura) aparecem à margem direita da página, passando a ideia de algo complementar, não há uma pergunta sobre as questões textuais ideológicas, serve apenas para trabalhar os substantivos e as questões gênero e sexo. Esse texto, bem como o filme - que não parece no livro didático físico,

pois não é do suporte do livro –, assim como destacado em “Livros didáticos de língua portuguesa: letramento, inclusão e cidadania”:

Uma coisa esses textos têm em comum, dadas as limitações – agora sim, de suporte – dos LDP: são gêneros que exigem textos breves, como charges, tirinhas, poemas lettras de canção, páginas de internet, notícias; ou então são excertos ou adaptações de textos maiores (reportagens, artigos de opinião, contos), raramente encontrados na íntegra. São também, em geral, multimodais, dada a ênfase na mídia impressa e nas novas tecnologias de comunicação. Fotos, imagens, infográficos, ilustrações, reproduções de obras de artes plásticas acompanham, em geral, textos verbais e, muitas vezes, nessas duas obras, as linguagens não-verbais são também exploradas e estudadas. O suporte por livro, por sua natureza, exclui sons e imagens em movimento, mas imagens estáticas são recorrentes. (VAL E MARCUSCHI, 2008, p.101)

Sabe-se que o suporte (livro de papel) não pode trazer imagens em movimento, deveria sim haver uma orientação para o docente assistir ao filme com os discentes e fazer ampla discussão, pois saneamento é algo muito importante e a ausência provoca enormes problemas, no entanto, o que há é uma figura colada na página do livro didático, sem muita alusão a essa temática como algo que acontece muito no nosso país, servindo o texto, portanto, como algo direcionado à informação memorização, algo criticado por Freire, pois não podemos “formar” estudantes para conhecer, mas sim para fazer, lutar para ver melhorias na comunicada, saber correlacionar as questões teóricas a maneira como deve ser aplicada, mas no livro há uma sucinta mensagem. Segundo Freire:

O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – não percebe, quando realmente existe, nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. (FREIRE, 2016a, p.29)

Desta forma, não se pode colocar questões importantes, por exemplo, saneamento básico apenas como um acessório, isto é, um pretexto para trabalhar gramática, deixando assim a questão ambiental inutilizada. Ficando mais uma vez a obrigação de ser trabalhada pelo educador, porém, nem sempre há docentes que reforcem a curiosidade e crítica do educando.

Esse gêneros e atividades mereciam mais alguns comentários, além daqueles que apareceram na tabela correspondente à análise do volume. Destaca-se aqui a necessidade de a inserção de mais gêneros com essas temáticas, bem como outras relacionadas à sociedade, mas sim discutida de maneira profícua, pois as questões estruturais merecem estar em pauta. O que se percebe são seções complementares, aparentemente sem muita importância, pois vem no rodapé ou às margens das páginas, passando também uma ideia de adorno que, de fato, muitas vezes são, principalmente quando colocam árvores, flores e alguns animais. Espera-se que os livros didáticos estejam repletos de gêneros textuais que tragam questões políticas, sociais e ambientais, mas promovam - aí entra a questão da qualidade - a reflexão acerca dos problemas e, de tal forma, não seja fomentada a ideia de ingenuidade dos textos no livro didático. É preciso que os livros estejam recheados de qualidade, para fomentar nos educandos novas posturas, para assim haver transformação da sociedade e, portanto, do mundo.

3. 3 Análise do terceiro volume do livro didático de Língua Portuguesa

Após análise dos dois primeiros volumes, serão realizados alguns apontamentos acerca do terceiro volume. Seguramente, à luz dos teóricos já apontados e sempre enfatizando os gêneros textuais e atividades mais importantes. A seguir, será apresentada uma tabela com todos os gêneros atinentes à EA/MA, nela há uma sucinta análise de 68 gêneros encontrados, os quais estão disseminados em várias unidades e seções.

TABELA 3:Análise do terceiro volume do livro didático de Língua Portuguesa da coletânea Ser Protagonista, Ramos, 2013c.

	Título	Páginas	Seção	Temática	Crítica
01	Colonos (ou Ciganos), de Di Cavalcanti.	12 e 13	Introdução à capítulo	Destacar o Modernismo.	O meio ambiente mais uma vez é colocado como plano de fundo da imagem.
02	Fragmento de “Os Sertões”, Euclides da Cunha.	26	Sua leitura	Arraial de Canudos.	Mostra a situação de opressão de maneira bem destacada. Ênfase na destruição das casas. Algo que acontece muito nos dias atuais. As perguntas fomentam discussão sobre as questões políticas sociais e que estão relacionadas ao meio ambiente.
03	Fragmento de “Cidades mortas”, de Monteiro Lobato.	28	Conceituação /exemplificação	Mazelas sociais.	Texto provocador, pois destaca mazelas e dramas morais.
04	Jeca Tatu e suas transformações, de Monteiro Lobato.	28	Repertório	O camponês impotente contra o latifúndio.	Tema interessante sobre a EA política, pois mostra como alguns têm muitos e muitos têm bem pouco.
05	Fragmento de “Urupês”, de Monteiro Lobato.	29	Sua leitura	A questão humana.	Das quatro (4) indagações, três (3) estavam direcionadas à temática: civilização, governo e miscigenação. Questões bem interessantes.
06	A questão racial na ficção de Lima Barreto.	30	Repertório	Preconceito racial	Texto complementar bastante interessante. Mostra a dificuldade de o protagonista negro conseguir emprego e enfrentar a situação de miséria. Não há perguntas acerca do texto, porém é muito rico e atual, podendo ser amplamente discutido.
07	Fragmento de “Triste fim de Policarpo Quaresma”, de Lima Barreto.	31	Sua leitura	Agricultura e nacionalidade.	A questão da nacionalidade é mais destacada na obra, porém a da agricultura é bem mais notória. Mostra a riqueza do Brasil nessa perspectiva.
08	A questão das raças na literatura pré-modernista.	34 e 35	Ferramenta de Leitura	Teorias raciais e teorias evolucionistas.	Texto e perguntas problematizam. Há uma discussão voltada para superioridade das raças.
09	Guardador, Antônio João.	36	Entre textos	A informalidade.	Texto interessante, além do conteúdo rico e reflexivo, traz ao seu lado dois textos que auxiliam na formação do conhecimento sobre a

					informalidade e os problemas atinentes, para isso usou como exemplo o guardador de carros. Ainda há uma imagem bastante contextualizada sobre a situação.
10	Fragmento de Obra Poética, de Fernando Pessoa.	48	Conceituação /exemplificação	O rio enquanto temática da poesia.	Não há perguntas sobre o texto, serve apenas para mostrar a importância de Fernando Pessoa – escritor português -, porém o texto explicativo mostra algo muito importante: valorização de algo da comunidade, o rio da aldeia. Mesmo que subliminarmente, a literatura (língua portuguesa) contribui para preservação do meio ambiente ou para a valorização.
11	Chuva oblíqua, de Fernando Pessoa.	50	Conceituação /exemplificação	Elementos da natureza utilizados para a produção da poesia.	O texto e a explicação trazem informações que colocam em destaque a importância da paisagem na alusão de sensações e sentimentos.
12	Conjunto de textos com uma mesma finalidade: destacar a inserção do automóvel na sociedade. O primeiro é chamado de A era do Automóvel, de João do Rio; o segundo, A Pane, de Friedrich Durrenmatt.	58 e 59	Entre Textos	Mostrar as inovações dos transportes, bem como os problemas decorrentes delas.	O enfoque é no transporte, sendo o destaque o automóvel. São dois textos interessantes, o primeiro além de destacar o automóvel como transporte, evidencia os impactos que ele causou na sociedade, por exemplo, mortes e a devastação da natureza. O segundo, destaca a questão do acidente e a dependência que o homem passou a ter das máquinas.
13	Imagem Samba, de Di Cavalcanti.	63	Sua leitura	Retratar a cultura popular.	A imagem está associada a um texto. Foi feito um questionário sobre eles, sendo as perguntas bastante reflexivas sobre a cultura e as pessoas que estavam envolvidas na cena retratada.
14	Imagem O batizado de Macunaíma, de Tarsila do Amaral.	71	Conceituação /exemplificação	Retratar o índio.	O texto é interessante pela conjuntura modernista, mas sobretudo por destacar a importância do índio, colocando como exemplo Macunaíma.

15	Fragmento de Macunaíma, de Mário de Andrade.	72	Sua leitura	O índio Macunaíma.	Destacar não só a importância do índio para a sociedade, mas também evidenciar a cultura indígena tão rica e precursora de vários princípios que seguimos.
16	Vou-me embora para Pasárgada.	73-74	Sua leitura	Habitação.	O texto é utilizado como introdução para outro assunto: habitação. Assim, são colocadas duas imagens que fazem a pessoas pensar sobre moradia e dignidade.
17	Conjunto de textos: À ilha de Maré termo desta Cidade da Bahia; Marginália e Sargento Getúlio.	86-87	Entre Textos	Passado cultural	Os textos trazem informações relacionadas à natureza como habitat; à resistência da natureza diante do progresso; e às dificuldades que os indivíduos passam no dia a dia. Estão relacionados e são complementados por outros textos, portanto, contribuição rica para o ensino da educação ambiental.
18	Imagem Os Retirante, de Cândido Portinari.	90	Sua leitura	Representar a situação de uma família de retirante.	A imagem é impactante e chama atenção por representar, mesmo que não seja propositalmente, os problemas de desigualdade social.
19	Fragmento de A bagaceira, de José Américo de Almeida.	91	Sua leitura	Destacar o horror da seca.	As perguntas, relacionadas ao texto, tangenciam o conteúdo principal, mesmo assim são importantes.
20	Fragmento de Vidas Secas, de Graciliano Ramos.	96	Uma leitura	Abuso de poder.	A cena evidencia como algumas autoridades abusam do poder que tem. Na cena é destacado o abuso que Fabiano sofreu, pois foi preso sem motivo algum.
21	Fragmento de Capitães de Areia, de Jorge Amado.	97	Ler (o modernismo da segunda fase)	Crítica às questões sociais.	O enfoque é dado à greve. As perguntas são relacionadas à temática, mesmo não sendo geradoras de debate e discussão.
22	Fragmento de O quinze, Rachel de Queiroz.	99	Sua leitura	Retirantes e a seca.	O texto mostrar os problemas da seca e o ataque direto aos seres vivos. Das três (3) perguntas realizadas, apenas uma (1) aborda o assunto, superficialmente.

23	Ação e cidadania	99	Ação e cidadania	Seca e progresso tecnológico.	Traz uma reflexão sobre a questão da seca e o uso da tecnologia para possibilitar a permanência da população na região.
24	Seca em Canindé	107	O que você pensa disto?	Seca nas obras de Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos.	A seção traz um breve texto fomentador e uma imagem sobre a seca. Em seguida, uma pergunta sobre o que o governo deveria e a sociedade civil poderiam fazer em relação a grave situação da seca.
25	O que você pensa disto?	111	O que você pensa disto?	Oportunidade de trabalho.	Há três perguntas sobre a temática trabalho. Elas tentam contextualizar, mas o que chama mais atenção é a indagação sobre oportunidade profissional, pois é um momento que para responder, o estudante deve analisar com bastante atenção.
26	Carta a Stalingrado	114	Sua leitura	Guerra	Uma poesia que trata da Batalha de Stalingrado. Destaque para os problemas que ela causou aos cidadãos.
27	A Batalha de Stalingrado	114	Repertório	Resultado da Batalha.	O destaque é para o número de mortos: 1,5 bilhão.
28	Cena do filme Círculo de fogo.	115	O que você pensa disto?	Destruição e construção de um novo mundo.	Há perguntas direcionadas a saber se o estudante concorda com destruição de um mundo para a construção de outro.
29	Ação e cidadania	118	Ação e cidadania	Condição da vida dos negros	Traz a informação sobre o negro. Segundo o Censo de 2010, os brancos estão em maior número no Ensino Superior e recebem salários mais altos.
30	Inscrição, de Cecília Meireles.	121	Sua leitura	Percurso da vida.	A natureza como ferramenta de construção da poesia.
31	Rosa de Hiroshima, de Vinícius de Moraes.	123	Sua leitura	Ataque nuclear à cidade de Hiroshima.	Poesia interessante, pois ataque nuclear é sempre algo aterrorizante e deve ser discutido. As perguntas não fomentam o debate, foram direcionadas a figuras de linguagem.
32	Luzia-homem, de Domingos Olimpo.	126	Entre textos	Problema social: crescimento caótico das cidades.	O texto destaca o crescimento caótico e desorganizado das cidades devido a chegada dos retirantes. Há um quadro de caos, uma vez que as pessoas chegam a cidade e vão se acomodando de qualquer jeito: casas de

					taipa, palhoças, nas praças etc.
33	Poema Obsceno	126	Entre textos	Salário insignificante	O poeta Ferreira Gullar faz uma crítica, destacando que o salário do trabalhador é obsceno.
34	O que você pensa disto?	137	O que você pensa disto?	Hiperurbanização	Na seção, há uma imagem que destaca a cidade de Salvador, ao lado um pequeno texto fomentador e, em seguida, uma pergunta sobre como lidar com essa situação de expansão demográfica das cidades, moradia, falta de emprego, saneamento básico. Interessante situação, pois a pergunta está dentro da unidade que trata do Modernismo brasileiro, ou seja, há uma interessante contextualização.
35	O que você pensa disto?	145	O que você pensa disto?	Diversidade cultural	Na seção, há um texto fomentador e uma imagem que tem mesma importância, em seguida, há uma pergunta relacionada à diversidade cultural, pois ela está ameaçada pela padronização de hábitos e costumes. Além da resposta do estudante, ele também deve sugerir o que os governantes devem fazer diante da situação.
36	O que você pensa disto?	149	O que você pensa disto?	Emancipação da mulher e preconceito de gênero.	Há o aproveitamento do texto da escritora Clarice Lispector para falar de feminismo, preconceito de gênero e emancipação da mulher. Seção importante para o fomento da igualdade.
37	O cão sem plumas (paisagem do Capibaribe)	152	Sua leitura	Rio Capibaribe	O texto destaca o rio Capibaribe e a importância dele para as pessoas e animais. É destacada a importância do rio para todos que estão próximos a ele. As perguntas realizadas dão enfoque a interpretações superficiais que são facilmente respondidas.
38	Fragmento de Morte e vida Severina, de	153	Sua leitura	O retirante	Mais um texto que destaca a dor e o sofrimento do povo. As perguntas são interessantes e interessantes para uma

	João Cabral de Melo Neto.				reflexão acerca da situação social de muitas pessoas.
39	Suassuna: o erudito a partir do popular.	156	Conceituação /exemplificação	Fundo moral e religioso e corrupção social de valores cristãos.	Há destaque para a obra "O Auto da compadecida", para assim retratar a situação de miséria, de exploração e dos valores cristãos distorcidos.
40	Contexto e produção.	166-167	Conceituação /exemplificação	Crise econômica, cortina de ferro, queda do Muro de Berlim e regime militar.	Trata-se de uma contextualização sobre o que estava acontecendo à época da literatura pós-moderna. São textos que estão relacionados e provocam uma crítica interessante ao contexto da época, a assim, o discente percebe como há situações de mudança e, muitas vezes, ela parte da população.
41	Imagem do filme O invasor, de Beto Brant.	175	O que você pensa disto?	Violência urbana	Há um texto fomentador e uma indagação pertinente sobre a complacência da sociedade diante de algumas situações de violência.
42	O que você pensa disto?	187	O que você pensa disto?	Preconceito e estereótipo.	Há uma pergunta sobre preconceitos e estereótipos em nosso país, porém antes há destaque para as raízes fundamentais na formação do povo.
43	Imagem que representa o Dia Mundial da Alimentação.	207	Prática de linguagem	Agricultura e veneno. Agroecologia.	O texto é interessante e a imagem ainda mais. As perguntas não estão focadas na temática, apenas nas frases e na elaboração de novos enunciados. São quatro (4) questões, apenas uma está associada ao que, de fato, importa: o agrotóxico nos alimentos, ou seja, veneno. A pergunta do item b: Observe os dizeres que aparecem nos cartazes. Por que essas personagens foram escolhidas pelos manifestantes para a performance apresentada durante o protesto? Claro que o estudante deve raciocinar de maneira comparada, porém o destaque é apenas para aquela morte, associada ao envenenamento. Deveria ser algo mais enfático.

44	O mundo tá ficando muito chato. Dá pra ser saudável e feliz ao mesmo tempo, por revista Boa Forma.	209	Língua viva	Alimentação saudável	Trata-se de uma propaganda e as perguntas nada tem a ver alimentação saudável ou qualidade de vida, apenas com os aspectos publicitários.
45	Carta-testamento, de Getúlio Vargas.	226	Língua viva	Os motivos ou justificativas para o suicídio de Getúlio Vargas.	Mesmo a carta sendo uma despedida, o seu conteúdo tem muito que a ver com a ideia de educação ambiental de viés político. Na carta, há um assunto bastante interessante que é a força do dos grupos econômicos e financeiros internacionais diante de uma política liberal social. A segunda questão, dentre as seis (6), é a mais interessante, pois fala justamente dessa ideia da importância do povo.
46	Consumo consciente	229	Em dia com a escrita	Conscientiza a população das formas mais racionais e sustentáveis.	Texto interessante, mas o enfoque das perguntas está relacionado à subjetividade do autor e aos dados de pesquisa.
47	Os novos índios	230	Conceituação /exemplificação	Conflito de costumes.	Texto incrível, pois mostra como até os jovens índios estão sendo influenciados pela cultura dos "brancos". Estão usando tênis, calça jeans e até os prenomes. A pergunta de número dois (2) do texto é bastante provocativa, visto que está relacionada a essa questão cultural.
48	Carro-bicicleta ecológico também usa energia solar.	240	Conceituação /exemplificação	Sustentabilidade	O texto faz uma abordagem sobre um novo tipo de veículo, uma opção para de transporte. Não utiliza combustível fóssil e assim não polui o meio ambiente. Sobre as perguntas elas estão direcionadas aos termos acessórios da oração, porém o texto é muito rico.
49	Fragmentos textuais: Cheia do Rio Negro e rodovia cheia de buracos.	242	Conceituação /exemplificação	Meio ambiente	Os textos são utilizados apenas para explicar o que é complemento e adjunto adnominal. Curioso, pois mesmo tratando de gramática, há o aspecto ambiental de maneira subjaz.

50	As rosas não falam, de Cartola.	243	Prática de linguagem	As rosas	Uma poesia construída com elementos da natureza, especialmente, as rosas. O destaque está para a natureza que serve de inspiração.
51	Consumismo mirim	244	Prática de linguagem	Marketing para crianças	O texto chama a atenção para o marketing de produtos infantis, colocando argumento de autoridade para demonstrar que o trabalho de propaganda não está correto, pois pode influenciar a obesidade, a violência e a sexualidade precoce. Sobre as perguntas, estão relacionadas as questões gramaticais. Os conteúdos ambiente e saúde são preteridos.
52	Capítulo VII de O guardador de rebanhos, Fernando Pessoa.	260	Usina literária	Cidade e campo	No fragmento apresentado, há destaque para a vida no campo e a importância significativa para a própria pessoa. O texto é usado a fim de desenvolver atividades gramaticais, todavia há sim a temática do meio ambiente.
53	Preciso me encontrar, de Candeia.	269	Usina literária	Existencialismo a partir do meio ambiente	O meio ambiente mais uma vez influencia a escrita. Serve como plano de fundo e parte importante para a reflexão sobre a vida, sobre a existência.
54	A voz do excluído, por MV Bill.	274	Conceituação /exemplificação	Exclusão social	O texto, que possui traços de depoimento, evidencia a exclusão social. A vida na favela não é fácil e traz uma profunda reflexão, por exemplo, "Não acredito que o povo é contente, quem ri da própria miséria não é feliz, está doente"
55	Tão jovens, tão cruéis, por Carolina Rossetti.	278	Língua viva	Homofobia e bullying.	Trata-se de uma narrativa cujo conteúdo está relacionado ao assassinato do filho de um professor. Além do bullying, mostra outras situações de preconceito. Texto reflexivo e com várias nuances para o debate, mas serve, majoritariamente, para a resolução de questões de gramática.
56	Vida interrompida,	284	Prática de linguagem	Alcoolismo e direção.	Faz um alerta sobre o uso do álcool.

	Mônica Manir.				
57	Refrigerantes açucarados, Dráuzio Varella.	292	Língua viva	Obesidade, pesquisas e refrigerantes.	Problemas de saúde causados pela má alimentação. O texto traz informações sobre a saúde e, de fato, estão relacionadas ao meio ambiente. Sobre o texto ser colocado como tema gerador, pode-se afirmar que apenas a primeira pergunta possui tal característica, uma vez que abre para uma opinião, questionamento, criticidade etc.
58	Pra começar, por Daniele Próspero e Laura Gianecchini.	308	Em dia com a escrita.	Cidadão e cidadã consciente.	Um texto que se encaixa perfeitamente aos princípios da educação ambiental política. Fala sobre a participação efetiva para exigir direitos, a citar, direitos da criança e adolescente, educação de qualidade, moradia digna, reforma agrária, igualdade racial e meio ambiente. As perguntas não analisam o cerne do texto, estão focadas em recursos coesivos e paragrafação.
59	Adaptáveis, plantas da Mata atlântica dão colorido exuberante ao jardim.	314	Prática de linguagem	Mata Atlântica	Fala da extinção da mata e da extensão que tinha antes. As perguntas são sobre norma-padrão e período.
60	Mano Brown assume defesa do desarmamento, por André Caramante.	344	Entre o texto e o discurso	Desarmamento	Discussão sobre o desarmamento. É evidenciado o número de pessoas que morrem por arma de fogo.
61	Ação e cidadania	350	Ação e cidadania	Movimento estudantil	Demonstra a importância de um grêmio estudantil. E a importância da participação dos estudantes, pois é o grêmio é uma comunidade que contribui para formação de jovens críticos.
62	Políticas de Ensino Médio para os povos indígenas.	356 e 357	Leitura	Conteúdos e linguagem adequados aos índios.	Texto mostra a importância e o respeito aos povos indígenas e a importância da adequação pedagógica.
63	Conjunto de dois textos: Meio	360	Proposta	Meio ambiente, Globalização,	A seção colocou dois temas com alguns subtemas como recursos energéticos,

	Ambiente, do filme Uma verdade inconveniente; e Globalização e Desigualdades Sociais, do filme Horas de verão.			desigualdades sociais, qualidade de vida e paz mundial.	recursos hídricos, conferência Rio + 20, mobilidade urbana e cidades inteligentes, mercado interno e pobreza, analfabetismo. A proposta é produzir e realizar um seminário. Mesmo sendo vários temas e, possivelmente, não há condições de uma discussão plena, a proposta é bem interessante. Proporciona pesquisa, crítica e debate. É a relação que se prega nessa pesquisa: meio ambiente à luz das propostas freireanas.
64	RIO + 20, por ONU.	361	Ação e cidadania	Qualidade de vida e proteção do meio ambiente	O texto é excelente, pois traz informação de um evento decisivo para questão ambiental. Contemplando, portanto, de maneira direta sobre o meio ambiente ecológico.
65	Ecossistema da Selva, por Michael Tennessen.	363	Leitura	Atividade humana interfere nas sintonias naturais.	Há demonstração da harmonia que é o meio ambiente, porém as atividades humanas ameaçam esse processo. O texto foi colocado como exemplo de um artigo científico, mas uma pergunta direciona para a questão ambiental.
66	Conjunto de propostas na mesma seção: produto tecnológico e produto sustentável.	374	Proposta	Tecnologia e sustentabilidade.	A proposta de trabalho está relacionada à publicidade. Dos dois temas destacados, o que trabalha com sustentabilidade é bem pertinente ao que se critica aqui. A asserção fomenta pesquisa, crítica e disseminação da sustentabilidade.
67	Propaganda e publicidade	375	Repertório	Publicidade e propaganda	Mesmo a tema da seção sendo Publicidade e Propaganda, o exemplo utilizado para explicar o conteúdo está relacionado ao meio ambiente. Sendo o seguinte slogan: Quem destrói florestas, não mata apenas árvores.
68	Favela não é problema, é solução, por Jaime Lerner.	376 e 377	Leitura	Favela, tráfico de drogas, lixo, infraestrutura.	Trata-se de um artigo de opinião incrível e totalmente voltado para as questões ambientais. Além disso há uma imagem que fomenta a

					<p>leitura do texto, ela representa uma favela, uma parte do chamado Morro Dona Marta. Há destaque para mitigação de problemas na favela, a citar, coleta de lixo pela troca de vale-transporte, investimento em infraestrutura, geração de emprego por meio de fábricas instaladas nas favelas e por sua vez não pagariam impostos. Todavia, o que chama mais atenção a situação é uma frase de efeito (mas pertinente) do escritor: Prefiro a favela mais integrada à cidade que o conjunto habitacional muito afastado.</p>
--	--	--	--	--	--

FONTE: O Autor/2018.

Dentre as seções que tiveram mais gêneros com a temática da EA/MA, liderou “Sua leitura”, com 14; “O que você pensa disto”, com 8; “Exemplificação”, com 7, as demais apareceram em menor quantidade, mas poderiam ser trabalhadas com mais qualidade, haja vista são bons textos. Vale frisar que uma seção chamou bastante atenção, na verdade, tratam-se de unidades diferentes, são os “Projetos”, unidades que tratam do debate, da crítica e do trabalho coletivo.

Atendo-se as questões mais específicas, merece destaque o fragmento de “Os Sertões”, de Euclides da Cunha. Trata-se da etapa final da obra, mostrando as consequências tristes de uma batalha. Mesmo sendo um fragmento e havendo ainda indagações sobre o texto, percebe-se que estas estão direcionadas as questões gramaticais e textuais, a citar, conjunção e descrição. As questões ideológicas aparecem sutilmente ou quase não aparece, deve-se observar, com base nesse tipo de texto o que diz Freire “O debate em torno do que representa de injusta certa “política do fazer”, é tão necessariamente ideológico quanto a prática de fazer coisas. (2000, p.58)”. O fragmento deveria ser melhor explorado, pois trata das questões da guerra, da morte, da destruição e horror, colocando a vida como algo inútil, assim, o texto deveria ser melhor trabalhado, não ficando nas questões superficiais, sempre estimulando a mudança:

Salienta-se que o discurso da impossibilidade da mudança para a melhora do mundo não é o discurso da constatação da impossibilidade, mas o discurso ideológico da inviabilização do possível. Um discurso por isso mesmo, reacionário; na melhor das hipóteses, um discurso desesperadamente fatalista. (FREIRE, 2000, p. 20)

As páginas 28 e 29 também estão configuradas de textos significativos à discussão, fragmentos obras de Monteiro Lobato, são “Cidades Mortas” e “Urupês”. O primeiro, inserido na seção “Exemplificação”; o segundo, na seção “Sua Leitura”, foram colocados de maneira harmoniosa, pois a intenção é destacar as obras do autor e as temáticas escolhidas por ele, por exemplo, os problemas sociais, sobretudo, relacionados aos mestiços. Ainda na página 28, há um texto complementar, seção “Repertório”, inserida para incrementar os conteúdos, traz informações sobre a obra “Jeca Tatu”. São duas páginas com vários textos interessantíssimos para reflexão, para o debate, para relacionar com a sociedade, para debater pontos de erradicação de determinados males sociais, no entanto, o que se encontra, de fato, são quatro (4) perguntas, grosso modo, objetivas e frívolas, especialmente, quando se leva em consideração que são aplicadas a alunos do terceiro ano, isto é, faixa etária entre 16 e 18 anos, geralmente. As temáticas como o sofrimento das crianças que andavam descalças, da falta de informação e educação das pessoas, problemas de saúde pública e a pobreza extrema não são suscitadas, assim, percebe-se um desperdício textual. Tem-se, em duas páginas, instrumentos que serviriam para uma profunda reflexão, mas o livro traz os truísmos. Há uma abdicação da construção de um mundo melhor, assim também pensa Freire, “O que quero dizer é que, como ser humano, não devo nem posso abdicar da possibilidade que veio sendo construída, social e historicamente, em nossa experiência existencial de, intervindo no mundo, inteligi-lo e, em consequência, comunicar o inteligido”. (FREIRE, 1987, p. 16).

Na seção “Sua leitura”, páginas 90 e 91, são encontrados um gênero imagético, “Os retirantes”, de Cândido Portinari; o segundo, fragmento de “A Bagaceira”, de José Américo de Almeida. São dois textos que possuem a mesma macrotemática, pois o problema social é a tônica. As quatro questões inseridas para trabalhar ambos os textos são, de certa maneira, pertinentes e convergem o que se pede na perspectiva da Educação Ambiental, conforme também os pensamentos de Freire, bem como diferente do que Marcuschi registrou. O linguista destacou que “Os

manuais escolares e os autores mais estruturalistas concebem a língua simplesmente como um código ou sistema de sinais autônomo, transparente, sem história e fora da realidade social dos falantes (MARCUSHI, 2008, p.240)". Este argumento é crucial e bem reflexivo, haja vista grande parte das atividades seguem essa perspectiva estruturalista tão criticada por Marcuschi, todavia, nesses exercícios há uma exceção à regra, pois há uma preocupação com a realidade e questões históricas. Lembrando que nesse sentido Marcuschi se aproxima muito de Freire, pois aquele diz que é importante conceber a língua como trabalho social, histórico e cognitivo.

As perguntas direcionadas ao texto, volta ao seu estágio mais superficial, aparecem novamente, agora, na página 97, seção "Ler", quando após um fragmento do clássico "Capitães de Areia", de Jorge Amado, é destacado. As perguntas podem ser classificadas como Metalinguísticas, cópias ou objetivas, uma vez que são de mera decodificação, basta ler o texto e, em seguida, responder as perguntas, isso de maneira pouco crítica/reflexiva, segundo Marcuschi (DIONÍSIO e BEZERRA, 2005, p 54-55). Num texto tão rico, uma das perguntas é "Quem são os participantes da greve mencionada no texto". Levando em consideração que urge a necessidade de problematizar as questões sociais, sobretudo, no ensino médio e ainda com estudantes do último ano desse nível de ensino, percebe-se que as perguntas não produzem, de fato, criticidade. Trata-se de mais uma ferramenta mecânica de trabalho, distanciando daquilo que Marcuschi (2008) destaca:

É bom convencer-se de que usamos a língua não propriamente para exercitar as cordas vocais e sim dar a entender o que pensamos ou então para entender o que os outros pensam. Enfim, no uso da língua, a compreensão é um aspecto tão central que em torno dela se dão grandes e acalorados debates. Vale a pena exercitá-la com cuidado desde cedo. (DIONÍSIO e BEZERRA, 2005, p 60-61)

Marcuschi (2008), quando fala dessas questões no livro didático, está defendendo o conceito de letramento, que se aproxima muito dos princípios da Educação Ambiental, assim como Freire (1987), por isso, chega-se à conclusão, que o livro didático e, conseqüentemente, as questões inseridas acerca dos textos não estão sendo utilizadas conforme o contexto de mudança exige. Nesse mesmo viés, Freire destaca:

Outro recurso didático, dentre uma visão problematizadora da educação e não "bancária", seria a leitura e a discussão de artigos de

revistas, de jornais, de livros começando-se por trechos. Como nas entrevistas gravadas, aqui também, antes de iniciar a leitura de artigo ou capítulo do livro falaria de seu autor. Em seguida, se realizaria o debate em torno do conteúdo da leitura. (FREIRE, 1987, p.68)

Então, percebe-se a necessidade de promover mais discussões, aproximando-se da concepção crítico-emancipatória de Freire (1987), para assim construirmos uma melhor sociedade. Isso não será fácil, porém se não acontecer na escola, local formal de discussão, não será fácil disseminar essas propostas na sociedade.

Nessa mesma linha de pensamento sobre o social, há duas seções que merecem destaque, a “Entre livros”, página 126, e a “O que você pensa disto”, página 137. A primeira traz quatro (4) textos, sendo o primeiro o mais significativo a esta pesquisa, porque trata dos problemas sociais, mas não há indagações, apenas o texto e uma sucinta explicação. Na segunda seção, há algo semelhante, porém mais provocador, visto que, mesmo sendo um texto lacônico e acompanhado de uma habitual imagem, traz assuntos como migração, industrialização, expansão demográfica, bem como as consequências disso, a citar, falta de emprego, moradia, educação de qualidade e saneamento básico. Após esses textos motivadores, há duas perguntas: “Como podemos lidar com essa realidade?” e “O que estamos fazendo para reverter essa situação?”. Sobre essa última seção, há pontos positivos e negativos que aqui merecem ser acentuados. No tocante aos pontos positivos, trata-se de um texto que subsidia o debate e com muita propriedade, pois os assuntos são sempre colocados como pauta de discussão nos mais diversos campos de estudo, de tal forma, podem ser utilizados como ferramentas desse processo de formação do cidadão:

A escola tem sido historicamente o espaço indicado para a discussão e o aprendizado de vários temas urgentes e de atualidade como resultado da sua importância na formação dos cidadãos. É evidente que a escola deve estar sempre aberta ao conhecimento, inquietações e propostas de sua época, procurando consolidar inovações pedagógicas que contribuem para continuar cumprindo seu papel social. (REIGOTA, 2011, p.81)

No tocante a questão negativa, importante destacar que mais uma vez não foi dada a notoriedade que o assunto merece, pois foi colocado no final da página, após

alguns exercícios, ficando, portanto, como segundo plano. Além disso, deve-se destacar que esses assuntos quando aparecem nos livros didáticos sempre estão relacionados aos grandes centros, não há uma boa contextualização, de tal forma, fica a critério do professor fazer isso. O mesmo acontece no exemplo que veremos a seguir.

Outro ponto que merece ser observado está na página 207, seção “Prática de linguagem”, nela, na primeira atividade, há destaque para o Dia Mundial da Alimentação, assim, são destacados os assuntos agrotóxico e agroecologia. Como destacado na tabela, são quatro perguntas, porém não estão direcionadas à temática agrotóxico:

Prática de linguagem
ATENÇÃO: não escreva no livro.
Responda a todas as questões no caderno.

1. A foto a seguir, publicada no *site* de um jornal, mostra manifestantes em Copacabana, no Rio de Janeiro (RJ), no Dia Mundial da Alimentação, comemorado em 16 de outubro.

Rainha do agronegócio

Quero uma agricultura sem veneno

a) Duas manifestantes estão caracterizadas como personagens de um conto de fadas. Identifique as personagens e o conto a que pertencem.

b) Observe os dizeres que aparecem nos cartazes. Por que essas personagens foram escolhidas pelos manifestantes para a *performance* apresentada durante o protesto?

c) Transcreva todos os enunciados presentes na cena. Separe-os em frases nominais e orações.

d) Considerando o contexto, elabore dois enunciados que também poderiam estar nos cartazes. Use apenas frases nominais.



Folha de S.Paulo on-line, 16 out. 2012. Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/10749-imagens-do-dia#foto-199069>>. Acesso em: 24 maio 2013.

2. Leia esta tira.

FIGURA 6: Prática de linguagem sobre Gênero Publicidade
Fonte: Terceiro volume da coleção SER PROTAGONISTA; Ramos (2013c)

As perguntas, principalmente, por serem direcionadas a estudantes do terceiro ano, são pouco interessantes. Sobre a primeira questão, podemos classificá-la, segundo os princípios de Marcuschi⁴⁹, como “A cor do cavalo branco de Napoleão”, porque são frequentes nos livros, de perspicácia mínima e autorrespondidas pela própria reformulação. Nesse sentido, Marcuschi foi muito feliz ao criar essa categoria, pois é só olhar a imagem e responde a indagação. A segunda pergunta aproximasse do que foi dissertado sobre o item anterior, ao passo que a terceira questão,

⁴⁹ Verificar anexo

classificada à luz dos princípios de Marcuschi como metalinguística, pois está direcionada a questões formais, nada a ver com questões ideológicas. A última se aproxima do que Marcuschi chamou de cópias. Em síntese, tem-se um texto misto, carregado de informações que deveriam ser tratadas de outra maneira, todavia, o texto serve como pretexto para tratar de alguns pontos da linguagem e da gramática. Nas palavras de Marcuschi (2008), tanto a escrita como a fala são atividades situadas e a situação, ou o contexto (cognitivo, social, cultural, histórico), em que são produzidas é a parte integral do ato de escrever ou falar. Isto é, um texto tão pertinente quanto o destacado na imagem acima não pode servir para perguntas muito inteligíveis, essas questões deveriam sim trazer as questões da língua, porém as questões ideológicas também deveriam ter destaque. São ideias que suscitam mudanças, assim outros pontos deveriam aparecer para discussão, algo mais sério e salutar à população, assim deveria ser instigado a pesquisa de temas como a Política Nacional de Agrotóxicos, os projetos de lei chamados “pacote do veneno”, discutir as nomenclaturas ludibriantes (defensivo fitossanitário ou agrícola), Revolução Verde etc. Portanto, um texto adequado para seguir o que se pede no trabalho com a Educação Ambiental, por exemplo, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental, especialmente, no seus artigos primeiro, sexto, décimo segundo (inciso quinto), décimo quarto (inciso terceiro) etc.

Há muitos gêneros e atividades que mereciam destaque, porém para não ficar prolixo, mais uma seção será abordada. Essa está diretamente relacionada ao Meio Ambiente, trata-se da seção “Ação e cidadania”, sendo o assunto: RIO +20. Aparece uma narrativa sobre o evento e em seguida uma imagem que demonstra a poluição na cidade de Duisburgo, na Alemanha. Mais uma vez um texto tão importante ou, na verdade, uma temática tão significativa não tem o destaque que merece, haja vista aparece à margem esquerda da página 361, passando a ideia de algo prescindível. Não há perguntas e nem estímulo à pesquisa, está como uma moldura insignificante. A crítica que se faz é que, de fato, o texto não foi esmiuçado, além de não ter sido colocado em notoriedade. Esse texto é o alicerce para ampla discussão acerca do meio ambiente, mas isso não foi realizado. Serviria para introduzir temas como desenvolvimento, sustentabilidade, energia limpa, ética e política, para assim trabalhar uma educação para a sociedade, uma educação cidadã. Sabe-se que os maiores poluidores não são as pessoas comuns, mas as grandes indústrias, de tal

forma, para que essas empresas parem de poluir, é necessária muita ação da população, algo que só acontece com muita organização. Nas palavras de Freire, deve-se chegar ao homem-sujeito, para enfrentar os setores privilegiados (FREIRE, 2016b, p. 91). Texto esse serviria para trabalhar as características da consciência crítica observados por Freire (2016b) no livro “Educação e mudança”, entre eles: reconhecer que a realidade é mutável; é indagadora, investigativa, força, choca; ama o diálogo, nutre-se dele. Enfim, um texto para ser exaurido e não servir de ornamentação da página.

Então, nessa etapa, destacou-se o resultado a partir de discussões com argumentos de autoridade sobre como o Meio Ambiente e a Educação Ambiental aparecem no livro didático de Língua Portuguesa. Para tanto, enquanto objeto do estudo, foram analisados os três (3) volumes da série “Ser Protagonista”, livros que foram escolhidos pelo Instituto Federal de Alagoas e utilizado no campus Penedo. Importante observar que a coleção faz parte do triênio do PNLD que iniciou no ano de 2015 e se estendeu até 2017, ano que iniciou essa pesquisa. No PNLD de apresentação é frisado que foram dezessete (17) obras avaliadas, porém apenas dez (10) aprovadas e resenhadas para apreciação, entre estas a coleção “Ser Protagonista”. Estes livros precisavam conter alguns “elementos” para estar relacionado, logo na página onze (11) do PNLD apresentação eles são destacados, a citar, preparação para cidadania, aprimoramento do educado como pessoa humana, formação ética e desenvolvimento do pensamento crítico, além desses elementos imprescindíveis, outros são destacados no corpo do texto, por exemplo, direitos humanos e sustentabilidade socioambiental. Em outras palavras, o livro didático para estar inserido no catálogo deveria estar em consonância com os princípios da Educação Ambiental e foi em busca disso que essa investigação se debruçou. Para trazer mais tenência para a pesquisa foram colocados argumentos de autoridade, entre eles, Freire (1979, 1987, 2000, 2016.a, 2016.b) Reigota (2011 e 2014), textos legislativos inerentes à EA, bem como Marcuschi (2014) – destaque na área de letramento, leitura e escrita para prática social. A partir desse arcabouço teórico, foram catalogados, entre as mais variadas unidades, capítulos e seções dos livros, 270 textos que traziam como temática assuntos atinentes ao Meio Ambiente e Educação Ambiental, sendo 102 gêneros no volume primeiro, 100 no volume segundo e 68 no volume terceiro. Quantitativamente, percebe-se um número expressivo, porém o que

é realizado a partir desses textos é algo bem superficial, sobretudo, à medida que a análise prosseguia sobre os últimos volumes verificou-se ainda que as indagações eram bastante propedêuticas. De tal forma, percebeu-se que quantitativamente há vários gêneros textuais direcionados à Educação Ambiental, todavia, qualitativamente a situação é bastante introdutória, ficando as propostas, na maioria das vezes, relacionado à informação. Textos de qualidade, os quais poderiam ser utilizados para problematizar as situações sociais serviam para as questões gramaticais e textuais, além disso a visibilidade dada aos textos não foi a adequada. Assim, afirma-se que os livros apresentam muitos textos atrelados à Educação Ambiental, sendo estes de boa qualidade, todavia, a maneira como são utilizados não é muito pertinente, pois as perguntas são, quando inseridas, básicas, poucas são indagações que fomentam a crítica.

4 CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa objetivou analisar como a Educação Ambiental (Meio Ambiente) foi desenvolvida no livro didático de Língua Portuguesa adotado pelo campus Penedo, do Instituto Federal de Alagoas, para o triênio 2015, 2016 e 2017. Tratou-se da investigação de um proeminente recurso de subsídio ao ensino de Língua Portuguesa para os estudantes dos cursos técnicos de “Meio Ambiente” e “Açúcar e Álcool” integrados ao Ensino Médio.

A pesquisa caracterizou-se, sobretudo, como um estudo qualitativo de análise, privilegiando os gêneros textuais sobre Educação Ambiental/Meio ambiente nos livros didáticos de Língua Portuguesa. Para avaliar essa condição de trabalho acerca da EA e compreender, de fato, qual a educação ambiental que estava sendo tratada, utilizou-se algumas técnicas. Exploratória documental, isto é, de fontes primárias, sobretudo, a Carta de Belgrado, Declaração de Estocolmo e as legislações (decretos e leis) criadas no Brasil sobre o meio ambiente desde o início do século XIX, para assim compreender melhor o processo histórico direcionado ao Meio Ambiente e, conseqüentemente, à Educação Ambiental a fim de analisar melhor os livros didáticos. A investigação foi também bibliográfica, sendo direcionada a três vertentes: Educação Ambiental, Livro Didático de Língua Portuguesa e Paulo Freire. Para tanto, foram analisadas várias dissertações e livros, as primeiras foram analisadas, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, por três perspectivas Educação Ambiental no livro didático, Educação Ambiental no livro didático de Língua Portuguesa e Educação Ambiental e Paulo Freire, para assim perceber como estão sendo realizadas as investigações sobre Educação Ambiental no livro didático de língua portuguesa e assim relacionar à teoria freireana, que serve como referencial de muitos trabalhos acadêmicos acerca da EA. Sobre os livros foram utilizados como referencial teórico os estudiosos Marcos Reigota, Carlos Frederico Bernardo Loureiro, Mauro Guimarães, Luiz Antônio Marcuschi e Paulo Freire, sendo os três primeiros direcionados ao estudo da EA, o quarto, com a ideia de Letramento, haja vista converge com os princípios da Educação Ambiental moderna, pois são ideias afins que estão direcionadas a mudanças na sociedade, no que se refere a Freire, destaca-se que os livros produzidos estão, e justamente, sendo utilizados nas pesquisas relacionadas à EA, haja vista os escritos de Freire estão em consonância com a EA.

Com base nessa trajetória e chegando à análise dos dados da pesquisa, percebeu-se que:

1 – O Histórico da Educação Ambiental no mundo e no Brasil é de longa data. Processo histórico progressista, que começou com a preocupação de pequenos grupos, de maneira bem informal, teve o auge com a Conferência de Tbilisi, ao passo que aqui no Brasil (também no mundo), teve a Rio/ECO 92, evento que culminou na assinatura da Agenda 21. Percebeu-se que entre as várias Conferências, Congressos e Encontros muitos documentos foram sendo assinados e divulgados, fortalecendo a EA.

2 – Há muita legislação defendendo a Educação Ambiental em prol do ensino interdisciplinar, transversal, contínua e presente em todos os níveis de modalidades. Destacando que ela não deve ser implantada como disciplina ou componente curricular específico. Entre esses textos legislativos merecem evidência a Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012, Lei nº 9.795, de 1999, Constituição Federal, Lei nº 9394 de 1996. Esses textos enfatizam uma vertente da Educação Ambiental mais ampla, não direcionada exclusivamente às questões ecológicas, porém sim para o desenvolvimento social, cuidado com a comunidade, justiça, que considere o trabalho como algo digno. A Educação Ambiental é humanista, democrática e participativa, por isso fomenta a participação social, solidariedade e a cidadania plena. Os documentos legislativos ainda fomentam essas práticas em todas as áreas do conhecimento e componentes curriculares, sendo assim, a Língua Portuguesa está autorizada a engendrar a EA.

3 – Novas pesquisas estão surgindo na área da EA e utilizando, enquanto argumento os escritos de Paulo Freire. Nesse sentido um livro merece destaque por trazer as informações mais dispostas, Educação Ambiental: dialogando com Paulo Freire. O Livro foi organizado por Carlos Loureiro e Juliana Torres, traz, afora o significativo prefácio, quatro (4) artigos que mostram como Paulo Freire contribui para construção de um mundo melhor, principalmente, pelo caráter crítico-transformador e, diretamente relacionado à educação, temas geradores. Nesse sentido de usufruir das ideologias freireanas em prol da EA e destacá-las categoricamente, têm-se dois grandes teóricos, Marcos Reigota e Mauro Guimarães. Ambos são fomentadores dos princípios de Paulo Freire e destacam isso nos livros produzidos, respectivamente, o que é “Educação Ambiental?” e “A Dimensão Ambiental da Educação”. Entre os

termos destacados e consoantes à EA estão conscientização e práxis. Outrossim, destaca-se que em análise no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, constatou-se que há várias dissertações escritas à luz do pensamento pedagógico de Paulo Freire.

4 – O PNLD exige a inserção de conteúdo acerca da Educação Ambiental nos livros didáticos. Para esta pesquisa, dois documentos foram mais utilizados, o Guia de Livros Didáticos Apresentação e Guia de Livros Didáticos Língua Portuguesa, ambos de 2015. O primeiro é muito amplo, todavia já demonstra, a partir dos critérios, que as abordagens devem ser interdisciplinares, devem proporcionar o diálogo/debate/ entendimento sobre o cenário sócio-político, devem promover as dimensões humanas (ética, cultura e estética), bem como orienta para que as unidades de ensino devem orientar para os direitos humanos e a sustentabilidade como socioambiental como meta universal, para tanto deve-se contemplar atividades integradoras, por exemplo, meio ambiente e prática social (superação das formas de violência, discriminação, racismo e preconceito). Sendo bem explícito no documento que a EA deve ser estudada e desenvolvida como uma prática integrada, contínua e permanente. Neste documento primeiro, há orientações de escola do material, coloca-se como critério projeto pedagógico e contexto da escola. No tocante ao segundo documento – mais específico-, são colocadas as resenhas dos livros aprovados na triagem⁵⁰, sendo que as coleções devem fornecer necessariamente parte significativa de recursos para os docentes. Uma parte significativa está relacionada ao ensino dos gêneros textuais para o ingresso no mundo do trabalho e para o pleno exercício da cidadania. Colocando o jovem do ensino médio como um ator social, devendo, portanto, protagonizar momentos significativos na sociedade e de impacto na vida social, cultural, política e econômica do país, isto é, a participação cidadã ativa na vida pública é imprescindível no livro didático de língua portuguesa, por isso a ideia de letramento é imprescindível. Todavia, na própria resenha acerca do livro, na seção pontos fracos, destaca-se que a maioria das atividades de produção de textos não promove a circulação de textos depois de produzidas, de tal forma, acrescenta-se aqui a não promoção, em muitos casos, de atividades práticas. Além de aparecer no corpo do texto principal do PNLD esses critérios, há destaque os anexos, pois enfatiza que são critérios eliminatório a não inserção, entre outros, escritos que observem os

⁵⁰ Das 17 coleções que passaram pelo processo avaliatório no PNLD 2015, foram aprovadas 10 (58,82%).

princípios éticos necessários à construção da cidadania e convívio social e respeito a legislações, por exemplo, Constituição da República Federativa do Brasil, Resolução nº 2 de, 30 de janeiro de 2012 (traz, além de outros assuntos, a EA) e Parecer CNE/CP Nº 14 de 06 /06/2012. Enfim, percebe-se que o livro didático de língua portuguesa deve ser construído, entre outras circunstâncias, à luz dos princípios da EA, então, foi-se analisar como o livro didático, de fato, trata tão valioso “tema”.

5 – O livro adotado pelo Instituto Federal de Alagoas, campus Penedo, foi selecionado conforme o rito normatizado pelo governo, sendo confirmado no próprio Guia de livros didáticos PNLD 2015. Na análise quantidade, pode-se afirmar que os livros trazem uma parcela generosa de gêneros textuais acerca das questões ambientais (cidadania, política, ecologia etc.), isso em qualquer capítulo ou unidade, são várias seções que, no mínimo explanam textos em que temática é destaque. Os assuntos são os mais variados, histórias de pássaros, denúncia social, guerras, natureza como temática para vida ou morte, negros e índios aparecem em textos informativos, problemas políticos, discriminação, sistema de cotas, aborto, democracia/ditadura, saneamento básico, preservação ambiental, seca, emancipação da mulher, violência urbana, alimentação saudável, uso de drogas, etc. Nesse sentido quantitativo, os pontos são positivos, haja vista foram catalogados 102 textos no primeiro livro, 100 no segundo e 68 no terceiro volume. Percebeu-se uma certa recorrência em tratar da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, haja vista a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 está sendo bastante evidenciada. Pode-se observar que muitos textos não são trabalhados de maneira crítica, reflexiva em prol de mudanças na sociedade, pois muitos gêneros apareciam de maneira secundária das unidades, bem como utilizados como pretexto para o trabalho de gramática ou de interpretação textual pautada apenas nos mecanismos linguísticos e não críticos. Os textos foram colocados de maneira isolada, muitas vezes desconexas e as perguntas eram bastante incipientes, como abordado na seção “Resultado e Discussões”, a partir das tipologias das perguntas colocadas por Luiz Antônio Marcuschi, as indagações são, na maioria das vezes, classificadas como “A cor do cavalo branco de Napoleão”, “Cópias”, “Objetivas”, “subjetivas” e “Metalinguísticas”, isto é, perguntas que “não contribuem para formação do raciocínio crítico” (DIONÍSIO e BEZERRA, 2005, p.55). Em outras palavras, muitos textos diversificados e interessantes a serem utilizados para as questões da EA, porém as perguntas são postas de maneira equivocada, porque não atingem a finalidade real, pois se sabe

que os textos não servem apenas para o trabalho da gramática, do texto nos aspetos linguísticos e da literatura, porém sim para as questões ideológicas. Os textos servem como recursos para simples decodificação, de tal forma, deixa de lado a ideia criadora, o processo de ativo para o debate (assim como propor mudanças na comunidade) e perceber que os textos são carregados de sentido e devem servir de inquietação. O texto ainda é encarado, como diz Marcuschi “simples conhecimento da língua e a reprodução de informações” (MARCUSCHI (2005) apud DIONÍSIO e BEZERRA, 2005, p.58).

Marcuschi faz sugestões para melhor utilização do texto - nesse aspecto se identifica muito com os princípios da EA –, assim o linguista propõe a Identificação das proposições centrais do texto, perguntas e afirmações inferenciais, reprodução do texto oralmente etc. Pois assim haverá uma melhor compreensão do texto, bem como uma contribuição para a formação de um cidadão mais crítico.

Freire (2016a), como evidenciado anteriormente no cerne deste texto, pensa também a formação do cidadão, nesse sentido, a língua portuguesa deveria ser utilizada como estratégia de desalienação. Freire diz “Daí o homem alienado, inseguro e frustrado ficar mais na forma que no conteúdo; ver as coisas mais na superfície que em seu interior” (FREIRE, 2016a. p.31). Os textos podem subsidiar no desenvolvimento de uma consciência crítica, assim como Freire argumenta: “uma consciência crítica que permite ao homem transformar a realidade se faz cada vez mais urgente” (FREIRE, 2016a, p.41).

Assim, mesmo com a quantidade de textos e, de fato, com temáticas bem variadas, percebeu-se que o livro didático não supre todas as necessidades voltadas às questões ambientais, uma vez que a reflexão, a crítica, a interdisciplinaridade e o processo de emancipação, bem como a fomento pela mobilização social e o cuidado ambiental local não são tão presentes e ainda as metodologias não são, em grande parte, dinâmicas, gradativas e mais integradoras, por isso se pensou-se em outros textos, perguntas e métodos para levar a EA a outros patamares, especialmente, quando se leva em consideração que os livros didáticos são utilizados por estudantes de cursos⁵¹ diretamente relacionados à temática, então, criou-se um material paradidático.

6– A produção do livro foi um fator incrementador, pois segundo Val e Marcuschi:

⁵¹ Técnico em “Meio Ambiente” e “Açúcar e Álcool”.

Os livros paradidáticos ou paraescolares, obras complementares “que tem por função resumir, intensificar ou aprofundar” (p.16) conteúdos específicos do currículo de uma disciplina, seja por meio de uma utilização individual, em casa, seja, como ocorre no Brasil, por meio de utilização orientada pelo professor, na escola. Na tradição brasileira, esse tipo de livro escolar abarca, prioritariamente, obras que aprofundam ou enriquecem um conteúdo específico de uma disciplina (...) (VAL e MARCUSCHI, 2008, p.15)

Assim, pensando em colaborar no aprofundamento da EA, sobretudo, no componente curricular de Língua Portuguesa para os estudantes do Instituto Federal de Alagoas, campus Penedo, foi pensando num material intitulado “Letramento Ambiental”. O livro é organizado em três grandes etapas. A primeira traz informações elementares ao entendimento da EA, por isso alguns conceitos são inseridos a fim de cristalizar qual tipo de EA é destacada, há duas – no mundo e no Brasil - histórias concisas da EA ambiental e ênfase para alguns documentos imprescindíveis à construção da EA; na segunda etapa, há realce para alguns conceitos e documentos fomentadores da EA; na última etapa, foram evidenciados textos legislativos, filmes e vários outros gêneros textuais. Deve-se relevar que o material foi construído com várias sugestões de atividades, muitas delas pautadas na leitura, crítica e reflexão dos textos; há ainda muito fomento à pesquisa, especialmente, dos conceitos de cidadania e sustentabilidade; transformação de gêneros textuais e produção de vídeos, para assim trabalhar a oralidade à luz de problemáticas ambientais; construção de textos argumentativos; atividades envolvendo outros componentes curriculares, isto é, trabalhando a interdisciplinaridade; promoção de debates; estímulo a oficinas acerca de melhorias na comunidade. Tudo de maneira gradativa, pensando num percurso de construção significativa, para assim os estudantes não só conhecerem a EA, mas saber como ela é imprescindível a uma sociedade mais justa e melhor para todos. Para deixar as atividades mais atrativas, foram inseridas várias músicas relacionadas à cidadania, muitas reportagens atinentes ao meio ambiente, filmes e reportagens da região para contextualizar.

Diante das situações detectadas nessa pesquisa, observou-se a necessidade de mais investigações direcionadas a analisar como o livro didático de língua portuguesa trata a EA, pois muitas estão relacionadas às disciplinas de Geografia, Biologia e História. Deve-se averiguar como os textos estão dispostos, como as questões são contextualizadas e se a preocupação é exclusivamente ecológica. Deve-se cada vez mais

criticar os livros para que sejam feitas melhorias nas posteriores publicações, porque não podem apenas haver textos interessantes, muitas vezes incluídos de maneira secundária, e mal utilizados, com perguntas elementares e não relacionadas ao cerne da questão, ou seja, a ideologia.

O texto é base do conhecimento e provocador e deve ser utilizado como tal, para assim os estudantes compreenderem que fazem parte de uma sociedade e que deve transformá-la. O livro didático é um grande formador de opinião e, entre outros inúmeros motivos, não pode no tocante à EA ser utilizado de maneira superficial, ingênua, descontextualizada das questões sociais, desconexa à região, acrítica e mecânica.

A EA deve ser trabalhada num viés dialógico e solidário, promovendo a articulação de conhecimentos e sujeitos, sempre pautada na crítica, promovendo ações para mitigar problemas criados no passado, promover melhorias para o presente e para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Fabrícia Vieira de. **Políticas públicas e educacionais em foco: um olhar sobre o programa nacional do livro didático, a educação em direitos humanos e o livro didático de história.** 2016. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Políticas Sociais, Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4728825>. Acesso em: 11 nov. 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso.** São Paulo: Editora 34, 2016. 176p

BAGNO, Marcos et al. **Língua Materna: letramento, variação e ensino.** São Paulo: Parábola, 2002. 248p.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é, o que não é.** 4. ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2015. 200p

BRASIL. **A implantação da educação ambiental no Brasil,** Brasília, DF, Coordenação de Educação Ambiental do Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

BRASIL. Brasil. Ministério da Educação (Org.). **Um pouco da História da Educação Ambiental.** 2000a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoambiental/historia.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Meio Ambiente e Saúde.** Secretaria de Educação Fundamental. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000b. 174p.

BRASIL. CASA CIVIL. Lei nº 601, de 18 de setembro de 1850. **Dispõe Sobre As Terras Devolutas do Império.** Rio de Janeiro, RJ, 18 set. 1850. p. 1-2. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L0601-1850.htm>. Acesso em: 14 mar. 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, Distrito Federal: D.O.U, 5 out. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 26 mar. 2018.

BRASIL. (1996). Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece As Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, Distrito Federal: D.O.U. 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 nov. 2017.

BRASIL. (2001). Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Institui Diretrizes Nacionais Para A Educação Especial na Educação Básica.** Brasília, Distrito

Federal: Diário Oficial da União, 14 set. 2001. Seção 1, p. 39-40. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

BRASIL. **DECRETO n. 7084, de 27 de jan. de 2010**. Dispõe sobre os programas de material didático e outras providências. Decreto nº 7084. 1. ed. Brasília, v. 1, n. 1, p. 1-8, jan. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10043-decreto-7084-27012010-final&category_slug=fevereiro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 04 fev. 2018.

BRASIL. **DECRETO n. 73.030, de 30 de out. de 1973**. Secretaria Especial do Meio Ambiente - SEMA. Secretaria Especial do Meio Ambiente - SEMA. 1. ed. Brasília, v. 8, p. 1-6, out. 1973. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-73030-30-outubro-1973-421650-norma-pe.html>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

BRASIL. Decreto nº 4.281, de 25 de junho de 2002. **Regulamenta A Lei no 9.795, de 27 de Abril de 1999**. Brasília, Distrito Federal: D.O.U, 25 jun. 2002. p. 1-1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/d4281.htm>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BRASIL. LEI n. 6.938, de 31 de ago. de 1981. **Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação**. Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação. 1. ed. Brasília, v. 1, p. 1-27, ago. 1981. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6938.htm>. Acesso em: 02 abr. 2018.

BRASIL. LEI n. 9795, de 27 de abr. de 1999. **Política Nacional de Educação Ambiental**. 1. ed. Brasília, v. 1, p. 1-5, abr. 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm>. Acesso em: 20 dez. 2017.

BRASIL. Lei nº 7735, de 22 de fevereiro de 1989. **Cria O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis**. Brasília. Distrito Federal, 22 fev. 1989. p. 1-1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7735.htm>. Acesso em: 20 mar. 2018.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Documentos de Referência para o fortalecimento da política e do programa nacional de educação ambiental**: Pronea, marcos legais e normativas. Brasília. 2014. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/publicacoes/educacao-ambiental/category/98-pronea?download=1094:programa-nacional-de-educa%C3%A7%C3%A3o-ambiental-4%C2%AA-edi%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 28 de ago de 2017.

BRASIL. PARECER n. 226, de 11 de mar. de 1987. **Considera necessária a inclusão da Educação Ambiental nos currículos de 1º e 2º Graus dos Sistemas de Ensino**. inclusão da Educação Ambiental dentre os conteúdos a serem explorados nas propostas curriculares das escolas de 1º e 2º Graus. Brasília, v. 1, n. 1, p. 1-9, mar. 1987. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cd007088.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

BRASIL. **PORTARIA n. 678, de 14 de maio de 1991**. 1. ed. Brasília, v. 1, p. 1-2, maio. 1991. Disponível em:

<http://www.consultaesic.cgu.gov.br/busca/dados/Lists/Pedido/Attachments/522300/RESPOSTA_PEDIDO_Portaria_678_-_Parte_1.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2018.

BRASIL. Resolução n. 7, de 20 de mar. de 2009. Resolução/CD/FNDE nº 7. Dispõe sobre o **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)**. Brasília, p. 1-2, mar. 2009. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/aceso-a-informacao/institucional/legislacao/item/3292-resolu%C3%A7%C3%A3o-cd-fnde-n%C2%BA-7-de-20-de-mar%C3%A7o-de-2009-alterada>>. Acesso em: 02 fev. 2018.

BRASIL. **RESOLUÇÃO Nº 2, DE 15 DE JUNHO DE 2012**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental. Brasília. Resolução CNE/CP 2/2012. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de junho de 2012. Seção 1, p. 70.

Disponível em: <

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10988-rcp002-12-pdf&category_slug=maio-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 26 de ago. 2017.

BRASILEIRO, Osmando Jesus. **Representações da identidade indígena no livro didático de língua portuguesa e literatura: leis e teorias aplicadas**. 2014. 179 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestre em Letras, Universitário Ritter dos Reis, Porto Alegre, 2014. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1391339>. Acesso em: 13 nov. 2017.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do Estilo Tipográfico**. Tradução de André Stolarski. Cosac Naify, 2005. 12p.

CANCELLIER, Mariana Recco. **Ensino de geografia e crise**

ambiental: representações das águas nos livros didáticos do 6º ano do ensino fundamental (PNLD - 2014). 2015. 96 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2015. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3768737>. Acesso em: 13 nov. 2017.

CARVALHO, Isabela Bastos de. **O dialogismo entre o currículo e os livros**

didáticos: por um ensino de língua portuguesa menos emparedador das identidades étnico-raciais. 2016 155 f. Mestrado em Relações Étnico-Raciais Instituição de Ensino: Centro Federal de Educação Tecn. Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Cefet/RJ

CARVALHO, Isabel Cristina M. **La cuestión ambiental y el surgimiento de un**

campo educativo y político de acción social. In: GONZÁLEZ, Gaudiano, Édgar et al. (Org.). Tópicos en Educación Ambiental. 1. ed. MÉXICO: SEMARNAP, 1999. cap. 2, p. 27-33. v. 1. Disponível em:

<<http://www.anea.org.mx/Topicos/T%201/Pag%2027%20-%2033.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

CHABALGOITY, Diego. **Desvelamento da realidade e visão de mundo: contribuições de Paulo Freire à Educação Ambiental**'. 2004. 98 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Biblioteca Depositária: UERJ - Biblioteca CEH/A

COUTINHO, Maria Beatriz Dias. **O saber ambiental e epistemológico no ensino: concepções e práticas no livro didático de biologia**. 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015. Disponível em: <https://www.seduc.pi.gov.br/download/arquivos/biblioteca/1377998152.maria_beatriz_dias_coutinho_-_web.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2017.

CRUZ, Aldrin da Costa. **O índio no livro didático de história e a (des)construção de representações pelo professor indígena pataxó**. 2016. 192 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestre em Educação, Universidade do Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4051822>. Acesso em: 12 nov. 2017.

DAUD, Eliana Lopes. **A educação socio comunitária. E o subsídio de Paulo Freire**'. 2012. 77 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Americana Biblioteca Depositária: Centro Universitário Salesiano de São Paulo - Unidade de Ame

DEON, Alana Rigo. **A educação para a formação cidadã no livro didático do ensino médio de geografia: ocultos, silenciados e visíveis**. 2017. 158 p. Dissertação (Mestre em Educação nas Ciências) - Educação, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2016. 1. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4815071>. Acesso em: 12 jan. 2018.

DIONÍSIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **O livro didático de Português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 3 ed. 160p.

EICHENBERGER, Jacqueline Rogerio Carrilho. **Natureza, linguagem e racionalidades: contribuições para uma hermenêutica ambiental**. 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/6488/DISSERTA%C3%87%C3%83O%20JACQUELINE.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

FERRARI, Alice Rosa de Sena. **A África e os africanos em livros didáticos de história: entre prescrições e realizações**. 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade do Oeste Paulista, Presidente Prudente, 2016. Disponível em:

<<http://bdtd.unoeste.br:8080/jspui/bitstream/jspui/1025/5/Alice%20Rosa%20de%20Sena%20Ferrari.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

FERREIRA, Catyelle Maria de Arruda. **A questão ambiental nos livros didáticos do ensino fundamental II no distrito de ribeira - Cabaceiras/PB**. 2013. 90 f. Mestrado em Recursos Naturais. Instituição de Ensino: Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande Biblioteca Depositária: Biblioteca Geral da UFCG

FILHO, Armando Morais Correia de Melo. **Educação em direitos humanos: uma Análise de Livros Didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio**. 2015. 220 p. Dissertação (Mestre em Direitos Humanos) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015. 1. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/15683>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

FOCHEZATTO, Anadir. **A noção de libertação política no pensamento de Paulo Freire**. 2012 148 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel Biblioteca Depositária: UNIOESTE - Campus de Cascavel.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2016.a. 240p.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 37ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.b. 112p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000. 63p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 107p.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979. 53p

FRUTUOSO, Adelcides. **Questões étnico-raciais no ensino de filosofia: análise de livro didático**. 2015. 97 f. Mestrado em Relações Étnico-Raciais Instituição de Ensino: Centro Federal de Educação Tecn. Celso Suckow da Fonseca. Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Cefet/RJ.

GONÇALVES, Lílian Dilli. **O processo e o significado de elaborar princípios de convivência do trabalho coletivo à humanização: diálogos com Paulo Freire**. 2012. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFPL_c601cd51ae97af86e5705b103d7b7eb9>. Acesso em: 12 nov. 2017.

GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS: **PNLD 2015: apresentação**: ensino médio. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, – Brasília: 2014a. 52p.

GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS: **PNLD 2015: língua portuguesa**: ensino médio. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. – Brasília:2014b. 104p.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. 11. ed. Campinas, SP. Papyrus. 2014. 159p.

HELLER, Eva. **A Psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. Tradução: Maria Lúcia Lopes da Silva. 1 ed, São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

JURKIEWICZ, Samanta Samira Nogueira. **Relações étnico-raciais no ensino de língua portuguesa**: o que a princesa não aboliu? 2015. 113f. Mestrado em Relações Étnico-Raciais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

KLUCK, Claudia Regina Condello Candido de Oliveira. **O papel dos livros didáticos na construção do ensino religioso**'. 2015. 226 f. Mestrado em Teologia. Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba. Biblioteca Depositária: PUCPR

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003. 159p.

LEITÃO, Cleide. Ministério da Saúde. **Elaboração de material didático impresso para programas de formação a distância**: orientações aos autores. Rio de Janeiro: Ensp, 2005. 22 p. Disponível em:
<<http://www.ufrgs.br/nucleoad/documentos/ENSPMaterial.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2018.

LINDGREN ALVES, José Augusto. **A Cúpula Mundial sobre o Desenvolvimento Social e os paradoxos de Copenhague**. 1. Maio de 1997 Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v40n1/v40n1a06.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo (ORG). **Sociedade e Meio Ambiente**: a educação ambiental em debate. 7 ed. São Paulo, Corte. 2012. 184p.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; TORRES, Juliana Rezende (Org.). **Educação Ambiental**: dialogando com Paulo Freire. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014. 184 p.

MACHADO, Barbara Milene Silveira. **O campo de saber da história e a educação ambiental nos livros didáticos**: provocações e perplexidades para uma história do presente. 2009. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande 2009, Rio Grande, 2009. Disponível em:
<<http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/2178/brbara%20milene%20silveira%20machado.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

MADEIRA, Marcia Carolina de Araújo. **Educação ambiental e educação matemática**: uma busca pela interação e interação'. 2016. 129 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas Biblioteca Depositária: Sistema de Bibliotecas e Informação - Pontifícia Universidade Católica de Campinas

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008. 296p.

OLIVEIRA, Juliana Barreto Faria de. **Ideologia do trabalho nos livros didáticos na república velha (1910-1930)**. 2015a. 166 p. Dissertação (Mestre em Educação) - Faculdade de Humanidades e Direito. Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2015. 1. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2742900>. Acesso em: 12 nov. 2017.

OLIVEIRA, Marcelo Toniolo de. **A participação da classe operária na história brasileira do seu período de formação a 1945, nos conteúdos dos livros didáticos do ensino médio**. 2015b. 134 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2625797>. Acesso em: 12 nov. 2017.

OLIVEIRA, Naziel de. **Conceitos de natureza, meio ambiente e ambiente em livros didáticos de biologia aprovados no PNL D de 2012'**. 2015c. 79 f. Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática Instituição de Ensino: Universidade federal do paraná, Curitiba Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal do Paraná

ONU.UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos**: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem Jomtien, 1990. 1. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2018.

PIN, Silvana Aparecida. **Educação dialógico-libertadora e a transformação do mundo em freire**: uma leitura hermenêutica do pacto nacional pelo fortalecimento do ensino médio. 2016. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2016. Disponível em: <<http://www.fw.uri.br/NewArquivos/pos/dissertacao/dis-115.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

RAMOS, Rogério de Araújo. **Ser Protagonista**: Língua Portuguesa (1º ano – Ensino Médio). 2. Ed. São Paulo: Edições SM, 2013a. 159p. (professor).

RAMOS, Rogério de Araújo. **Ser Protagonista**: Língua Portuguesa (2º ano – Ensino Médio). 2. Ed. São Paulo: Edições SM, 2013b. 176p. (professor).

RAMOS, Rogério de Araújo. **Ser Protagonista: Língua Portuguesa (3º ano – Ensino Médio)**. 2. Ed. São Paulo: Edições SM, 2013c. 145p. (professor).

REIGOTA, Marcos. **O que educação ambiental?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2014. 89p.

REIGOTA, Marcos. **A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 174 p.

RESENDE, Bruno César de. **O livro didático de geografia no ensino médio: possibilidades para a educação do campo na região metropolitana de Belo Horizonte**. 2015. 181 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. 1. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2817091>. Acesso em: 12 nov. 2017.

RODRIGUES, Samanta Samira Nogueira. **Relações étnico-raciais no ensino de língua portuguesa: o que a princesa não aboliu?** 2015. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Pós-graduação em Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3248618>. Acesso em: 12 nov. 2017.

SANTOS, Amanda Matos. **O discurso ecológico no livro didático de língua portuguesa: política e poder**. 2013. Mestrado em Letras. Instituição de Ensino: Fundação Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão Biblioteca Depositária: undefined.

SILVA FILHO, Luiz Gomes da. **Educação do campo e pedagogia Paulo Freire na atualidade: um olhar sobre o currículo do curso pedagogia da terra da UFRN**. 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2253277>. Acesso em: 12 nov. 2017.

SILVA, Lidianne Maria da. **A metacognição no livro didático de ciências: um olhar sobre a abordagem ambiental do conteúdo água**. 2016a. 112 p. Dissertação (Mestrado em Ensino das Ciências) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016. 1. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4184392>. Acesso em: 12 jan. 2018.

SILVA, Juliana Cristina da. **Do papel para o digital: novas possibilidades do design do livro didático digital interativo na educação a distância**. 2016b. 203 f. Mestrado em Design. Instituição de Ensino: Universidade do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: José Carlos Campos Christo.

SILVA, Angélica Gomes da. **Arranjos familiares e educação: Uma análise das representações dos livros de sociologia do Programa Nacional do Livro Didático de 2015**. 2016c. 137 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade

Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: biblioteca do CFCH.

SILVA, Maria Antonia Fernandes da. **A pluralidade cultural no livro didático de língua portuguesa de educação de jovens e adultos: da teoria ao empoderamento do aluno.** 2016d. 86 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho Biblioteca Depositária: Roberto Pires. Disponível em: <<http://www.mestradoemletras.unir.br/uploads/91240077/Dissertacoes%20defendidas/Turma%202013/12.%20Maria%20Antonia%20A%20pluralidade%20cultural%20no%20livro%20didativo%20de%20lingua%20portuguesa.pdf>> Acesso em: 12 nov. 2017.

SILVA, André Luiz Borges da. **O modo de vida democrático como princípio educativo em Paulo Freire**'. 2016e. 86 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Londrina, Londrina Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

SILVA, Clemilson Cavalcanti da. **Sexualidade, parentalidade e doenças sexualmente transmissíveis/aids: análises em livros didáticos de ciências naturais**'. 2015 147 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal da Paraíba/João Pessoa, João Pessoa. Biblioteca Depositária: <http://btdt.biblioteca.ufpb.br/>

SOUZA, Camilo de Lélis Pereira de. **A importância da dialogia em educação ambiental: um olhar freiriano.** 2010. 2010 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2685>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

UNESCO (Jomtien). **Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem.** 1990. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

UNESCO. Unesco (Org.). **Declaração da Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental.** 1977. Disponível em: <<http://igeologico.sp.gov.br/wp-content/uploads/cea/Tbilisicompleto.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

VAL, Maria da Graça Costa; MARCUSCHI, Beth (Org.). **Livros didáticos de língua Portuguesa: letramento e cidadania.** Belo Horizonte: Ceale, 2008.272p.

VOICHICOSKI, Márcia Silvana Rodrigues. **As abordagens do tema meio ambiente pelos livros didáticos e professores da quinta série do Ensino Fundamental**'. 2011 160 f. Mestrado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa Biblioteca Depositária: Campus de Uvaranas. Disponível em: <<http://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/1320>>. Acesso em: 13 nov. 2017.

WERRI, Ana Paula Salvador. **A Função Social da Educação para Paulo Freire (1958-1965)**. 2008. 224 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História da Educação, Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2008. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/dissertacoes/2008_ana_paula.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2017.

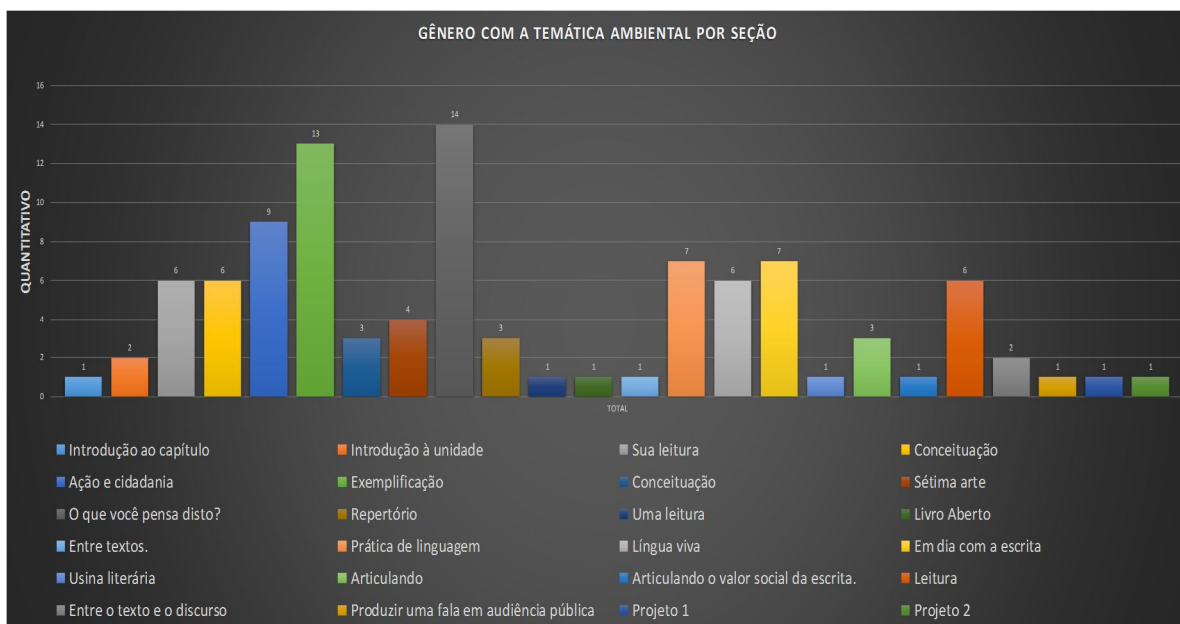
WILLIAMS, Robin. **Design para quem não é designer: noções básicas de planejamento visual**. Tradução Laura Karin Gillon. São Paulo: Callis, 1995. 8 edição. 191p.

APÊNDICE - A

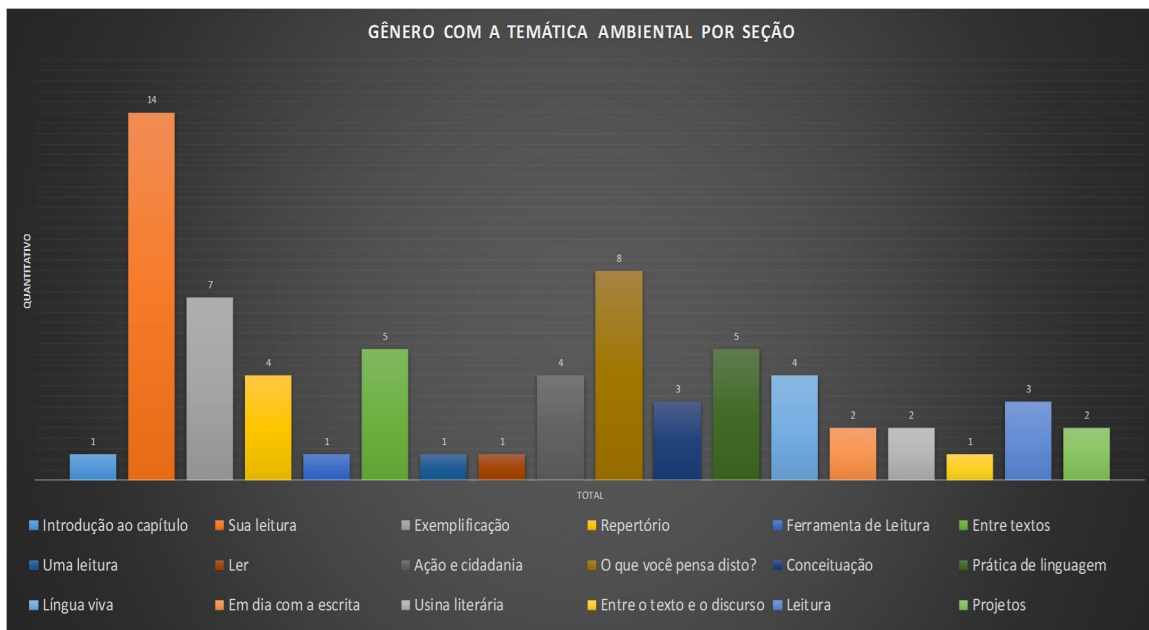
Primeiro Volume



Segundo Volume



Terceiro Volume



APÊNDICE – B



ANEXO

TIPOS DE PERGUNTAS	EXPLICITAÇÃO DOS TIPOS	EXEMPLOS
1. A cor do cavalo branco de Napoleão	São P não muito frequentes e de perspicácia mínima, sendo já autorrespondidas pela própria formulação. Assemelham-se às indagações do tipo: “Qual a cor do cavalo branco de Napoleão?”	<ul style="list-style-type: none"> • Ligue: Lilian • Não preciso falar sobre o que aconteceu. Mamãe • Mamãe, desculpe, eu menti para você.
2. Cópias	São as P que sugerem atividades mecânicas de transcrição de frases ou palavras. Verbos frequentes aqui são: <i>copie, retire, aponte, indique, transcreva, complete, assinale, identifique etc.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Copie a fala do trabalhador. • Retire do texto a frase que... • Copie a frase corrigindo-a de acordo com o texto. • Transcreva o trecho que fala sobre... • Complete de acordo com o texto.
3. Objetivas	São as P que indagam sobre conteúdos objetivamente inscritos no texto (o quê, quem, quando, como, onde...) numa atividade de pura decodificação. A resposta acha-se centrada exclusivamente no texto.	<ul style="list-style-type: none"> • Quem comprou a meia azul? • O que ela faz todos os dias? • De que tipo de música Bruno mais gosta? • Assinale com um x a resposta certa
4. Inferenciais	Estas P são as mais complexas; exigem conhecimentos textuais e outros, sejam eles pessoais, contextuais, enciclopédicos, bem como regras inferenciais e análise crítica para busca de respostas.	Há uma contradição quanto ao uso da carne de baleia no Japão. Como isso aparece no texto?
5. Globais	São as P que levam em conta o texto como um todo e aspectos extratextuais, envolvendo processos inferenciais complexos	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a moral dessa história? • Que outro título você daria? • Levando-se em conta o sentido global do texto, pode concluir que...
6. Subjetivas	Estas P em geral têm a ver com o texto de maneira apenas superficial, sendo que a R fica por conta do aluno e não há como testá-la em sua validade.	<ul style="list-style-type: none"> • Qual a sua opinião sobre...? • O que você acha do...? • Do seu ponto de vista, a atitude do menino diante da velha senhora foi correta?
7. Vale-tudo	São as P que indagam sobre questões que admitem qualquer resposta não havendo possibilidade de se equivocar. A ligação com o texto é apenas um pretexto sem base alguma para a resposta.	<ul style="list-style-type: none"> • De que passagem do texto você mais gostou? • Se você pudesse fazer uma cirurgia para modificar o funcionamento de seu corpo, que órgão você operaria? Justifique sua resposta. • Você concorda com o autor?
8. Impossíveis	Estas P exigem conhecimentos externos ao texto e só podem ser respondidas com base em conhecimentos	<ul style="list-style-type: none"> • Dê um exemplo de pleonasma vicioso (Não havia pleonasma no texto e isso não fora explicado na lição) • Caxambu fica onde?

	enciclopédicos. São questões antípodas às de cópia e às objetivas	(O texto não falava de Caxambu)
9. Metalinguísticas	São as P que indagam sobre questões formais, geralmente da estrutura do texto ou do léxico, bem como de partes textuais.	<ul style="list-style-type: none"> • Quantos parágrafos tem o texto? • Qual o título do texto? • Quantos versos tem o poema? • Numere os parágrafos do texto.

RESENHA BIOGRÁFICA DO AUTOR

Graduado em Letras Português pela UFS (2009), Especialista em Língua Portuguesa pela PIO X (2011) e mestrando em Ciências Ambientais com enfoque em Educação Ambiental (2018). Servidor público há 10 anos, sendo oito deles dedicados aos Institutos Federais (IFS, IFTO e IFAL), atuando nos segmentos administrativo e pedagógico. Foi Coordenador de Registro Escolar, do curso de Licenciatura em Computação, do Pronatec e, atualmente, está à frente da Coordenação de Pesquisa do campus Penedo/IFAL. Mormente, apaixonado por poesias, sobretudo, sonetos e cordéis; admirador das histórias em quadrinhos; amante de músicas poéticas e de influência política. Livro do coração: O Pequeno Príncipe. "O Essencial é invisível aos olhos"